

ATMAN



Ordens da ajuda

Bert Hellinger





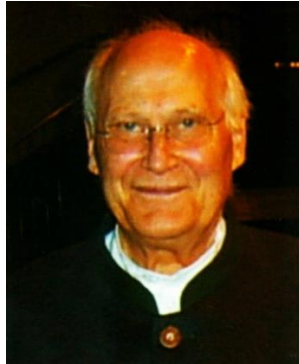
ORDENS DA AJUDA

Bert Hellinger

Este livro se dirige, em primeiro lugar, àqueles que por sua profissão ajudam outros, tais como médicos, colaboradores em diversos órgãos sociais, professores, sacerdotes, consultores de empresas. Por isso, é um livro de formação para muitas outras pessoas, por exemplo, para pais.

Ele mostra muitos exemplos de terapias breves de diversos tipos.

O leitor vai encontrar neste livro uma profusão de destinos humanos, que nos tocam. E se nós nos sensibilizarmos, nos tornaremos mais humanos e mais suaves. Aqui experimentamos a vida em sua diversidade e grandeza. É também um livro divertido e liberador, porque muitas das soluções aqui apresentadas se revelaram ser surpreendentemente simples.



Bert Hellinger, nascido na Alemanha em 1925, formou-se em Teologia e em Pedagogia e trabalhou 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul. Através de uma formação e experiência em campos variados, como Psicanálise, Terapia Primal, Análise Transacional, Hipnoterapia e Terapia familiar, desenvolveu um método original de constelações sistêmicas, largamente difundido em todos os continentes.

Seus livros, traduzidos em muitas línguas, incluem reprodução de workshops, ensaios teóricos, pensamentos, poemas e contos breves; em contextos de genuína e forte espiritualidade.

EDITORA ATMAN

Bert Hellinger

Ordens da ajuda

Um livro de treinamento

Tradução

Tsuyuko Jinno-Spelter

Revisão

Wilma Costa Gonçalves Oliveira

1ª Edição – agosto de 2005

ATMAN



Título do original alemão: **Ordnungen des Heffens**

Carl-Auer-Systeme Verlag

Heidelberg - Germany

Copyright© 2003 by Bert Heliinger – todos os direitos reservados

1a edição, 2003

ISBN 3-89670-421-4

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do “Copyright”, exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

1a Edição - agosto 2005

Alterações do livro original feitas pelo próprio autor

ISBN 85-98540-05-6

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:

EDITORA ATMAN Ltda.

Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil

Telefax: (34) 3821-9999 - <http://www.atmaneditora.com.br>

editora@atmaneditora.com.br

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Capa e Diagramação: Grafipres - Fábio Alves Silva

Revisão ortográfica: Elvira Nícia Viveiros Montenegro

Coordenação editorial: Wilma Costa Gonçalves Oliveira

Depósito legat na Biblioteca Nacional, conforme o decreto nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H477o

Heliinger, Bert.

Ordens da ajuda / Bert Heliinger; tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter
— Patos de Minas: Atman, 2005.

248 p.

ISBN 85*98540-05-6

1. Psicologia aplicada. 2. Relações interpessoais, ajuda. I. Título.

CDD:158.2

Pedidos:

www.atmaneditora.com.br

comerdal@atmaneditora.com.br

(34) 3821-9999

Este livro foi impresso com: **Capa:** supremo LD 250 g/m²

Miolo: offset LD 75 g/m²

Formato fechado: 23x16 cm

Sumário

Sabedoria	7
Sobre este livro	8
Introdução e visão geral	9
O que significa ajudar?	9
Ajuda como compensação	9
A primeira ordem da ajuda	10
A segunda ordem da ajuda	10
O arquétipo da ajuda	11
A terceira ordem da ajuda	11
A quarta ordem da ajuda	13
A quinta ordem da ajuda	14
A percepção especial	15
Observação, percepção, compreensão, intuição, sintonia	15
Criança psicótica	18
A psicose como sofrimento de um sistema	19
O claro e o escuro	19
Aditamento	24
A precedência do novo sistema	24
Ajudar além da transferência e da contratransferência	26
Transferência e contratransferência	27
Coragem para a percepção	29
O anjo da guarda	29
Empatia sistêmica	30
“Nós deixamos que o pai de vocês parta”	32
A postura sistêmica	33
Compulsão de se lavar	33
O outro tipo de ajuda	35
Perguntas	36
Transferência e contratransferência em relação a crianças	36
Lidar com a violência	37
A criança	38
O crescimento interno	38
A compreensão	40
Sobre as terapias breves	40

O medo.....	40
O lugar do ajudante.....	41
A dignidade.....	43
Menos é mais.....	45
A prudência.....	46
Vício.....	49
A morte.....	50
Depressão: a solução a partir de uma conquista pessoal.....	51
A retirada.....	54
Viciado em drogas.....	55
Psicose maníaco-depressiva.....	57
A indignação.....	64
Jogo mortal.....	65
O controle.....	66
“Vá para os homens”.....	68
Criança irrequieta.....	70
Amor secreto.....	76
Autismo.....	77
Distúrbio de múltipla personalidade.....	83
“Estou feliz por estar doente”.....	86
A culpa.....	91
O câncer.....	93
A morte.....	96
O fogo.....	96
A seriedade.....	100
Supervisão para um casal que conduz, juntos, cursos de Constelações Familiares.....	102
Distúrbio de personalidade múltipla: o pai esteve na SS.....	106
Meditação: vítimas e agressores.....	107
“Eu tomo conta da mamãe”.....	108
O triângulo amoroso.....	109
Ajuda estratégica.....	110
Ajuda sistêmica.....	111
O apego dos mortos.....	116
O melhor lugar.....	118
A lealdade.....	119
O lugar de força.....	120

Perguntas	122
A salvação	127
A morte	128
O filho pródigo	130
A solução	134
A impotência	138
Ida ao cemitério com uma criança	141
Paz aos mortos	143
Soluços: “Eu não denuncio nada”	146
A tristeza	155
A relação a três	158
O russo	163
O certo	169
A dignidade	173
A alma perdida.....	178
A salvação	180
O passo que cura.....	183
“Nós olhamos para eles”	187
A saída	188
A confissão.....	190
A careta.....	190
Morrer substitutivamente	193
O ajudante como guerreiro	195
Cartas de “amor”	196
A retirada.....	199
A concordância	199

Sabedoria

O sábio concorda com o mundo tal como é,
sem temor e sem intenção.

Está reconciliado com a efemeridade
e não almeja além daquilo que se dissipa com a morte.

Conserva a orientação, porque está em harmonia,
e somente interfere o quanto a corrente da vida o exige.

Pode diferenciar entre:
é possível ou não, porque não tem intenções.

A sabedoria é o fruto de uma longa disciplina e exercício,
mas aquele que a possui, a possui sem esforço.

Ela está sempre no caminho e chega à meta,
não porque procura.
Mas porque cresce.

Sobre este livro

Como se originou este livro? Os participantes de cursos de treinamento em constelações familiares relataram em que ponto sentiram-se limitados ao tentar ajudar os outros. Por isso, olhamos juntos para essas tentativas de ajuda para descobrir:

- se ajudar era possível e permitido nesta situação especial e
- quais os passos de ajuda que eram adequados ou necessários.

Nós interrompemos, assim que encontramos os passos essenciais. Dessa forma, treinamos juntos como ajudar o outro apenas até o ponto em que ele necessita, e como deixá-lo imediatamente em sua independência, quando ele percebe o essencial para si. Com isso, os participantes foram introduzidos, em curto espaço de tempo, em uma abundância de procedimentos diversificados. Isso permitiu a eles aguçarem a percepção. Puderam verificar em si mesmos, através de muitos exemplos, qual o efeito que teve um ou o outro modo de proceder. Reconheceram imediatamente, qual procedimento tinha uma perspectiva de sucesso. Os outros participantes também foram inseridos nesses processos de percepção.



Bert Hellinger

junho de 2003

Introdução e visão geral

O que significa ajudar?

Ajudar é uma arte. Como toda arte, faz parte dela uma faculdade que pode ser aprendida e praticada. Também faz parte dela uma sensibilidade para compreender aquele que procura ajuda; portanto, a compreensão daquilo que lhe é adequado e, simultaneamente, daquilo que o ergue, acima de si mesmo, para algo mais abrangente.

Ajuda como compensação

Nós, seres humanos, dependemos, sob todos os aspectos, da ajuda de outros. Só assim podemos nos desenvolver. Ao mesmo tempo, precisamos também ajudar outros. Aquele de quem não se necessita, aquele que não pode ajudar outros, fica só e definha. A ajuda serve, portanto, não somente aos outros, mas também a nós mesmos.

Via de regra, a ajuda é recíproca, por exemplo, entre parceiros. Ela se ordena pela necessidade de compensar. Quem recebeu de outros o que deseja e precisa, também quer dar algo, compensando assim a ajuda.

Para nós, muitas vezes a compensação através da retribuição só é possível de uma forma limitada, por exemplo, em relação a nossos pais. O que eles nos presentearam é grande demais para que possamos compensar, retribuindo com algo. Assim, só nos resta, em relação a eles, o reconhecimento pelo presente que nos deram e o agradecimento que vem do coração. A compensação através da retribuição e o conseqüente alívio só se consegue quando se passa isso adiante, por exemplo, aos próprios filhos.

Portanto, o tomar e o dar acontecem em dois níveis. O primeiro, que ocorre entre pessoas equiparadas, permanece no mesmo nível e exige reciprocidade. No outro, entre pais e filhos ou entre superiores e necessitados, existe um desnível. Tomar e dar se assemelha aqui a um rio que leva adiante o que recebe em si. Este tomar e dar é maior. Tem em vista o que vem depois. O ajudar dessa maneira aumenta o que foi presenteado. Aquele que ajuda é tomado e inserido em algo maior, mais rico e duradouro.

Essa ajuda pressupõe que, primeiro, nós próprios tenhamos recebido e tomado. Somente assim teremos a necessidade e a força de ajudar outros, principalmente quando essa ajuda exige muito de nós. Ao mesmo tempo,

pressupõe que aqueles que queremos ajudar também necessitam e desejam aquilo que podemos e queremos dar a eles. Caso contrário, a nossa ajuda se perde no vazio. Separa, ao invés de unir.

A primeira ordem da ajuda

A primeira ordem da ajuda consiste, portanto, em dar apenas o que se tem e somente esperar e tomar o que se necessita.

A primeira desordem da ajuda começa quando uma pessoa quer dar o que não tem, e a outra quer tomar algo de que não precisa. Ou quando uma pessoa espera e exige da outra algo que ela não pode dar, porque ela mesma não tem. Também ocorre quando uma pessoa não pode dar algo, porque com isso tiraria da outra algo que só ela pode ou deve carregar e fazer. Portanto, existem limites no dar e tomar. Pertence à arte da ajuda percebê-los e se submeter a eles.

Essa ajuda é humilde. Muitas vezes, renuncia à ajuda em face da expectativa e também da dor. Nas Constelações Familiares nos é mostrado o que o ajudante deve exigir, tanto de si como daquele que procura a sua ajuda. Essa humildade e essa renúncia contradizem muitas ideias tradicionais sobre a maneira correta de ajudar e, frequentemente, expõem o ajudante a graves acusações e ataques.

A segunda ordem da ajuda

A ajuda está a serviço da sobrevivência, por um lado, e da evolução e crescimento, por outro. A sobrevivência, a evolução e o crescimento dependem de circunstâncias especiais, tanto externas quanto internas. Muitas circunstâncias externas são preestabelecidas e inalteráveis, por exemplo, uma doença hereditária ou consequências de acontecimentos; da própria culpa ou da culpa de outras pessoas. Quando a ajuda desconsidera as circunstâncias externas ou não as admite, está fadada ao fracasso.

Isso vale ainda mais para as circunstâncias internas. A elas pertencem a missão pessoal particular, o emaranhamento nos destinos de outros membros da família e o amor cego que, sob a influência da consciência, permanece ligado ao pensamento mágico. O que isso significa, nos seus pormenores, esclareci minuciosamente no meu livro *Ordens do amor*, no capítulo *Do céu que faz adoecer e da terra que cura*.

Para muitos ajudantes pode ser que o destino do outro pareça ser difícil e por isso querem mudá-lo. Entretanto, muitas vezes, não porque o outro

precise ou queira, mas porque os próprios ajudantes não conseguem suportar esse destino. E quando o outro, mesmo assim, se deixa ajudar por eles, não é tanto porque precise disso, mas porque deseja ajudar o ajudante. Então, essa ajuda se torna tomar e o tomar a ajuda, doar.

Portanto, a segunda ordem da ajuda é nos submetermos às circunstâncias e somente interferir e apoiar à medida que elas o permitirem. Essa ajuda é discreta e tem força.

A desordem da ajuda seria, aqui, negarmos ou encobrirmos as circunstâncias, ao invés de olhá-las juntamente com aquele que procura ajuda. O querer ajudar contra as circunstâncias enfraquece tanto o ajudante quanto aquele que espera ajuda ou a quem ela é oferecida ou, até mesmo, imposta.

O arquétipo da ajuda

O arquétipo da ajuda é a relação entre pais e filhos, principalmente entre a mãe e o filho. Os pais dão, os filhos tomam. Os pais são grandes, superiores e ricos; os filhos pequenos, necessitados e pobres. Entretanto, porque pais e filhos estão ligados por um profundo amor mútuo, o dar e o tomar entre eles podem ser quase ilimitados. Os filhos podem esperar quase tudo de seus pais. Os pais estão dispostos a dar quase tudo aos seus filhos. Na relação entre pais e filhos as expectativas dos filhos e a prontidão dos pais para atendê-las são necessárias e, por isso, estão em ordem.

Entretanto, estão em ordem enquanto os filhos ainda são pequenos. Com o avançar da idade, os pais vão colocando limites aos filhos, com os quais estes podem entrar em atrito e dessa forma, amadurecendo. Seriam esses pais menos amorosos com os seus filhos? Seriam pais melhores se não colocassem limites? Ou provam ser bons pais justamente porque exigem de seus filhos algo que os prepara para uma vida de adultos? Muitos filhos ficam, então, com raiva de seus pais porque preferem manter a dependência original. Contudo, justamente porque os pais se retraem e desiludem essas expectativas, ajudam seus filhos a se libertarem dessa dependência e, passo a passo, a agirem por própria responsabilidade. Somente assim os filhos tomam o seu lugar no mundo dos adultos e se transformam de tomadores em doadores.

A terceira ordem da ajuda

Muitos ajudantes, por exemplo, na psicoterapia e no trabalho social, pensam que precisam ajudar aqueles que procuram ajuda, como os pais ajudam seus

filhos pequenos. Inversamente, muitos que procuram ajuda esperam que os ajudantes se dediquem a eles como pais em relação a seus filhos e esperam receber deles, mais tarde, o que ainda esperam ou exigem de seus próprios pais.

O que acontece se os ajudantes correspondem a essas expectativas? – Eles se envolvem numa longa relação. Para onde leva essa relação? — Os ajudantes ficam na mesma situação dos pais, lugar onde se colocaram através desse querer ajudar. Passo a passo, precisam colocar limites aos que procuram ajuda, decepcionando-os. Então, estes desenvolvem frequentemente, em relação aos ajudantes, os mesmos sentimentos que tinham antes em relação aos pais. Dessa maneira, os ajudantes que se colocaram no lugar dos pais e talvez até queiram ser melhores que os pais tornam-se para os clientes iguais aos pais deles.

Muitos ajudantes permanecem presos na transferência e na contratransferência da criança em relação aos pais dificultando, assim, ao cliente a despedida tanto de seus pais quanto deles.

Ao mesmo tempo, a relação segundo o modelo da transferência entre pais e filhos impede também o desenvolvimento pessoal e amadurecimento do ajudante. Vou ilustrar isso com um exemplo.

Quando um homem jovem se casa com uma mulher mais velha, ocorre a muitos a imagem de que ele procura uma substituta para sua mãe.

E ela, o que procura? — Um substituto para seu pai. O inverso também é válido. Quando um homem mais velho se casa com uma mulher jovem, muitos dizem que ela procurou um pai. E ele? — Ele procurou uma substituta para sua mãe. Portanto, embora isso possa soar estranho, quem persiste por muito tempo numa posição superior e até a procura e quer conservá-la, recusa-se a assumir seu lugar de igual para igual no mundo dos adultos.

Contudo, existem situações em que é conveniente que, por um curto tempo, o ajudante represente os pais; por exemplo, quando um movimento precocemente interrompido precisa ser levado a seu termo¹. Mas,

¹ Quando uma criança pequena não pôde ir até à mãe ou ao pai, embora precisasse deles com urgência e ansiasse por eles, por exemplo, numa longa internação hospitalar, esse anseio se transforma em tristeza, desespero e raiva. Depois, a criança se afasta de seus pais e mais tarde também de outras pessoas, embora anseie por elas. Essas consequências de um movimento precocemente interrompido são superadas quando o movimento original é

diferentemente da transferência da relação entre pais e filhos, os ajudantes representam aqui os pais reais e não se colocam em seu lugar como uma mãe melhor ou um pai melhor. Por isso, os clientes também não precisam *j* se desprender deles. Os próprios ajudantes os afastam de si e os levam para os pais biológicos. Assim, ambos ficam mutuamente livres.

Seguindo esse modelo de sintonia com os pais verdadeiros, os ajudantes podem fazer fracassar, desde o início, a transferência da relação entre pais e filhos. Se eles respeitam de coração os pais de seus clientes, se estão em sintonia com esses pais e seus destinos, os clientes encontram, ao mesmo tempo, nos ajudantes, os seus pais, não podendo mais se esquivar deles.

O mesmo é válido quando ajudantes lidam com crianças. Na medida em que somente representam os pais, os clientes podem se sentir acolhidos junto a eles. Os ajudantes não se colocam no lugar dos pais.

A terceira ordem da ajuda seria, portanto, que o ajudante também se colocasse como adulto perante um adulto que procura ajuda. Com isso, ele recusaria as tentativas do cliente de forçá-lo a fazer o papel de seus pais.

É compreensível que isso seja sentido e criticado por muitos como dureza. Paradoxalmente, essa “dureza” é criticada por muitos como arrogância, embora, olhando com exatidão, o ajudante seja muito mais arrogante numa transferência da relação entre pais e filhos.

A desordem da ajuda aqui é permitir que um adulto faça reivindicações ao ajudante como uma criança aos seus pais, e que o ajudante trate o cliente como uma criança, para poupá-lo de algo que ele mesmo precisa e deve carregar — a responsabilidade e as consequências.

É o reconhecimento dessa terceira ordem da ajuda que diferencia profundamente as constelações familiares e o trabalho com os movimentos da alma, da psicoterapia habitual.

A quarta ordem da ajuda

Sob a influência da psicoterapia clássica, muitos ajudantes frequentemente encaram seu cliente como um indivíduo isolado. Com isso, também ficam facilmente em perigo de uma transferência da relação entre pais e filhos.

O indivíduo é parte de uma família. Somente quando o ajudante o percebe

retornado e levado a seu termo. Nesse processo, um ajudante representa a mãe ou o pai de outrora, e o cliente pode completar o movimento interrompido, como a criança de então.

como uma parte de sua família é que ele percebe de quem o cliente precisa e a quem ele talvez deva algo. Logo que o ajudante o vê junto com seus pais e ancestrais e talvez, também, com o seu parceiro e seus filhos, ele o percebe realmente. Percebe também quem nessa família precisa, em particular, de seu respeito e ajuda e a quem o cliente precisa se dirigir para reconhecer os passos decisivos e caminhar.

Isto significa que a empatia do ajudante deve ser menos pessoal, mas sobretudo sistêmica. Ele não se envolve num relacionamento pessoal com o cliente. Esta é a quarta ordem da ajuda.

A desordem da ajuda seria, aqui, se outras pessoas essenciais que, por assim dizer, têm nas mãos a chave para a solução, não fossem olhadas e honradas. A elas pertencem sobretudo as pessoas que foram excluídas da família, por exemplo, por que os outros se envergonharam delas.

Também aqui o grande perigo é que essa empatia sistêmica seja sentida como dura pelo cliente, principalmente por aqueles que fazem reivindicações infantis ao ajudante. Pelo contrário, aquele que procura uma solução, de maneira adulta, sente o procedimento sistêmico como uma libertação e uma fonte de força.

A quinta ordem da ajuda

As constelações familiares unem o que antes estava separado. Neste sentido, está a serviço da reconciliação, sobretudo com os pais. O que impede essa reconciliação é a diferenciação entre os bons e maus membros da família, tal como fazem muitos ajudantes, sob a influência de sua própria consciência e sob a influência de uma opinião pública que está presa nesses limites dessa consciência. Por exemplo, quando um cliente se queixa de seus pais, sobre as circunstâncias de sua vida ou sobre seu destino e quando um ajudante se apropria da visão desse cliente, ele está mais a serviço do conflito e da separação do que da reconciliação. Por isso, só alguém que dá imediatamente um lugar em sua alma à pessoa de quem o cliente se queixa pode ajudar a serviço da reconciliação. Dessa maneira, o ajudante antecipa, na sua própria alma, o que o cliente ainda precisa realizar.

A quinta ordem da ajuda é, portanto, o amor a cada um como ele é, por mais que ele seja diferente de mim. Dessa forma, o ajudante abre-lhe seu coração, tornando-se parte dele. Aquilo que se reconciliou em seu coração, também pode se reconciliar no sistema do cliente.

A desordem da ajuda seria aqui o julgamento sobre outros, que geralmente é uma condenação, e a indignação moral ligada a isso. Quem realmente ajuda, não julga.

A percepção especial

Para agir de acordo com as ordens da ajuda é necessária uma percepção especial. O que disse sobre as ordens da ajuda não deve ser aplicado de modo rigoroso e metódico. Quem tentar isso, pensa, ao invés de perceber. Ele reflete e recorre a experiências anteriores ao invés de se expor à situação como um todo e dela apreender o essencial. Por isso, essa percepção é tanto direcionada quanto reservada.

Nessa percepção, eu me direciono a uma pessoa, entretanto sem querer algo determinado, a não ser percebê-la interiormente, de uma forma abrangente, considerando a próxima ação que deve ser realizada.

Essa percepção surge do centramento interno. Nele, abandono o nível das reflexões, das intenções, das diferenciações e dos medos. Eu me abro para algo que me toca imediatamente, a partir do interior. Aquele que como representante numa constelação já se entregou aos movimentos da alma e foi dirigido e impelido por eles, de uma forma totalmente surpreendente, sabe do que estou falando. Ele percebe algo que, para além de suas ideias habituais, torna-o capaz de ter movimentos precisos, imagens internas, vozes interiores e sensações incomuns. Esses movimentos o dirigem, por assim dizer, de fora e simultaneamente de dentro. Perceber e agir convergem aqui. Portanto, essa percepção é menos receptiva e reprodutiva, ela é produtiva. Leva à ação, amplia e se aprofunda na realização.

Normalmente, a ajuda que sobrevêm dessa percepção é de curta duração. Permanece no essencial, mostra o próximo passo, retira-se rápido e deixa o outro imediatamente livre. É uma ajuda de passagem. Nós nos encontramos, damos uma indicação e cada um retorna ao seu próprio caminho. Essa percepção reconhece quando a ajuda é conveniente e quando prejudica; quando desencoraja mais do que promove; quando é mais um alívio da própria necessidade do que servir ao outro e é modesta.

Observação, percepção, compreensão, intuição, sintonia

Talvez ainda seja útil descrever aqui as formas diversas de conhecimento, para que, quando ajudarmos, possamos recorrer e escolher dentre elas, a maior gama de possibilidades. Vou começar com a observação.

A *observação* é aguda, precisa e direcionada para os detalhes. Por ser tão precisa, é também limitada. Escapa-lhe o que está ao redor, tanto o que está mais próximo quanto o mais distante. Porque é tão exata, ela é próxima, resoluta e penetrante e também, de certa forma, impiedosa e agressiva. Ela é condição para a ciência exata e para a técnica moderna que é dela proveniente.

A *percepção* é distanciada. Precisa da distância. Ela percebe simultaneamente várias coisas, abrange com a vista, ganha uma impressão do todo, vê os detalhes ao seu redor e no seu lugar. Entretanto, no que diz respeito aos detalhes, ela é imprecisa.

Este é um lado da percepção. O outro é que ela entende o observado e o percebido. Ela entende o significado de uma coisa ou de um processo observado e percebido. Ela vê, por assim dizer, por trás do observado e percebido, entende o seu sentido. Portanto, acrescenta-se, à observação externa e à percepção, uma compreensão.

A *compreensão* pressupõe observação e percepção. Sem a observação e a percepção também não resulta a compreensão. Ao contrário: sem a compreensão, o observado e percebido permanecem sem relação. A observação, a percepção e a compreensão compõem um todo. Apenas quando atuam juntas é que percebemos, de forma que podemos agir de um modo significativo e sobretudo, também ajudar de um modo significativo.

Na execução e na ação aparece ainda, frequentemente, um quarto elemento: a *intuição*. Ela tem afinidade com a compreensão, assemelha-se a ela, mas não é a mesma coisa. A intuição é a compreensão súbita da próxima ação a ser realizada.

A compreensão é, muitas vezes, geral, entende todo o contexto e todo o processo. A intuição, pelo contrário, reconhece o próximo passo e por isso é exata. A relação entre a intuição e a compreensão é semelhante à relação entre a observação e a percepção.

A *sintonia* é a percepção que vem de dentro, em um sentido amplo. A sintonia também está direcionada a uma ação, de maneira semelhante à intuição, principalmente a uma ajuda que conduz à ação. A sintonia exige que eu entre na mesma vibração do outro, que chegue à mesma faixa de onda, sintonize com ele e, assim, entenda-o. Para entendê-lo, preciso também entrar em sintonia com sua origem, principalmente com seus pais, mas

também com seu destino, suas possibilidades, seus limites — também com as consequências de seu comportamento, sua culpa e, finalmente, com sua morte.

Em sintonia, eu me despeço de minhas próprias intenções, meu julgamento, meu superego e daquilo que ele quer, do que eu devo e preciso fazer. Isso quer dizer: eu chego à mesma sintonia comigo e com o outro. Dessa forma, o outro também pode entrar em sintonia comigo, sem se perder, sem precisar ter medo de mim. Também posso estar em sintonia com ele e permanecer em mim mesmo. Não me entrego a ele, em sintonia com ele conservo a distância e, exatamente por isso, posso perceber precisamente o que eu posso e devo fazer, quando eu o ajudo. Por isso a sintonia é também passageira. Dura somente o tempo que dura a ação que ajuda. Depois disso cada um volta à sua vibração especial. Por isso, não existe na sintonia transferência nem contratransferência, nem a chamada relação terapêutica, portanto, nenhuma tomada de responsabilidade pelo outro. Cada um permanece livre do outro.

CURSO DE TREINAMENTO EM COLÔNIA— NOVEMBRO DE 2002²

“A rodada”

HELLINGER *para o grupo* Este é um curso de treinamento. Não farei terapia; darei um curso de treinamento, é claro que na medida do possível.

Gostaria de dizer algo sobre o procedimento fundamental. Vamos trabalhar em uma rodada. Rodada significa que cada participante, um após o outro, tem a palavra. Cada um recebe a mesma chance de falar sobre o seu tema. A rodada é um instrumento importante para lidar com cada um dos participantes de um grupo de modo que todos preservem sua dignidade. Ninguém deve intervir para elogiar ou criticar um outro — nem uma coisa nem outra.

Somente eu intervenho para me dedicar a uma questão de um participante. Intervenho sempre quando o essencial não está mais sendo visto, por exemplo, quando uma pessoa começa a falar sobre seus sentimentos. Aqui se trata de um aprendizado. Por essa razão não permito que alguém queira atrair a atenção para si. Vou conduzir o curso de forma que todos possam vivenciar e aprender o mais que puderem.

Criança psicótica

HELLINGER *para a primeira participante* Do que se trata? *quando a participante pega um papel e começa a lê-lo, ele diz ao grupo* Nunca escuto quando alguém lê. Esta já é a primeira experiência de aprendizado aqui. Podemos esquecer quando alguém começa a ler um papel, porque ele não está sintonizado com a sua alma. *para a participante* Então, do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de minha paciente. Ela é natural da Iugoslávia e tem dois filhos. Veio por causa de uma crise matrimonial que começou há um ano. Também há um ano, o caçula desenvolveu uma psicose. HELLINGER Está bem.

PARTICIPANTE Devo dizer mais algo ainda?

² Este curso foi também documentado no vídeo: Bert Hellinger — A alma presenteia. Curso de treinamento para consteladores. 2 vídeos, 4:50 h. À venda na Video Verlag Bert Hellinger, Postfach 2166, D-83462 — Berchtesgaden. À venda também em DVD.

HELLINGER Não, não preciso saber de mais nada.

para o grupo A palavra-chave já foi pronunciada. Trata-se da psicose de uma criança.

para a participante Qual é a idade do rapaz?

PARTICIPANTE 19 anos.

HELLINGER Franz Ruppert publicou recentemente um livro muito bom, *Verwirrte Seelen (Almas desnorteadas)*, no qual mostra de uma forma convincente que psicoses não são doenças, e sim, algo que tem a ver com a alma e, na verdade, com a alma familiar. Por isso, podemos nos aproximar aqui sistemicamente desse tema, com cuidado, através das constelações familiares e dos movimentos da alma e, talvez, encontrar uma boa solução.

A psicose como sofrimento de um sistema

Em primeiro lugar, a psicose não é o sofrimento de um indivíduo. Ela é o sofrimento de um sistema. Desde o curso para pacientes psicóticos, que está documentado no meu livro e vídeo *Liebe am Abgrund (Amor à beira do abismo)*, para mim foi ficando cada vez mais claro que por trás de uma psicose — e com isso se quer dizer, via de regra, uma esquizofrenia — está uma morte, frequentemente uma morte encoberta.

A pessoa que sofre ou a família como um todo fica desnortada, porque precisa incluir, ao mesmo tempo, tanto a vítima quanto o agressor em sua própria alma. Isso leva a um desnortamento. A solução é que ambos, vítima e agressor, recebam novamente um lugar na família. Isso acontece, antes de mais nada, quando o agressor e a vítima são colocados um em frente ao outro, respeitam-se mutuamente e tomam o outro em sua própria alma. Esse é o movimento da alma que vai muito além das constelações familiares. Ele nos conduz a uma outra dimensão. Nessa dimensão, quando se olha para o todo, todos têm o mesmo lugar, têm a mesma importância.

O claro e o escuro

Isso é especialmente difícil para nós que pensamos que deveríamos seguir a nossa consciência. Entretanto, se observarmos a vida do ser humano, de que pessoas parte o grande desafio? Quais são os que levam adiante o todo, de modo decisivo? São os bons? São os maus? São os mansos ou os violentos? É o claro ou o escuro? O escuro é o que está mais próximo da origem.

Essa é a experiência de aprendizado, à qual somos levados, quando estamos

diante de psicoses.

para a participante Vou me dedicar a isso agora. Sente-se aqui ao meu lado.
para o grupo No fundo, já tenho todas as informações. Um jovem de 19 anos desenvolveu uma psicose e a família é da Iugoslávia. Aqui pensamos imediatamente nos muitos acontecimentos terríveis que aconteceram aí, começando com a Primeira Guerra Mundial até os dias atuais.

Agora vem a pergunta: com quem começamos? Eu penetro no todo e penso: com o que começo agora? A primeira coisa que tenho que descobrir é se o importante vem da família do pai ou da família da mãe ou de ambas as famílias. Um método bem simples é: coloco representantes, um para o pai e uma para a mãe, e então olhamos para o que acontece. Através dos movimentos dos representantes veremos onde está o decisivo.

PARTICIPANTE Posso acrescentar algo? Porque sei de dois assassinatos.

HELLINGER Não quero saber. Quero mostrar como podemos chegar a descobertas, através das constelações. Você pode confirmar e acrescentar isso mais tarde.

Hellinger escolhe um homem para representar o pai e uma mulher para representar a mãe e os posiciona distanciados três metros um do outro. Eles olham para a mesma direção.

HELLINGER para o grupo Não vou posicioná-los como um casal, mas cada um por si.

A mulher está de olhos fechados, o homem olha para o chão.

HELLINGER para o grupo É na família de quem? Na do marido. Ele está olhando para o chão, ele olha para uma vítima. Portanto, existem agressores e vítimas na família.

Hellinger escolhe uma mulher para representar a vítima e pede a ela que se deite no chão em frente ao homem.

A vítima fica inquieta, respira com dificuldade e faz movimentos bruscos com os braços. Ela os estende para o lado e cerra os punhos.

HELLINGER para o grupo Ela cerra os punhos. Ela é ambos: vítima e agressor ao mesmo tempo e é, provavelmente, esquizofrênica.

A vítima bate no chão, com a mão direita, rápida e repetidamente.

HELLINGER Agora não podemos olhar para o pai como se fosse um

criminoso. Apenas procuramos qual era a linhagem. Como próximo passo, vamos ver qual foi a geração.

Hellinger posiciona uma fila de ancestrais da família, começando com o pai, escolhe, então, alguns homens e os coloca atrás dele. Cada um deles representa uma geração inteira. Ele pede para a mãe se sentar. A vítima permanece deitada em seu lugar.

HELLINGER *para o grupo* Agora precisamos apenas deixar os representantes se entregarem a si mesmos, então veremos em que geração ocorreu o acontecimento decisivo.

O avô deita a cabeça, por trás, no pai. Os dois estão bem encostados um no outro. Então o avô, que está com os braços pendentes, empurra o pai por trás, de tal maneira que ameaça os dois de caírem. Hellinger conduz o pai um pouco para a frente. O avô cai no chão e se deita do lado direito.

HELLINGER É na geração do avô.

O representante do bisavô se encosta no antepassado que está atrás dele. Este o apoia para que não caia.

HELLINGER E também na geração do bisavô.

Hellinger escolhe um homem para representar uma segunda vítima e o deita em frente ao bisavô.

HELLINGER Agora vamos ver o que acontecerá entre os agressores e as vítimas.

A primeira vítima estende a mão na direção do bisavô e olha para ele. Este, porém, está de olhos fechados e se encosta bem fortemente no antepassado que está atrás dele.

HELLINGER *para o grupo* O que o bisavô está mostrando é um movimento de fuga. Ele não quer olhar. Por isso, o ajudante interfere, agora. Ele não permite isso.

Hellinger empurra o bisavô para a frente, até que ele fique novamente firme, apoiado nos seus próprios pés. Então o bisavô olha para baixo, para a vítima que está a seus pés. Ele geme e respira com dificuldade.

HELLINGER *para o grupo* Os representantes não devem falar nada aqui. Isso é muito importante.

Hellinger escolhe, então, um representante para o filho esquizofrênico e o

coloca na constelação.

A primeira vítima ainda está inquieta e estende a sua mão esquerda na direção dos outros.

O bisavô respira com dificuldade, quase vomita e olha para o filho.

HELLINGER *para o grupo* Quando coloquei o filho, o bisavô olhou para ele, ao invés de olhar para a vítima. Isso quer dizer que o filho está assumindo algo no lugar dele.

Então, o bisavô agacha lentamente, deita-se ao lado da segunda vítima e olha para ela.

Hellinger coloca o filho mais perto do pai.

HELLINGER *para o grupo* Agora vou retirar o filho da esfera de influência dos agressores e das vítimas. Então eles ficam entre si e a solução pode ocorrer entre eles. A solução deve estar com eles.

Quando Hellinger quer colocar o filho ao lado de seu pai, percebe que este está tremendo e quer ir em direção ao seu pai, o avô.

HELLINGER *para o pai* Você está tremendo. Aproxime-se mais de seu pai.

O pai vai para o seu pai, ajoelha-se e curva-se perante ele. A primeira vítima continua ainda muito inquieta.

HELLINGER *para o grupo* O pai se curva perante o seu pai. Mas pode ser que essa reverência não seja destinada a ele, e sim a alguém da geração de seu pai.

Agora o processo começa também na geração do trisavô. Ah! Ele cerra os punhos. E com ele que está a energia agressiva, com o bisavô talvez seja apenas a energia de uma vítima.

O avô se distancia do pai e deita-se ao lado da segunda vítima. Ele olha para ela e a acaricia.

Hellinger diz aos outros antepassados para se sentarem novamente.

HELLINGER *para o grupo* Agora estamos na cena verdadeira.

Depois de um certo tempo, o pai se levanta e se dirige ao seu filho. Eles se posicionam um ao lado do outro.

HELLINGER *para o grupo* Agora o pai pode retirar-se, porque está claro quem são os atores reais.

O trisavô olha para baixo, para o bisavô. Os dois se olham nos olhos. O bisavô se deita de costas, abre os braços e se acalma.

Hellinger conduz o filho de maneira que este fique em frente ao bisavô e ao trisavô. O bisavô se levanta, respirando com dificuldade. O trisavô o segura fortemente. Os dois lutam um com o outro.

HELLINGER para o grupo Agora os movimentos mostram claramente: o bisavô foi estrangulado, ou ele foi agressor e vítima ao mesmo tempo. Partindo dos movimentos, poderia ter sido assim.

O trisavô empurra o bisavô para o chão. Este se levanta novamente, apoiando-se em ambos os braços.

HELLINGER para o filho Ajoelhe-se.

O filho ajoelha e aproxima-se bem deles. Ele coloca a mão direita nas costas do bisavô e encosta a cabeça no peito do trisavô. Este coloca o braço ao redor dele. O filho também coloca o braço ao redor do trisavô. A primeira vítima começa a se acalmar.

HELLINGER para o grupo Isto é, agora, a cura da esquizofrenia. Ele está com a vítima e com o agressor. Agora, os dois fluem para dentro dele, tornando-se uma unidade. Agora, os outros dois, a segunda vítima e o avô, estão em paz.

para o filho Respire profundamente. para o grupo A vítima acaricia o filho. depois de um certo tempo Agora, o desnorreamento cessa.

Hellinger deixa o filho se levantar e o conduz alguns passos para trás. A vítima fica olhando para ele.

HELLINGER para o filho Faça uma reverência ao agressor e à vítima.

O filho se ajoelha e faz uma profunda reverência. Então o trisavô deita-se no chão, enquanto o bisavô continua de pé.

HELLINGER para o grupo Agora, o agressor deitou-se no chão. Para ele, este é o começo da reconciliação.

para o filho Vou tirá-lo daqui, do campo de visão e levá-lo para o seu pai.

Hellinger pega-o pelas mãos e o conduz para seu pai, colocando-o em sua frente. Os dois olham um para o outro, radiantes.

HELLINGER para o grupo É isso, então.

O bisavô ajoelha-se com a perna direita e olha para cima. Hellinger coloca um homem na frente dele. O bisavô levanta-se, dirige-se a este homem, abraça-o e coloca a cabeça no peito dele. Os dois permanecem intimamente abraçados por um longo tempo, fazendo um movimento de acalanto.

HELLINGER *após um certo tempo, para o grupo* Podemos deixar aqui, então.

para os representantes Fiquem ainda um pouco assim, do jeito que estão agora.

para o grupo Se eu fosse, agora perguntar para a terapeuta: “O que aconteceu realmente?” E se ela soubesse e dissesse isso, qual seria o efeito? Fomentaria ou destruiria? Aqui existem segredos especiais que não estão em consonância com a minha ou nossa teoria. Por exemplo, isso. *Hellinger mostra o homem que ele havia colocado por último e que ainda segura o bisavô em seus braços.* Não faz bem à alma ver isso? Num trabalho como este, sempre seremos conduzidos a situações onde precisamos nos recolher, sermos humildes e concordar simplesmente com o que é. — Ok. Foi isso, então.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

HELLINGER O que vimos aqui foi o desenvolvimento das Constelações Familiares.

para a terapeuta Está claro para você?

TERAPEUTA Sim.

Aditamento

Duas semanas após esse seminário, Heinrich Breuer me escreveu:

“Querido Bert, uma notícia sobre as constelações familiares. A colega que foi atendida primeiro no curso de supervisão (constelação familiar de um psicótico e os assassinatos na Iugoslávia), telefonou-me e contou que a paciente, na consulta seguinte, disse que queria conversar sobre os assassinatos na família do pai. Aquilo que veio à luz na constelação pôde ser constatado. Até então, o que havia sido objeto de reflexão foi somente uma história sobre mortes na família de sua mãe.

Como você está vendo, você antecipou um pouco a terapia.”

A precedência do novo sistema

HELLINGER Agora, vamos continuar com a rodada.

PARTICIPANTE Trata-se da temática de um casal. Eles não são casados. Isso tem um motivo, porque os dois são também meios-irmãos. A pergunta que paira no ar é: como lidar com isso, pois os dois são, ao mesmo tempo, também um casal, e aqui surgem temas que são comuns entre um homem e uma mulher.

HELLINGER Não preciso saber de mais nada. *para o grupo* Temos todas as informações importantes.

para o participante Eles têm o mesmo pai ou a mesma mãe?

PARTICIPANTE O mesmo pai.

HELLINGER Está bem, precisamos de um representante para o pai, uma representante para a primeira mulher e uma para a segunda. Então vamos ver o que acontecerá.

Hellinger escolhe os representantes e deixa que eles se posicionem como quiserem.

A primeira mulher coloca-se imediatamente ao lado do marido. A segunda coloca-se um pouco de lado e afasta-se um pouco.

A primeira mulher pendura-se no marido e o segura firme. Eles olham um para o outro.

HELLINGER, *quando a primeira mulher quer dizer algo* Não diga nada, é muito importante que não se fale.

A primeira mulher olha para o chão. Hellinger escolhe representantes para os meios-irmãos que vivem como um casal e os posiciona na frente dos outros.

O casal se olha amorosamente.

HELLINGER Qual é a solução para o casal?

Hellinger conduz o pai até ficar em frente à segunda mulher.

HELLINGER, *para a representante da segunda mulher, que está de braços cruzados* Descruze os braços.

para o grupo Sempre que se está de braços cruzados, impede-se que as sensações sejam sentidas realmente.

O marido olha amavelmente para a segunda mulher. Olha, alternadamente,

para a primeira mulher, para os seus filhos e novamente para a primeira mulher. Esta vai se afastando para longe, dando pequenos passos.

HELLINGER *para o representante do filho, quando ele começa a se dirigir rapidamente em direção ao pai* Devagar. Volte. Os movimentos da alma são muito lentos.

para o grupo Mas nós já vimos do que se trata. Os filhos fazem aquilo que o pai e a sua segunda mulher devem fazer. *para o participante* Ficou claro para você?

Ele concorda com a cabeça.

HELLINGER Está bem. Foi isso, então.

para o grupo Não precisamos ir adiante, até o final. Isto aqui é um grupo de aprendizado. É claro que a pergunta é: como ele poderá lidar com isso? O que lhe daria força para lidar com isso? — Se ele der para a segunda mulher um lugar em seu coração.

para este participante Então, vai ser fácil para você.

Ele ri.

HELLINGER *para o grupo* Procedimento sistêmico significa que eu dou um lugar para aqueles que estavam excluídos do sistema. Com isso, ganho força. É claro que aqui veio também à tona uma lei sistêmica importante: quando nasce um filho em um segundo relacionamento, este anula o primeiro. Então, o marido precisa abandonar a primeira mulher e ficar com a segunda. A primeira mulher quis segurar o marido. Aqui ficou evidente que as “Ordens do amor” ainda são válidas.

Ajudar além da transferência e da contratransferência

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher de aproximadamente 40 anos. Tenho dificuldades com ela, porque ela, por um lado...

HELLINGER Não, nenhuma interpretação. Você tem dificuldades. É inteiramente suficiente.

para o grupo As interpretações sempre tiram algo.

PARTICIPANTE Queria dizer o que ela faz, mas está bem.

HELLINGER Não, não precisamos dessas informações.

PARTICIPANTE Ela vem, em princípio, para a terapia, porque...

HELLINGER Não, o que você disse foi inteiramente suficiente.

Risadas no grupo.

HELLINGER *para o grupo* Quero demonstrar isso.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona em frente ao participante.

O participante olha amavelmente para a cliente. Após um certo tempo, Hellinger coloca atrás dela uma outra mulher, mas não diz quem ela está representando. A cliente olha brevemente para ela. Mais tarde fica claro que ela representa a mãe.

HELLINGER *para o grupo* Vocês viram como o rosto dele mudou, quando ela foi colocada? Agora a coisa está ficando séria. O que ele deve fazer para poder lidar bem com a cliente? Precisa dar à mãe dela um lugar em seu coração.

para o participante Faça isso, para que possamos ver o efeito. *depois de um certo tempo, para o grupo* Agora, a transferência cessou.

Então Hellinger coloca o participante ao lado da mãe da cliente. A cliente fica inquieta.

HELLINGER Agora a coisa está ficando séria para a cliente. Acho que isso já é o suficiente.

para o participante Ficou claro para você?

PARTICIPANTE O que veio à tona aqui é exatamente o que está acontecendo no momento.

HELLINGER Exatamente. Agora, coloque-se atrás da mãe. Isso é ainda melhor.

A mãe respira fundo.

HELLINGER Agora, a mãe ganhou força. *depois de um certo tempo* Está bem, foi isso.

para os representantes Fiquem ainda um momento aqui. Ainda quero esclarecer algo em relação a isso.

Transferência e contratransferência

para o grupo O trabalho sistêmico começa na própria alma. Isso quer dizer que não olho apenas para o cliente ou a cliente, mas sempre para a família

também. Se essa família receber um lugar de honra em minha alma, fico totalmente em sintonia e tenho a força de fazer o que é necessário. E não existe transferência. Isso é o que existe de revolucionário, neste tipo de procedimento.

Hellinger deixa os representantes e o participante se sentarem,
para o participante Ficou claro para você?

PARTICIPANTE Agora me sinto quase feliz que ela esteja tão zangada comigo.

HELLINGER Ela já está zangada? Meus parabéns, você conseguiu.

Risadas no grupo.

HELLINGER Poucos terapeutas conseguem suportar quando um cliente fica zangado com eles. No grupo é mais fácil, mas é difícil suportar isso na terapia individual.

Gostaria ainda de esclarecer melhor. Quando, na psicoterapia usual, alguém vai a um terapeuta e se apresenta como uma pessoa que está necessitando de ajuda, o que acontece nesse momento? Surge uma transferência da criança para com os pais e surge uma contratransferência do terapeuta para o cliente, como de um pai ou mãe para com uma criança. Com isso está traçada uma longa terapia que vai fracassar, exceto se o cliente fica, finalmente, zangado com o terapeuta e se libera, por si mesmo, da terapia. Contudo, só alguns conseguem fazer isso.

O segredo do sucesso é — e essa é a arte maior — que o terapeuta já provoque, desde o início, essa raiva que cura, recusando-se a entrar na contratransferência. Então ele exorta o cliente, por exemplo: “Conte-me o que aconteceu em sua família.” Isso já muda o foco, saindo do cliente para uma outra coisa. Depois que o cliente tiver relatado sobre o que aconteceu em sua família, já se sabe, imediatamente, o que pode ser feito. Por exemplo, sabe-se quem foi excluído e quem deve ser incluído. Mas tão logo o cliente começa a falar sobre os seus sentimentos e diz, por exemplo: “Eu me sinto infeliz”, começa a “análise interminável”.

Muitas acusações que são levantadas contra as Constelações Familiares são apresentadas por aqueles psicoterapeutas que se apegam ao modelo da transferência e contratransferência, como se ele fosse a suprema norma. A sua resistência é compreensível, porque para eles desmorona uma concepção

de mundo.

Coragem para a percepção

PARTICIPANTE Trata-se de um jovem homem que gostaria muito de ter uma família, mas não sabe exatamente se é homossexual. A sua mãe morreu no parto.

HELLINGER Isso é muito fácil. Em primeiro lugar, ele é homossexual e, em segundo, ele não pode fundar uma família. Você diz a ele assim.

Risadas estrondosas no grupo.

HELLINGER *para o grupo* Sim, exatamente. O que acontecerá se ele disser isso ao rapaz? O que vai acontecer na alma dele? Ele vai ficar mais forte ou mais fraco? Naturalmente que fica mais forte e então pode agir. Se ele disser: agora vamos pesquisar, então, se você é homossexual ou não, isso vai durar 10 anos. Então o tempo para fundar uma família já passou.

Portanto, o que é reconhecido, também deve ser dito. Vocês também reconheceram imediatamente que ele é homossexual. Eu disse isso, essa é a diferença.

para o participante Posso deixar assim?

PARTICIPANTE Sim.

O anjo da guarda

PARTICIPANTE Trata-se de duas irmãs. Uma tem uma personalidade borderline. A outra é alcoólatra e viciada em drogas. Elas têm pais diferentes. Um dos pais é cafetão. A mãe cometeu assassinatos e também foi assassinada.

HELLINGER *para o grupo* Que multiplicidade de informações em poucas frases! Nós sabemos de tudo.

quando a participante quer dizer algo mais Não, você não precisa dizer mais nada. — As filhas vão morrer, você deve saber disso. Você não conseguirá impedi-las.

A participante está muito tocada e chora. Depois de um certo tempo, Hellinger escolhe representantes para a mãe e para as duas irmãs. Ele pede que a mãe deite-se no chão e posiciona as duas irmãs, também.

Depois de um certo tempo, as duas irmãs se encostam bem uma na outra.

HELLINGER *para a irmã mais velha* Olhe para a mãe e diga: “Nós vamos

também.”

PRIMEIRA FILHA Nós vamos, também.

SEGUNDA FILHA Nós vamos, também.

A filha mais velha olha para a mais nova, que olha fixamente para a mãe.

HELLINGER Vão para ela e deitem-se ao seu lado.

Elas se deitam, uma à direita e a outra à esquerda da mãe.

A irmã mais velha vira-se para a mãe. A mãe pega na mão da filha mais nova, que permanece deitada no chão. A mãe também pega na mão da filha mais velha.

HELLINGER *para o grupo* Se as filhas não morrerem talvez se transformem em assassinas.

Longo silêncio no grupo.

HELLINGER Vocês estão sentindo a empatia? O que acontece, se vocês disserem: “Como é que ele pode dizer algo assim!” O que acontece na alma de vocês?

para a participante E o que acontece com você? Você não precisa dizer isso a elas, é claro. Mas você sabe, então, você fica séria. Somente aí você tem a força total.

para o grupo Somente quando se vê realmente a verdade, algo pode ser talvez modificado. Mas não se tem a esperança de que, através disso, algo mude. É preciso olhar realmente para a verdade.

Então agora é realmente necessário uma nova orientação na alma em relação à morte. — Talvez seja um anjo, um anjo da guarda.

Empatia sistêmica

PARTICIPANTE Sou assistente social e trabalho numa comunidade de adolescentes e moças do círculo cultural islâmico, na faixa etária de 14 a 21 anos. Há alguns meses atrás vivenciei um conflito terrível. Não participei pessoalmente do conflito, mas senti as consequências dele. Um casal de irmãos turcos deu uma sova numa marroquina. Minha colega teve que apartá-los com a ajuda de vizinhos e das outras adolescentes. HELLINGER *quando a participante quer continuar a falar* Não, não. A questão é: o que deve ser feito? — O casal de irmãos turcos deve ser enviado de volta para a Turquia.

PARTICIPANTE Eles precisam deixar imediatamente a comunidade.

HELLINGER Não só isso. Eles precisam voltar para a Turquia.

quando a participante hesita Você percebe a diferença?

PARTICIPANTE É claro que existe uma diferença.

HELLINGER Exatamente. Dessa forma eles assumem as consequências, totalmente.

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Sem isso não existe solução. — Está bem?

PARTICIPANTE Na verdade, a minha pergunta era outra.

HELLINGER *para o grupo* Isso foi longe demais para ela. Agora vai ser colocado o amaciante de roupa.

para a participante Vou deixar assim.

para o grupo Ajudou-a? — Não. Mas o trabalho não foi em vão, se ajudou alguns de vocês.

Hellinger olha para a participante por um longo tempo.

HELLINGER *para o grupo* Existe uma circunstância especial em relação aos assistentes sociais e àqueles que têm uma profissão no âmbito social. Estão expostos a um risco especial, por causa de sua profissão. Qual é o risco? Eles foram formados para ter uma maneira especial de empatia. A empatia se orienta originariamente segundo o modelo de pais e filhos. Podemos ver o que é uma empatia em uma mãe e um pai, em relação ao seu filho. Isso é empatia. Mas na psicoterapia se espera que o terapeuta mostre exatamente a mesma empatia de um pai ou uma mãe pelo seu filho. Então temos novamente a transferência e a contratransferência. Essa empatia tolhe a ação.

Existe um outro tipo de empatia. É a simpatia sistêmica. Como ajudante, não olho apenas para o cliente, quando ele diz algo ou quer a minha empatia. Eu olho para a sua família. Então percebo qual é a pessoa que precisa realmente de minha empatia. Muitas vezes, o cliente é o que menos precisa. Ao contrário, frequentemente preciso confrontá-lo com isso, para que ele mesmo mostre empatia por outros, ao invés de esperar que eu tenha empatia por ele.

Se esse casal de irmãos for enviado de volta à Turquia, a quem ajudará? A todos os outros da instituição. Os moradores ficarão cautelosos, porque saberão que determinadas ações terão consequências de grande alcance. Com

isso será estabelecida uma ordem, dentro da qual todos se sentirão seguros. *para a participante* Se continuar na Alemanha eles não precisam mudar. Mas na Turquia, sim. Por isso a empatia em relação a eles exige que sejam enviados de volta.

“Nós deixamos que o pai de vocês parta”

PARTICIPANTE Trata-se de uma família de Kosovo que tem duas meninas, uma de 10 e outra de 13 anos. O pai está preso e foi condenado a 15 anos de prisão. A mãe está procurando descobrir por que ele está preso. Existem meias-verdades que vão de estupro, assaltos e até assassinato. A questão é: como é que as filhas podem lidar com esta situação? Elas estão traumatizadas da guerra no Kosovo e vieram, então, para a Alemanha.

HELLINGER *para o grupo* O que daria força às crianças?

para a participante Elas precisam voltar para Kosovo.

PARTICIPANTE Lá existem ameaças de morte.

HELLINGER Lá existe isso. Se concordarem que lá existe isso, ganham força. Assim, os outros que expressam ameaças de morte ficam mais fracos. Se ficarmos com medo deles, ficam mais fortes. E ficam piores, porque nos sujeitamos a eles.

Algo mais: a mãe deve dizer para as filhas: “Nós deixamos que o pai de vocês parta.”

A participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Assim, elas ficam com toda a força que têm. Mas aqui, na Alemanha, perdem a sua força.

HELLINGER *para o grupo* Volto novamente ao tema da empatia. Agora vocês podem diferenciar entre a empatia que enfraquece e que, no final, faz com que tudo fique terrível, e a empatia que fortalece.

para a participante Posso deixar assim?

PARTICIPANTE A mulher se pergunta se deve se separar do marido.

HELLINGER Ela deve fazer isso. É o certo.

para o grupo Quando alguém precisa carregar as consequências de uma culpa grave, não pode esperar que outros carreguem isso junto com ele. Isso o enfraquece e aqui enfraquece a mulher também. Se ele precisa carregar sozinho, recupera a sua grandeza e sua dignidade.

para a participante Você também dá a ele a sua dignidade. — Está bem assim?

PARTICIPANTE Sim, está bem.

A postura sistêmica

PARTICIPANTE Trabalho como terapeuta numa instituição de ajuda a adolescentes. No atendimento individual com os jovens, tenho uma percepção bem clara. Mas, para mim, é difícil dar instruções aos educadores do grupo que lidam com os jovens diariamente. Porque às vezes tenho a sensação de que seria melhor se não fizesse isso.

HELLINGER São outros que cuidam dos mesmos jovens?

PARTICIPANTE Eles são os educadores, e eu sou a terapeuta. Não encontro a linguagem que possa traduzir a minha percepção de modo que eles possam, então, fazer algo com isso.

HELLINGER *para o grupo* Minha imagem é que ela tem que concordar que os outros são o destino desses jovens.

para a participante Se você concordar com isso e então se recolher, o que vai acontecer lá? — Eles vão ficar com medo. Enquanto houver conflito, eles perderão os jovens de vista. É assim com todas as lutas pelo poder. Se você não lutar e concordar com o destino desses jovens com esses educadores, eles ficarão com medo. Assim talvez possa acontecer algo de bom.

HELLINGER *para o grupo* Em uma instituição na qual uma pessoa está ligada a um grupo, na qual diversos participantes trabalham com diferentes métodos, é necessária a empatia sistêmica.

para a participante Isto quer dizer: você concorda internamente que, em primeiro lugar, cada um deles já realizou muitas coisas boas e, em segundo lugar, que os métodos que utilizam já provocaram muitas coisas boas, também. Eles não precisam mais se defender, se você reconhecer isso. Mas você não deve sugerir nada a eles. Isso é trabalho sistêmico e postura sistêmica. O não agir na presença de resistências tem um efeito inacreditável, se não desviarmos disso. Está bem?

A participante concorda com a cabeça.

Compulsão de se lavar

PARTICIPANTE Tenho uma cliente que está no fim dos 30. Ela tem uma

compulsão forte de se lavar. O pano de fundo sistêmico é...

HELLINGER Não.

quando a participante começa a protestar Não quero saber disso.

PARTICIPANTE Eu mesma não sei se é isso o que está por trás do sintoma, mas é importante conhecer a história dela.

HELLINGER Não.

para o grupo O que acontecerá se ele me disser isso? A minha liberdade de ação ficará limitada. A minha percepção não mais poderá ficar diretamente naquilo que se mostra.

para o participante De acordo?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Está bem, então vamos ver o que está acontecendo.

Hellinger escolhe apenas uma representante e a posiciona.

A representante da cliente começa a se ajoelhar e olha ininterruptamente para o chão. Hellinger escolhe um homem e o deixa deitar-se de costas no chão, no lugar para onde o olhar da cliente se dirige.

HELLINGER *para o grupo* Ela olhou para lá. Quando alguém olha para o chão, está olhando para um morto.

A cliente se levanta. O morto está muito inquieto. A cliente respira com dificuldade e soluça.

HELLINGER *para o grupo* Olhem para as mãos dela.

As suas mãos estão totalmente contraídas. O resto do corpo também está contraído. Ela quer se movimentar para frente, tenta fazer isso, mas não consegue. Cerra os punhos, dobra os braços, segura os punhos cerrados e inquietos em frente ao peito. Movimenta, ininterruptamente, as mãos em frente ao peito. Hellinger coloca uma mulher em frente a ela. Então a cliente deixa os braços caírem, descontrai-se um pouco, mas continua chorando.

HELLINGER *para o grupo* Agora ela começa a relaxar. Queria testar se o seu comportamento estava condicionado sistemicamente ou se era algo pessoal.

Depois de um certo tempo, Hellinger vira a cliente para longe dos outros. A cliente respira fundo e para de chorar.

HELLINGER *para o participante* Posso deixar assim?

PARTICIPANTE Tenho uma boa sensação, porque a representante irradiou exatamente o que a cliente irradia. Agora tem um efeito descontraído e bem diferente. Mesmo assim ainda fico com as minhas perguntas.

HELLINGER Agora você tem algo a fazer. — Está bem claro que houve um assassinato no sistema.

para o participante Está bem?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para a representante da cliente* Como você se sente aí?

CLIENTE Se olho para frente e não para baixo ou para trás, sinto-me bem.

HELLINGER Exatamente. Obrigado.

para os representantes Agradeço a vocês todos.

para o participante A história que você queria me contar não teria mostrado isso.

para o grupo A constelação traz algo à luz, quando se procede de uma maneira bem cuidadosa, não se fazendo mais do que o necessário.

O outro tipo de ajuda

Esta é a diferença em relação às Constelações Familiares tradicionais: aqui é a alma que conduz. O terapeuta ou ajudante está em harmonia com essa alma à medida em que concede a ela todo o espaço, o tempo integral. A alma mostra imediatamente o essencial.

É claro que o terapeuta ou ajudante precisa estar em harmonia com o sistema maior. Livre de ideias, livre de teorias, livre de intenções, livre de emoções e livre de empatia no sentido usual. Então, algo vem à tona. E ele precisa estar em harmonia com o destino desse cliente e com o grande destino, que nos tem em suas mãos e com a morte, como ela chega, em seu tempo. Então, o essencial acontece.

No fundo, é bem simples. Não se precisa fazer muito. Quando nós nos deixamos levar dessa forma, chega, no momento certo, uma imagem do próximo passo. Por exemplo, vi aqui, de repente, que alguém precisava ainda ser incluído, porque o que estava acontecendo não era nada pessoal. E é o que ficou visível também.

Quando alguém se engana, pode-se ver que não era o que parecia ser antes.

Mas isso não prejudica. Nós podemos experimentar algo também. Então, dá-se o próximo passo. Quando se está em harmonia com algo maior, os movimentos da alma vêm à tona e conduzem a soluções, que residem além da psicoterapia.

Muitas vezes a solução propriamente dita não vem à luz, mas apenas o movimento em direção a ela. Isso já é o suficiente. Não se procura, portanto, um fecho. Quando o decisivo vem à tona, isso atua.

O trabalho se torna muito mais modesto, muito mais forte, com muito mais respeito pelo cliente e também pelas forças maiores que determinam as nossas vidas e as dos outros, os quais somos chamados a ajudar.

Perguntas

HELLINGER Agora vou abrir espaço para perguntas. Antes disso, uma observação prévia.

Não é para todos que vem até mim e tem uma pergunta que permito que a façam. Quando alguém faz uma pergunta, sempre tenho o grupo todo em meu campo visual. Ele não pode me fazer uma pergunta apenas por uma curiosidade pessoal, verifico se é uma pergunta relevante para os outros também, se é egocêntrica ou se contribui para o tema. Dependendo da pergunta, respondo ou não a ela. Algumas pessoas pensam que quando fazem uma pergunta tem também direito a uma resposta. Comigo, não. Também verifico se a pessoa que está fazendo a pergunta me respeita. Vocês estão agora preparados para as suas perguntas?

Transferência e contratransferência em relação a crianças

PARTICIPANTE A minha questão é: como é com a transferência e a contratransferência em relação a crianças? Eu trabalho com crianças.

HELLINGER Crianças precisam de pais. Se você trabalha com crianças, você representa para elas os pais. Se você tiver esses pais no coração, com respeito, então as crianças vão confiar em você e tomam o que você der a elas. A transferência que elas têm flui através de você para os pais delas. E isso é um trabalho bonito.

PARTICIPANTE Sim, e eu o faço também com muito prazer.

HELLINGER *para um participante, antes da próxima pergunta* Preciso de tempo entre as perguntas, a fim de me preparar de novo para a seguinte, porque não se trata apenas de perguntas.

Lidar com a violência

HELLINGER *após alguns instantes para esse participante* Ok.

PARTICIPANTE Eu me vejo muito frequentemente sem forças quando sou confrontado com a violência em um sistema. O que posso fazer para suportá-la melhor e permanecer presente?

HELLINGER *para o grupo* Essa não é uma pergunta que tem a ver com o que aconteceu aqui. É uma pergunta pessoal. Ele espera que eu responda a isso.

para o participante É uma pergunta importante, por isso vou respondê-la. Você pode dar um exemplo?

PARTICIPANTE Atualmente tenho uma cliente, no início dos 50. Quando tinha 10 anos foi deixada repentinamente pelo pai. A mãe a desvalorizava. A cliente se casou tarde e teve filhos. Recentemente o filho de 19 anos, por assim dizer, atirou-se na frente de um trem, um suicídio bem grave.

HELLINGER É o suficiente. Como foi que o pai abandonou a família?

PARTICIPANTE Ele foi para o Brasil, parece que ainda teve filhos com uma mulher e faleceu lá. A cliente nunca mais o viu.

Algo ainda está faltando. Uma vez, fizemos uma constelação cuidadosa usando cadeiras e nela se mostrou que a mãe também o havia mandado embora. Foi uma espécie de trato entre os pais.

HELLINGER *para o grupo* Se uma separação for feita levemente sem que tenha causado dor, isto é, se os dois apenas pensaram em si, isso é vivenciado no sistema, muitas vezes, como crime digno de morte. Então, algumas vezes, uma criança se suicida.

PARTICIPANTE Por assim dizer, como compensação?

HELLINGER Eu não interpreto. É apenas uma observação.

Hellinger escolhe representantes para a mãe e para o filho e os posiciona um em frente ao outro. A mãe olha para o chão.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o grupo* Tem mais coisa aí.

Hellinger coloca o filho um pouco para trás e deixa uma mulher se deitar de costas, em frente à mãe. A mulher morta vira a cabeça para a mãe.

HELLINGER *para o participante* Coloque-se na constelação. Onde é que você se colocaria como terapeuta? Experimente. Vamos experimentar um

pouco.

O participante se coloca atrás do filho. O terapeuta quer colocar as mãos sobre os ombros do filho. Hellinger interfere e o conduz à vítima.

HELLINGER Este é o seu lugar, aqui junto à vítima.

Depois de um certo tempo, o terapeuta se ajoelha perante à vítima.

HELLINGER É o suficiente. Você sente agora a sua força?

O participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Ok, foi isso então. Portanto, você fica fraco quando não tem a pessoa certa em seu campo de visão. Se você a tiver em vista, ganha daí toda a força.

A criança

PARTICIPANTE Quando você disse antes para um pessoa que estava perguntando que aquilo que ela estava perguntando era apenas um pretexto, senti que fui pego. Senti isso na minha excitação. Não tinha certeza se não deveria retornar ao meu lugar. Fiquei em dúvida se não deveria retornar ao meu lugar de criança.

HELLINGER Do que se trata, realmente?

O participante reflete longamente.

HELLINGER Feche os olhos. Abandone-se à tristeza.

O participante começa a soluçar violentamente e segura o coração. Então fica calmo.

HELLINGER *após um certo tempo* Ok?

PARTICIPANTE Não tenho a mínima ideia.

HELLINGER Você não tem, mas vê-se que algo essencial aconteceu. E algo que cura, se você permiti-lo. Foi uma pequena criança que chorou.

Os dois se olham ainda por um certo tempo.

HELLINGER Ok, tudo de bom para você.

O crescimento interno

HELLINGER *para o grupo* Para mim ficou claro como o crescimento interno se realiza. O crescimento interno se realiza quando se dá espaço para algo novo. Esse algo novo é, na maioria das vezes, algo que se negou antes, por

exemplo, a própria sombra. Ou algo pelo qual se lastima, por exemplo, uma culpa pessoal.

Se olho para aquilo que neguei e digo: “Sim, agora tomo você em minha alma”, então cresço. Não é que agora seja inocente, mas cresço. Os inocentes não conseguem crescer. Continuam sempre do mesmo jeito. Continuam sempre sendo crianças.

Não é assim apenas na própria alma, mas também em relação à própria família. Algumas pessoas rejeitam algo de seus pais. Elas dizem: “Isso não é tão bom.” Elas se colocam numa posição superior, em relação aos seus pais, como juízes que julgam sobre o bom e o mau, o certo ou o errado. Contudo, se a criança diz: “Eu me sinto feliz por ter vocês”, ela cresce. As crianças mais desventuradas são aquelas que têm pais perfeitos. Na verdade, elas não conseguem crescer. Isso é um consolo para os pais imperfeitos.

Podemos sentir em nossas próprias almas, quando concordamos com tudo da maneira que é, e como isso atua em nós mesmos, nos nossos pais, na nossa família. Também aqueles que menosprezamos, colocamos em nossa alma — e crescemos.

Isso vai além da nossa própria família. Algumas vezes eu me zango com alguém — e é claro, com razão, quando faço isso — mas então percebo que fico mais limitado. Então não me resta nada a fazer do que dizer: “Sim, eu respeito você como uma pessoa de mesmo valor e à sua maneira especial, não apenas boa, mas também importante para mim.” Então eu cresço.

Esse é, na verdade, o princípio da paz, que reconhecemos o que rejeitamos, sem querer mudá-lo e concordemos que tem o mesmo direito que eu. E vice-versa, que eu me coloque como uma pessoa que tem o mesmo direito que todos os outros. Então chega a paz.

Tenho um amigo que disse algumas belas frases sobre a igualdade entre os seres humanos. Ele disse, por exemplo: “Meu pai celestial deixa o sol brilhar igualmente sobre os bons e os maus, e deixa a chuva cair igualmente sobre os justos e os injustos.” Aí não existem diferenças.

Se sinto empatia, posso crescer. No final, posso dizer a qualquer pessoa, seja como ela for: “Eu reconheço que você é, perante algo maior, igual a mim. Eu reconheço que todos os outros são, perante algo maior, iguais a mim.” Isso seria a paz. E essa é a postura que nos possibilita fazer este trabalho. Por um lado sem preferências por algo, sem aversão por algo, sem emoção,

contudo; com esse amor em um nível maior.

A compreensão

PARTICIPANTE Trata-se de uma paciente casada, no final dos 30 anos, dois filhos, um de 19 e uma de 14 anos. A família vem do Líbano. Ela tem muita enxaqueca e é depressiva. O casamento vai muito mal. Ficou sabendo que há 20 anos atrás o seu marido abusou de sua sobrinha de quatro anos. Ela também teve muitos casos.

HELLINGER Qual é, então, o problema dela?

PARTICIPANTE Ela não consegue tomar uma decisão. Se deve ir ou se deve ficar, ir para o Líbano e permanecer lá, se deve ficar ou não com o marido. Isso se manifesta através de sintomas corporais.

HELLINGER Ela precisa voltar para o Líbano.

PARTICIPANTE Mas o marido não vai acompanhá-la.

HELLINGER Então ele fica aqui. Essa é a solução.

PARTICIPANTE Sim, já pensei nisso também.

HELLINGER Pois é.

Risadas estrondosas no público.

HELLINGER *para o grupo* Exato. Acontece que, algumas vezes, não temos a coragem de seguir nossas compreensões e agir de acordo com elas e, ainda por cima, dizê-las ao outro.

para a participante Se você disser isso para a mulher, terá um efeito. Mas ela não precisa fazer isso. Você não ficará lá para ver se ela vai fazer isso. Se você disser isso a ela, terá o seu efeito. Isso é mais do que o suficiente.

Sobre as terapias breves

HELLINGER *para o grupo* Estou demonstrando terapias breves aqui. Nas terapias breves trata-se de acertar o ponto decisivo e mudar algo aí. O resto anda por si só. Anda e anda e anda e anda por si só.

O medo

PARTICIPANTE Em nossa instituição para adolescentes vive um rapaz de 17 anos. A sua mãe nasceu na Terra Nova.

HELLINGER *interrompe* Qual é o seu problema?

PARTICIPANTE O seu problema é que não consegue lidar com

relacionamentos, isto é, ele não consegue ir trabalhar, apesar de ter terminado a escola secundária. Ele interrompe o relacionamento e também o trabalho depois de um curto tempo, apesar de podermos perceber...

HELLINGER *interrompe* Não quero saber dos detalhes. O que há com o pai dele?

PARTICIPANTE Seu pai é turco, desconhecido para ele. A mãe é meia-indígena e...

HELLINGER *interrompe* Isso já é o suficiente para mim. Onde ele vai trabalhar?

PARTICIPANTE No momento, ele trabalha...

HELLINGER *interrompe* Onde ele vai trabalhar?

PARTICIPANTE Não sei.

HELLINGER Na Turquia.

PARTICIPANTE Eu já pensei nisso também.

HELLINGER *para o grupo* Na maioria das vezes o terapeuta chega tarde demais.

Risadas no grupo.

PARTICIPANTE Muitas vezes nós mesmos não queremos acreditar nisso.

HELLINGER Na verdade é isso: tem-se a compreensão e não se tem a coragem de dizê-la, porque se tem medo daquilo que os outros vão falar. Quando se tem esse medo, tornamo-nos uma criança e é claro que ficamos incapazes de agir.

A participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Existe uma linda canção: “Que bênção, que bênção, ser ainda uma criança.” Algo mais?

PARTICIPANTE Não, está bom.

O lugar do ajudante

PARTICIPANTE Trata-se de um garoto de 13 anos. Ele não consegue ficar em nenhuma escola e tampouco com sua mãe. Ele ainda não sabe ler nem escrever. E...

HELLINGER *interrompe* Não.

PARTICIPANTE A questão é: onde ele pode ficar?

HELLINGER Sim, onde ele pode ficar?

para o grupo Está claro onde ele pode ficar. Com a pessoa que ela não mencionou, naturalmente.

PARTICIPANTE O pai está morto.

HELLINGER *para o grupo* O que ela fez agora? Ela fez uma objeção, colocando-se contra a solução.

PARTICIPANTE Eu não entendo a solução.

HELLINGER Não, e você não pode trabalhar com o garoto. Você não deve, também.

PARTICIPANTE Eu trabalho...

HELLINGER *interrompe* Não.

para o grupo Vocês viram que ela sorriu antes? Bem breve? Está acontecendo uma outra coisa aí, uma transferência, que não é boa para o garoto.

HELLINGER Na verdade também não trabalho com o garoto.

HELLINGER *para o grupo* Essa foi a segunda objeção. O garoto tem um lugar no coração dela?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Não.

para o grupo Já pudemos ver isso quando ela quis descrever tudo o que ele não faz e não sabe fazer. Se ele tem um lugar em meu coração, procuro por aquilo que posso fazer. Então estou, de imediato, numa posição totalmente diferente. Ela fez objeções toda vez que tentei encontrar caminhos para uma solução. Portanto, através de suas ideias, ela mantém o garoto em seu problema.

PARTICIPANTE Não acredito nisso.

HELLINGER *para o grupo* Vou fazer uma experiência.

Hellinger escolhe um representante para o garoto e deixa que a participante se posicione em frente a ele.

Após um certo tempo, o representante do garoto se curva de tal forma para trás que fica ameaçado de cair. Então ele se afasta para trás o mais que pode.

HELLINGER Ele faz isso com razão. Ok, era isso que queria mostrar. Agora, vou fazer mais um experimento.

Hellinger chama o mesmo representante do garoto, escolhe uma representante para a terapeuta e um representante para o pai do garoto. Ele coloca o pai em frente ao garoto e a terapeuta atrás do pai.

O filho vai em direção ao pai. Este estende os braços. Os dois se abraçam intimamente. Hellinger coloca então a terapeuta à vista.

HELLINGER *para a representante da terapeuta* Com você se sente aqui?

TERAPEUTA, *comovida* Me toca muito.

HELLINGER, *para os representantes* Ok, foi isso.

para o grupo Nós pudemos ver o efeito que tem quando o ajudante se alia à pessoa excluída e lhe dá a precedência, é claro, e não se coloca no meio. O pior lugar para um ajudante é ao lado do cliente. Isso causa medo nos clientes e faz o ajudante ficar impotente.

para a participante Ok?

PARTICIPANTE Sim.

A dignidade

PARTICIPANTE Trata-se de um garoto de 13 anos, que tem a aparência de 18. Ele se ocupa muito com magia negra. Rouba dinheiro regularmente, causando preocupações aos pais, sobretudo à mãe. Ela chegou a um ponto em que diz: “Estou perdendo a confiança e em breve ele vai me ficar indiferente.”

HELLINGER Ok, sente-se ao meu lado. Quem foi que você não mencionou?

PARTICIPANTE O pai.

HELLINGER O que há com ele?

PARTICIPANTE O pai mora com a família também. Ele trabalha muito. Eu trabalhei nesse aspecto, para que ele se ocupasse mais com o garoto. Agora ele está mais fortemente envolvido, mas é ainda a mãe que assume a responsabilidade principal.

HELLINGER Se eu fizer com você, agora, uma espécie de supervisão, então vejo que você trabalha num círculo estreito, com duas ou três pessoas. Você viu que aí não existe solução. Por isso, o próximo passo é ampliar o círculo e ver o que aconteceu nas famílias de origem dos pais. Então vamos chegar

à raiz e partindo daí podemos resolver o problema.

HELLINGER O que aconteceu? — esta é a pergunta importante.

PARTICIPANTE Aconteceram algumas coisas. O que foi importante: um tio do pai morreu durante a guerra, quando criança, sob os escombros de uma casa que desabou após ter sido atingida por uma bomba. Ninguém pôde salvá-lo.

HELLINGER *quando o participante quer continuar a falar* Não, isso basta, isso tem força. Vamos colocar o tio.

Hellinger escolhe representantes para o tio e para o garoto e os coloca um em frente ao outro.

HELLINGER *após um certo tempo, para o representante do tio* É melhor você se deitar no chão.

O representante do garoto fica de olhos fechados a maior parte do tempo.

HELLINGER *para o participante* Havia ainda outros membros da família na casa que desabou?

PARTICIPANTE Acho que havia ainda uma outra criança que conseguiu se salvar. Ainda há mais coisas do lado da mãe também. Havia um tio que era deficiente mental. Na época do nazismo a preocupação que existia era que ele fosse deportado.

HELLINGER É isso.

para o representante do irmão do pai Você pode se sentar novamente.

para o participante Esse tio foi salvo?

PARTICIPANTE Ele foi salvo. Nessa linhagem existe ainda um outro tio que se suicidou quando era já de idade.

HELLINGER Isso não é tão importante. Vamos colocar o tio que tem deficiência mental.

PARTICIPANTE Ele tinha epilepsia.

Hellinger coloca o tio em frente ao garoto. Os dois se olham durante um longo tempo. Após um certo tempo, Hellinger escolhe uma representante para a mãe do cliente e a coloca ao lado de seu irmão.

A mãe olha para ele. Ele está de olhos fechados e sua cabeça está um pouco inclinada na direção dela.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o irmão da mãe* Diga-lhe: “Sou um fardo para vocês.”

IRMÃO DA MÃE Sou um fardo para vocês.

PARTICIPANTE Também é assim que o garoto se sente em relação a seus pais.

O irmão da mãe fica de novo de olhos fechados. Hellinger conduz então o garoto para ficar em frente ao tio.

HELLINGER *para o garoto* Diga: “Querido tio.”

GAROTO Querido tio.

Hellinger o aproxima mais. A mãe estende-lhe a mão, une os dois e se afasta um pouco. O garoto abraça o tio. Este coloca a cabeça nos ombros do garoto. Seus olhos continuam fechados e ele deixa os braços penderem.

A mãe se afasta um pouco. Depois de um certo tempo o garoto solta-se do abraço. Os dois estão um em frente ao outro, olham-se e estendem as mãos. Então o tio fecha os olhos novamente.

A mãe abaixa a cabeça durante um certo tempo e olha novamente para o irmão. Este se solta do garoto e se coloca ao lado de sua irmã. Ela o abraça firmemente de lado. De olhos fechados, coloca sua cabeça sobre os ombros dela. O garoto se afasta novamente.

HELLINGER *para o participante* Esta é a solução para o garoto. Está claro para você?

PARTICIPANTE Está claro. A frase que você disse foi importante.

HELLINGER *apontando para a constelação* Você precisa mostrar essa imagem para ele e para a mãe.

HELLINGER *para o representante do garoto* Como você se sente agora?

GAROTO Estou bem agora. Antes tinha a sensação de que ia ficar doido; doido da cabeça.

HELLINGER Exato.

para os representantes Ok, agradeço a vocês.

Menos é mais

PARTICIPANTE Trata-se de um garoto de nove anos de idade, que é muito inteligente, mas não quer mais aprender. Os pais se separaram. Com o pai, o

garoto é um cordeirinho e com a mãe, agressivo.

HELLINGER Então você já sabe qual é a solução.

PARTICIPANTE Provavelmente ele precisa ir para o pai.

HELLINGER O que significa aqui esse provavelmente?

PARTICIPANTE Eu já disse isso, mas...

HELLINGER O quê?

PARTICIPANTE O pai trabalha, a mãe não. Portanto, o garoto fica com a mãe. Foi essa a solução deles.

HELLINGER *para o grupo* Agora surgem as objeções que vão contra a solução.

PARTICIPANTE Então não posso fazer mais nada neste caso.

HELLINGER *para a participante* O que acontece quando alguém vê o que é o certo e renuncia a qualquer objeção? Sinta o que acontece em sua alma.

A participante fecha os olhos e se concentra.

HELLINGER *para o grupo* Ainda existe algo que é importante: renunciar a fazer algo por si só ou até mesmo renunciar a querer empreender algo. *para a participante* O importante é apenas dizer: “É certo para ele ficar com o pai.” Fim!

A participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Você percebe a diferença? E quando você encontrar a mãe, não precisa dizer nada. Você estará irradiando isso. O garoto também vai perceber.

para o grupo O princípio básico deste trabalho é: menos é mais.

PARTICIPANTE Muito obrigada.

A prudência

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher. Ela sofreu abuso de seu pai e seus sete irmãos também.

HELLINGER *para o grupo* Eu me pergunto aqui: que mãe foi essa nessa família?

para a participante Vamos constelar e ver isso.

Hellinger escolhe um representante para o pai e uma representante para a

mãe e os coloca um em frente ao outro.

A mãe segura as mãos na frente da barriga e olha para o chão. O pai começa a tremer. Seus joelhos tremem.

Hellinger escolhe uma representante para uma pessoa morta e pede que ela se deite de costas, em frente à mãe.

O pai agacha-se, deita de bruços e toca com a mão o braço esquerdo da representante da morta. Esta vira a cabeça para ele e estende o braço direito na direção da mãe, mas ela fica parada.

A mãe ajoelha-se, estende a mão direita para a morta, porém permanece a distância. Ela coloca a mão esquerda na boca e vira a cabeça. Então apoia a cabeça da morta com a mão esquerda e a puxa para si, afastando-a do marido, que coloca a cabeça no chão. A mãe segura firme a morta, mas ela se defende contra isso, violentamente. Esperneia e grita, mas a mãe a segura firme e a toma no colo. A morta continua gritando, porém, mais baixo. Lentamente se acalma.

Nesse meio tempo, o pai deitou-se do lado direito. Ele segura as mãos em cima da cabeça, como se quisesse protegê-la e como se não quisesse ouvir os gritos.

Hellinger escolhe uma representante para a filha e a posiciona.

A mãe segura em seus braços a morta que se acalmou. Esta olha inquieta para o pai, movendo as mãos. O pai olha inquieto para ela, movendo as mãos e levanta-se, mas a filha olha para o chão. O pai dá uns passos em direção à filha. Esta se afasta, fica de lado e continua olhando para o chão.

O pai aproxima-se bem da filha e coloca as mãos no seu rosto. Ela deixa os braços penderem e tem os punhos cerrados. A morta se levanta,

solta-se da mãe, afasta-se dela e coloca as mãos sobre a cabeça, de modo semelhante ao pai.

Primeiro a mãe havia olhado para a frente e chorado. Agora olha para o pai e para a filha.

A mãe levanta-se, vai para o marido e puxa-o, chorando, para longe da filha. Quando ele se vira para ela, esta coloca as mãos no rosto e chora. A filha se coloca atrás da mãe e a abraça fortemente, com ambas as mãos, por detrás. O pai pega a mãe na nuca com a mão direita, empurrando-a para baixo.

Então coloca ambas as mãos no pescoço dela, apertando fortemente. A filha está de lado e olha para o chão. Os pais lutam, caem no chão e se agarram, virados um para o outro. A filha se retira ainda mais e se deita também no chão, ao lado deles. A mãe olha para ela e coloca a mão sobre as suas costas.

O pai deita-se de costas, assim como a mãe. Ela olha agora para a filha e se aproxima dela. Ela se ergue um pouco. Mãe e filha se olham nos olhos. A mãe olha brevemente para o marido e se vira para a filha. Esta se deita agora ao lado da mãe, e ambas se abraçam intimamente.

HELLINGER *depois de um certo tempo* Ok, foi isso.

para os representantes Agradeço a vocês todos.

Hellinger chama os representantes dos pais novamente.

HELLINGER *para o grupo* Quando alguém entrou em papéis tão perigosos assim...

para os representantes Vocês dois se entregaram bem autenticamente, por isso precisam voltar a si mesmos. E este é o caminho: coloquem-se um ao lado do outro e curvem-se perante as pessoas reais que vocês representaram, com respeito.

Os dois representantes colocam-se um ao lado do outro, colocam a mão esquerda no coração e se curvam profundamente.

HELLINGER Ok, virem-se e agora sejam vocês mesmos.

para o grupo Normalmente não faço isso, tirar alguém da representação, porque para ele é uma experiência de vida importante, se continuar nisso. É também enriquecedor se permanecer ainda um certo tempo nela. Por isso não interrompo tão depressa, mas para tais tipos de representações é importante que se coloque um limite bem claro.

Agora, voltando a essa constelação: quem pode dizer algo em relação a isso? Quem pode ousar procurar uma solução por si mesmo? Isso é grande demais.

para a participante Ok?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* Gostaria de dar a vocês algo para refletir: o que acontece na alma de vocês se renunciarem à nomenclatura abuso? Quais as possibilidades maiores que vocês têm de fazer algo que tenha realmente um

bom efeito? Ao invés disso pode-se simplesmente descrever o que aconteceu, sem qualquer avaliação: aconteceu isso e aquilo, ponto final, sem usar de um tal conceito. Porque aquele que o usa, coloca-se imediatamente numa posição superior ao outro, e com isso, já está impotente para ajudar realmente.

Vício

PARTICIPANTE Trata-se de um rapaz de 17 anos, que foi dependente de heroína durante três anos. Agora deve começar a se tornar independente, pouco a pouco. A questão é: quais são as chances reais dele?

HELLINGER O que há em sua família?

PARTICIPANTE A mãe tinha 16 anos quando ele nasceu. Ele não conhece o pai.

HELLINGER Quando se trata de vícios, quem falta, normalmente, é o pai. O vício é a procura pelo pai. Vamos constelar. Escolha representantes para ele, para o pai e para a mãe; esses três, e os posicione.

Ele coloca o filho atrás da mãe. O pai bem longe da mãe, virado para o filho.

A mãe olha para o chão. O filho vira, brevemente, a cabeça e olha para o pai.

Hellinger conduz a mãe alguns passos para frente.

HELLINGER para a mãe Como é agora: melhor ou pior?

MÃE *expira* Melhor.

Ela expira fundo. Hellinger a conduz de volta e leva o filho alguns passos para a frente.

HELLINGER para o filho Como é agora: melhor ou pior?

FILHO Mais tranquilo.

HELLINGER para o grupo Vocês sabem o que isso significa? Ele morre no lugar de sua mãe. O vício pela droga aqui é uma tentativa de suicídio. — Ok, deixo assim.

para o participante Qual seria a solução quando você for trabalhar com ele? — Você precisa trazer à luz esse amor secreto. Se você fizer uma constelação, deixe-o ficar em frente à mãe e dizer: “Eu morro para que você fique.” Sem comentários. Então isso vem à luz e pode-se ver o que vai

acontecer. Ok?

O participante concorda com a cabeça.

HELLINGER *para o grupo* Alguma pergunta em relação a isso, talvez? Este é um problema com o qual muitos de vocês precisam lidar. *quando ninguém pede a palavra* A primeira coisa é não se colocar no caminho do viciado. Aquele que acha que pode se colocar no caminho deles fracassa.

PARTICIPANTE Como seria se descobríssemos a pessoa que a mãe segue, nessa sua atração pela morte? A mãe está seguindo provavelmente alguém na morte.

HELLINGER *para o grupo* O que está acontecendo agora? Isso é uma transferência. O cliente sai do foco e a mãe vira cliente.

para a participante Mas ela não é o cliente. O jovem é o cliente. Se você fizer a transferência para a mãe, não conseguirá mais ajudar. Se a mãe vier para você, ok. Mas aqui ficamos realmente com a pessoa do qual se trata.

para o grupo Existe uma tentativa frequente, no trabalho sistêmico, que é a de dizer que existe ainda algo atrás disso. Então vai-se até esse ponto e deixa-se o cliente de lado, embora não se tenha nada a ver com os outros e talvez tampouco possamos ajudá-los. Portanto, nos limitamos ao cliente e ao que tem a ver com ele. Então temos mais força.

UMA OUTRA PARTICIPANTE Seria a mesma coisa se fosse uma garota?

HELLINGER Sim, seria. Trata-se quase sempre do pai. Por isso a pessoa que tem a ver com viciados em drogas precisa ter o pai em seu coração. Contudo, no caso de drogas pesadas é frequentemente uma tentativa camuflada de suicídio. E isso pode ter diversos motivos. Aqui, tem a ver com a mãe.

para o participante Entretanto, para ele seria talvez a salvação se fosse para o seu pai.

para a participante Em muitos casos de pessoas que se encontram em perigo de se suicidar, a força salvadora vem do pai, não da mãe — muito frequentemente, mas é claro que existem exceções, também.

para o grupo Gostaria ainda de dizer algo a respeito da bulimia nas mulheres. Mulheres gordas “comem” as mães que elas rejeitam. Está havendo um murmúrio no salão?

A morte

PARTICIPANTE Trata-se de um homem de 35 anos. Há cinco anos atrás fraturou o pescoço. Está sob respiração artificial. Ele é paraplégico e recusa qualquer contato com a família. Afasta também as pessoas que estão ao seu redor e que se aproximam dele. Vive em uma casa de tratamento onde recebe cuidados especiais.

HELLINGER Ok, isso basta.

Hellinger escolhe um representante para o cliente e uma representante para a morte e os posiciona. O cliente olha para a frente. A morte está um pouco distante dele, à sua direita.

O cliente oscila. Então vira a cabeça para o lado direito e olha para o chão. Ele se ajoelha e olha para a representante da morte. Esta lhe estende as mãos. Então ele olha novamente para o lado direito e para o chão.

Hellinger coloca na frente dele um homem deitado de costas. O cliente se dirige a ele.

HELLINGER para o grupo Ele não está olhando para a morte, mas para um morto.

O cliente coloca a cabeça no peito do morto. Depois de um certo tempo, deita-se de bruços, com a cabeça ainda no peito do morto. Este coloca a mão esquerda na sua cabeça. A representante da morte se afasta.

HELLINGER para o participante Você precisa deixá-lo partir para onde ele se sente atraído. Ok?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER para os representantes Agradeço a vocês todos.

para o grupo Algumas pessoas se interpõem no caminho dos movimentos profundos da alma em direção à morte, querendo solucionar o que é supostamente importante. Está-se em sintonia com o destino do outro. Estando nessa sintonia, pode-se ajudá-lo.

para o participante Se você estiver em sintonia com o destino dele, não precisa dizer absolutamente nada. Então tudo estará mudado. E você estará na sua força. Ok?

O participante concorda com a cabeça.

Depressão: a solução a partir de uma conquista pessoal

PARTICIPANTE Trata-se de uma paciente de 34 anos de idade que cria

sozinha o seu filho de seis anos e que começou com depressão há dois anos atrás. Ela diz: “Não sei por que estou tão triste, não consigo explicar isso.” Esse é o problema.

HELLINGER A depressão não é tristeza. A depressão é um vazio. Portanto, aqui está faltando algo. Vamos posicioná-la.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona. A cliente olha fixamente para a frente. Depois de um certo tempo, levanta os ombros, faz com eles um movimento de rotação e olha novamente para a frente.

Hellinger escolhe um representante para o pai e coloca-o na frente dela.

A cliente dá uns passos para a frente e fica parada, de pernas abertas, com as mãos atrás das costas. Depois de um certo tempo, estende a mão direita para o pai. Ao ver que ele não reage, retira a mão e olha para o chão. Então olha novamente para ele.

HELLINGER *para o grupo* O pai não se deixa seduzir.

Depois de um certo tempo, a cliente olha novamente para o chão e dá alguns passos para trás. As suas mãos estão novamente atrás, nas costas.

HELLINGER, *para o grupo* A isso denominamos afundar-se na depressão.

para a participante Sai-se de uma depressão através de um trabalho pessoal. *para a representante da cliente* E você já sabe muito bem o que deve ser feito.

Hellinger a conduz alguns passos para frente, em direção ao pai. Então ela vai rapidamente para ele, mas ele sinaliza com as mãos: devagar, não tão depressa.

HELLINGER *para a cliente* Ajoelhe-se e curve-se profundamente.

Ela se ajoelha, senta-se nos calcanhares, cruzando os braços para trás.

HELLINGER Curve-se com as mãos estendidas e as palmas para cima.

Ela curva-se e estende as mãos para o pai.

HELLINGER Seria melhor ainda se você se deitasse de bruços. Deite-se de bruços.

Ela se deita de bruços e estende as mãos para o pai, com as palmas para cima. O pai dá um pequeno passo em direção a ela.

HELLINGER *para o grupo* Desenvolvemos também depressão quando

fizemos algo para o pai ou para a mãe. Então não podemos mais ir até eles sem nos tornarmos pequenos, primeiro.

O pai curva-se para ela, pega as suas mãos, levantando-a. Ela levanta-se, ele puxa-a para si, pressiona a cabeça dela no seu ombro e a abraça como o forte. Ela coloca o braço ao seu redor. Depois de um certo tempo, ele também coloca a cabeça dela no outro ombro.

HELLINGER *para a participante* Só se sai da depressão pagando-se um preço, e esse preço é a humildade. Ficou claro aqui. Não precisamos saber dos detalhes.

para os representantes Ok, foi isso. Agradeço a vocês dois.

para o grupo Em relação à depressão, podemos ver que um ou ambos os pais foram rejeitados ou que o acesso a um dos dois está impedido, não importa quais sejam as razões.

Quando um movimento precoce em direção ao pai ou à mãe foi interrompido, isto causa uma dor profunda. Então precisamos atravessar por essa dor e levar o movimento interrompido ao seu fim.

para a participante Provavelmente é o caso dela.

para o grupo Gostaria de acrescentar algo, ainda. Com relação aos pais, existe um deslocamento estranho, isto é, saímos do essencial e vamos para aquilo que é de menor importância. Frequentemente, o que não fica à vista é a vida. Olhamos mais para o supérfluo. Entretanto, para a vida esses pais são insubstituíveis e perfeitos, sem defeitos.

O terapeuta ou ajudante deve ter isso em seu campo de visão. Se tiver, todos os pais serão grandes para ele, e ele pode honrá-los sem restrições. Se o cliente for conduzido a isso, então todo o resto não é mais tão difícil, porque o olhar se desloca para o essencial.

Tive uma boa experiência com os zulus, na África do Sul. Eles não pensam muito sobre a vida, somente em uma coisa: quando se encontram, um pergunta ao outro: “Você ainda vive?” O outro diz: “Ainda estou aqui.” O essencial está totalmente em primeiro plano. Não é maravilhoso? Então podemos acordar de manhã e dizer: “Estou aqui ainda.” Assim o dia fica salvo.

para a participante Ok? Está bem para você?

Ela concorda com a cabeça.

A retirada

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher jovem que vive só. Ela teve relacionamentos com quatro africanos, ficando grávida de cada um deles. Interrompeu a gravidez duas vezes e deu duas crianças para adoção. Ela tem psicose.

HELLINGER Você não conseguirá ajudá-la. Não se pode fazer isso aqui. Deixe-a com o seu destino. Dessa forma, ela conserva a sua dignidade. Ok?

Ela concorda com a cabeça.

HELLINGER *para o grupo* Existe uma ideia bastante difundida de que, quando alguém faz uma formação como psicoterapeuta, assistente social ou professor sente que foi chamado, que tem direito e também que precisa ser capaz de interferir nos destinos e mudar o decurso da vida e, na verdade, segundo a sua própria ideia.

para a participante Quando se renuncia a essa ideia, pode-se viver bem tranquilo.

O grupo ri alto e bate palmas.

Considerações finais: A alma presenteia

HELLINGER *para o grupo* Isso aqui foi uma experiência rica, também para mim, uma experiência rica. Ligações totalmente novas vieram à luz.

Minha intenção foi transmitir a vocês experiências e compreensões e indicar caminhos de procedimentos. Sobretudo, quis transmitir como é importante o respeito pelo destino, como ele é; recolher-se e confiar no seu próprio destino e no destino do cliente. Aqui pudemos experimentar que um outro algo atua, para além de nossos planos. Então a profissão difícil que muitos de vocês exercem, principalmente aqueles que trabalham em instituições sociais, fica mais fácil. As frutas mais belas amadurecem por si sós.

Meu grande amigo Rilke escreveu uma frase em relação a isso:

*“Mesmo que o camponês se preocupe e aja,
onde a semente transforma-se no verão,
ele nunca alcança. A Terra presenteia.”*

Nós podemos modificar para o nosso trabalho e dizer: “A alma presenteia”.
Tudo de bom para vocês.

CURSO DE TREINAMENTO EM PALMA DE MALLORCA— DEZEMBRO DE 2002³

Viciado em drogas

PARTICIPANTE O caso que mais me preocupa é o de um jovem de 15 anos, que é viciado em drogas.

HELLINGER Ok, venha até aqui. É seu cliente?

PARTICIPANTE Ele é cliente de uma instituição pública, na qual trabalhei até agora.

HELLINGER E o que preocupa você?

PARTICIPANTE Ele já tentou se suicidar várias vezes.

HELLINGER E o que preocupa você?

PARTICIPANTE Será terrível se tiver que vivenciar o seu suicídio.

HELLINGER *para o grupo* Ela pode trabalhar com ele? Deve trabalhar com ele? Ela já perdeu a sua força.

Ela concorda com a cabeça.

HELLINGER Vamos testar isso.

Hellinger escolhe um representante para o jovem viciado em drogas e coloca a terapeuta em frente a ele. Então conduz a participante para mais perto do cliente.

HELLINGER Você está vendo algo no rosto dele? Você viu?

Ela concorda com a cabeça.

HELLINGER Ele não a quer. Você o incomoda.

para a participante Você pode sentar-se agora, mas continuarei a trabalhar com o caso. Agora farei uma supervisão para que vejamos se alguém deve trabalhar com ele ou se não se deve fazer isso, de modo algum.

Hellinger coloca um representante para a morte em frente ao cliente.

³ Este curso foi documentado também no vídeo Bert Hellinger – curso de treinamento para consteladores. 1 vídeo, alemão/espanhol, 2:16 h. À venda na Video Verlag Bert Hellinger – Postfach 2166 – Berchtesgaden. À venda também em DVD.

O representante da morte estende as mãos para o cliente, convidando-o a se aproximar.

HELLINGER *para o representante da morte* Você ainda não está centrado. Aqui você não deve ser terapeuta. Aqui você é apenas a morte.

O representante concorda com a cabeça e deixa os braços caírem.

O cliente respira profundamente. Ele e a morte olham um para o outro durante um longo tempo. Hellinger escolhe um representante para o pai do cliente e o posiciona ao lado dele.

O pai olha alternadamente para o filho e para a morte e aproxima-se lentamente do filho. Este vira-se para ele e os dois se olham. O pai olha, de vez em quando, para a morte, também.

HELLINGER *depois de um certo tempo* Agora vou fazer uma intervenção terapêutica.

Hellinger conduz o filho para mais próximo do pai. Quando está mais perto, o pai estende a mão para ele. O filho coloca a cabeça nos ombros do pai e os dois se abraçam carinhosamente.

HELLINGER *para a participante* Frequentemente as mulheres barram o caminho em direção ao pai. Por isso, via de regra, não devem tratar dos viciados em drogas.

para o grupo O vício em drogas encontra-se sobretudo naqueles cujo acesso ao pai está vetado e, de fato, pela mãe. Esse é o padrão básico. Quando uma mulher trata de viciados em drogas faz muitas vezes a mesma coisa. Ela coloca-se no caminho e impede o acesso ao pai. Somente uma mulher que respeita o pai e respeita os homens deve trabalhar com viciados em drogas. Portanto, esta aqui é uma forma de vício pela droga.

Mas existe uma outra. Neste caso, o vício pela droga é uma espécie de suicídio. Contudo, pode também ter uma outra causa, por exemplo, que um viciado em drogas queira morrer no lugar de um outro, por expiação.

A droga é o que está faltando. Normalmente é o pai que está faltando. Isso vale tanto para garotas quanto para garotos.

para o representante do filho Como foi para você?

FILHO Muito bom. Tive a imagem de que atrás de mim está uma mulher zangada. Acho que era a mãe que estava olhando.

HELLINGER Sim, exato.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

OUTRA PARTICIPANTE Também trabalho num centro para viciados em drogas. O que você disse me tocou.

HELLINGER Bom.

Psicose maníaco-depressiva

PARTICIPANTE Trata-se de um homem jovem que tem psicose maníaco-depressiva. Está muito desorientado após ter tido uma crise, e não sei qual é o meu papel aí.

HELLINGER Sente-se ao meu lado. Qual é a idade do homem?

PARTICIPANTE 35.

HELLINGER O que você sabe sobre sua infância?

PARTICIPANTE Perguntei-lhe, mas ele não me deu nenhuma informação significativa.

HELLINGER Ok, então vamos ver.

Hellinger escolhe uma representante para o cliente e posiciona uma mulher também, sem dizer quem ela representa. O cliente vira-se para a mulher, que obviamente é a sua mãe. Ele se dirige lentamente para ela e coloca a cabeça em seu peito. Ela puxa-o para si, e os dois se abraçam intimamente.

Hellinger escolhe um representante para o pai e o posiciona. Depois de um certo tempo, a mãe olha para o pai. Um pouco depois o filho se solta do abraço e olha também para seu pai. Ambos, mãe e filho, viram-se para o pai, continuam segurando-se por trás e soltam-se lentamente do abraço.

Hellinger conduz o cliente para trás do pai, de forma que a mãe e o pai ficam agora sozinhos, um em frente ao outro.

HELLINGER *para o cliente* Como você está agora?

CLIENTE Melhor.

HELLINGER *para os representantes* Podemos interromper aqui.

para a participante Frank Ruppert chamou a minha atenção para o fato de que, segundo as suas experiências, em relação ao distúrbio maníaco-depressivo, existe muitas vezes um incesto. Pode-se ver isso aqui. Não eram mãe e filho. Ela o seduziu.

para o representante do cliente Você sentiu isso?

Ele confirma.

HELLINGER *para o participante* Qual é a solução? — Mostrei aqui: ele se esconde atrás do pai. Ok?

O participante concorda com a cabeça.

HELLINGER *para o grupo* Um rapaz com uma mãe assim precisa mesmo enlouquecer.

Menino psicótico

PARTICIPANTE Trata-se de um menino de sete anos que é psicótico. A criança não fala.

HELLINGER Sente-se ao meu lado.

para a participante Ele é psicótico ou autista?

PARTICIPANTE Psicótico.

HELLINGER Como isso se mostra?

PARTICIPANTE Quando está brincando, existe uma tendência para separação e dispersão.

HELLINGER Como isso se mostra?

PARTICIPANTE Ele quer falar, mas a fala não é estruturada.

HELLINGER Quem está confusa? Você. É você que não consegue descrever claramente o que está acontecendo. Eu lhe perguntei duas vezes e você não me respondeu claramente. Não tenho imagem alguma. Portanto, o que ele faz quando mostra que é psicótico?

PARTICIPANTE Ele anda para trás. Até dois anos atrás, tinha crises epilépticas sem uma razão orgânica. Acho que existe um pano de fundo sistêmico do lado da mãe.

HELLINGER *para o grupo* Agora está mais claro. Em primeiro lugar, gostaria de descobrir se se trata do lado materno ou do paterno. Quando alguém diz que se trata do lado materno está frequentemente na pista errada. Nesse caso é preciso ser prudente. Então, por prudência vou sempre para o outro lado.

para a participante Pode ser que você esteja na pista certa, por isso vou testar. É um teste bem simples. Pode-se ver isso imediatamente. Pega-se

apenas um homem para o pai e uma mulher para a mãe, então veremos como se comportam.

Hellinger escolhe um homem e uma mulher e os coloca. O homem e a mulher se olham: ela está aberta, e ele, sombrio.

HELLINGER *para a participante* De que lado é? É do lado dele.

para os representantes Ok, esse foi o teste. Vocês podem sentar-se novamente.

para a participante Agora podemos trabalhar. Este foi somente um teste para mostrar onde começaremos.

PARTICIPANTE Aconteceu algo importante com a mãe, mas não sei se devo falar isso aqui.

HELLINGER Diga.

PARTICIPANTE A mãe foi abusada muitas vezes pelo tio, quando era criança.

HELLINGER Isso não é importante aqui.

Hellinger escolhe o mesmo representante para o pai e o posiciona. O pai respira com dificuldade, curva-se um pouco para frente, segura o seu braço direito e recua, dando pequenos passos, curvando-se muitas vezes para a frente e olhando intensamente para um ponto.

HELLINGER *para o grupo* Agora pode-se ver quem na família vai para trás.

Hellinger coloca uma mulher em frente a ele e pede a ela para ficar de cócoras. Esta ajoelha-se e curva-se até o chão.

Hellinger acena para uma outra mulher e faz um gesto, indicando que ela deve deitar-se no chão, entre eles.

O pai vai primeiro para o lado direito, então se aproxima da mulher morta e se ajoelha. Está segurando o pulso direito com a mão esquerda e balançando, muito tenso, a parte superior do corpo para os lados, para frente e para trás.

HELLINGER *para o grupo* Da maneira como o pai segura as mãos dá para ver que tem energia de agressor.

A mulher morta está inquieta e rola para o lado direito. Após um certo tempo, deita-se de bruços e rola novamente para o lado esquerdo. Seus movimentos convulsivos lembram um surto epilético.

Hellinger coloca um representante para o menino epilético na constelação.

A mulher continua rolando no chão com movimentos convulsivos. O pai continua balançando a parte superior do corpo, para frente e para trás. A mãe endireita-se e olha para a mulher. O filho cruza os braços.

A mulher morta fica calma por um certo tempo. A mãe desliza de joelhos em direção a ela. Quando toca na morta, esta se contorce e rola de um lado para o outro. A mãe segura os seus ombros. Ela se acalma e fica deitada no chão, de braços abertos. A mãe toca as suas mãos. Ela ainda tem alguns espasmos.

O pai ainda continua fazendo os mesmos movimentos. O filho afastou-se um pouco e está sentado, encolhido.

Hellinger coloca então um homem na constelação, sem dizer quem ele representa.

A mãe e a mulher morta olham para o homem. A morta fica calma e estende a mão para o homem. Este se aproxima, pega-a pela mão e a abraça. A mãe abraça os dois.

O pai deita-se no chão. Olha na direção dos outros e continua, ainda, fazendo um movimento de acalanto. Depois fica quieto.

HELLINGER para o filho Mudou algo para você agora?

FILHO Eu me acalmei um pouco.

para o grupo, apontando o pai Ele se acalmou, obviamente.

Hellinger conduz o filho para o pai.

HELLINGER para o filho Deite-se ao lado de seu pai e olhe para ele.

Ambos se olham. O filho estende a mão em direção ao pai e a aperta. Depois de um certo tempo encosta-se no pai, que o abraça.

HELLINGER para a participante O que fiz aqui? Testei se tinha algo a ver com o pai ou com um antepassado.

A imagem ficou, então, clara. A mulher morta queria ter uma ligação com o outro homem. Depois disso o pai pôde soltar-se e deitar-se. O filho fica protegido com o pai. Ficou bem claro?

Ela concorda com a cabeça.

HELLINGER para o pai Como você está agora?

PAI Agora estou quieto.

HELLINGER, *para o filho* Para você?

FILHO Estou bem aqui.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

OBSERVAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

A amplidão da alma

O que é que faz com que a nossa alma se amplie? O que a aprofunda e o que a faz crescer? Vou dar um exemplo simples: quando vocês olham para uma pessoa inocente e para uma que assumiu a sua culpa, qual a alma que é mais limitada? A alma de uma pessoa inocente. Uma pessoa inocente é pequena. Por que isso? Porque aquele que almeja a inocência elimina muitas coisas de sua alma. Com isso permanece limitado e permanece uma criança. Aquele que dá um lugar àquilo que antes queria eliminar de sua alma cresce internamente.

Quando crescemos em uma família, precisamos excluir algo e precisamos denominar algo como ruim ou mau, para que possamos continuar pertencendo a essa família. O preço para a pertinência à nossa família é que queremos eliminar algumas coisas. Contudo, se dermos a esse outro um lugar em nossa alma, temos uma má consciência, embora talvez pudéssemos alcançar algo bom, se fizéssemos isso.

Estamos mais próximos da realidade quanto mais espaço dermos a esse outro em nossa alma. Isso começa à medida em que, quando nós nos sentimos culpados, concordamos com a culpa e lhe damos também um lugar em nossa alma. Então nos sentiremos, com efeito, culpados, mas estaremos mais próximos à Terra e mais ligados a outras pessoas. E nós nos sentiremos mais fortes.

Na família, às vezes, certas pessoas são excluídas ou desaparecem de nossa memória. Não se pensa mais nelas. Ou ainda estamos ligados a alguém que já está morto há muito tempo ou estamos zangados com alguém da família e não queremos mais saber dele.

O que acontece quando sinto a perda de alguém por muito tempo? Uma parte de minha alma fica com ele ou ela, e isso pesa não somente sobre mim, mas também sobre ele ou ela. Contudo, se coloco novamente dentro de mim o que deixei com a outra pessoa, ela fica livre. Se coloco essa pessoa em minha alma, com amor, como um todo, como ela é, fico enriquecido e, o que é estranho, é que também me liberto dela. Através do *tomar com amor* conquistamos a outra pessoa, e ela se torna uma parte de nós. Ao mesmo tempo, nos libertamos dela e ela se liberta de nós.

Um exemplo simples: se eu der aos meus pais, com amor, um lugar em minha

alma, eu os tenho, sinto-me pleno e ricamente presenteado. Ao mesmo tempo, estou também separado deles. Estou liberto deles, porque eu os tomei. Essa é, portanto, a estranha contradição: através do tomar, fico enriquecido, e ao mesmo tempo, livre. A outra pessoa também fica livre de mim, porque a tomei com amor. Ela não perde nada se tomei algo dela. Muito pelo contrário, enriquece com isso. E vice-versa, se eu me recuso a tomar algo, os dois empobrecem: aquele que quis me dar algo e eu, que me recusei a tomar algo.

O que leva à psicose?

Para que, então, essas reflexões longas? Elas têm a ver com as dinâmicas que levam a psicoses em uma família. Quando lidamos com clientes psicóticos, vemos que na família deles algo foi excluído, que não se quer olhar para algo. Muito frequentemente, é algo perigoso. Por exemplo, não se quer olhar para alguém que matou um outro, ou para aquele que foi morto por um outro. Sobretudo, a própria vítima não quer olhar para o assassino, e o assassino não quer olhar para a vítima. Eles excluem o outro de sua alma, porque o assassino tem medo de colocar a vítima em sua alma, e a vítima, por sua vez, também tem medo de colocar o assassino em sua alma. Mas uma parte da alma do assassino permanece com a sua vítima e uma parte da alma da vítima permanece com o assassino. Assim, ambos ficam atrelados e não conseguem se separar um do outro. O assassino recebe de volta a sua alma, quando coloca a vítima em sua alma, e a vítima recebe de volta a sua alma, quando coloca o assassino na sua. Com isso, ambos ficam completos.

Contudo em muitas famílias, mais tarde, alguém precisa representar os dois, o assassino e a vítima ao mesmo tempo. Assim, talvez fique psicótico. De um lado, sente-se como a vítima, e de outro, como o assassino. O conflito dos dois, que se sentem à mercê um do outro, sem poderem encontrar-se, é vivenciado na alma do cliente, e isso leva à confusão.

Qual é, então, a solução? Nós olhamos tanto para o assassino quanto para a vítima e os colocamos um em frente ao outro. Então ajudamos a vítima a colocar o assassino dentro de sua alma e o assassino, a vítima dentro da sua. Se conseguirem fazer isso, ficarão libertos um do outro e, ao mesmo tempo reconciliados. Então a alma do cliente também ficará reconciliada com ambos e liberta de ambos.

É claro que muitas vezes é muito mais multifacetado do que como descrevo

aqui. Contudo, essa descrição oferece a vocês uma imagem de como podemos proceder em casos semelhantes e, frequentemente, precisamos proceder dessa maneira também.

Portanto, quem está confuso? Não é somente o cliente, a família também está. Por isso, a psicose é uma coisa que envolve a família toda. O cliente assume algo para a família toda. Assim, aqui olhamos não apenas para o cliente, olhamos para toda a família. Isso já alivia o cliente.

Meditação: a reconciliação

Fechem os olhos. Agora podem ir para as suas famílias, cada um por si, e olhar para todos que a ela pertencem: os bons e os maus, os agressores e as vítimas, os culpados e os inocentes. Dirijam-se a cada um deles, façam uma reverência e digam a cada um: “Sim, eu respeito você, e o seu destino, e a sua sorte. Agora eu tomo você em meu coração, como você é, e você pode me tomar em seu coração. No final, virem-se juntos para uma direção, para o horizonte, e façam uma profunda reverência. Perante esse horizonte, todos são iguais.

A indignação

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher de 37 anos que sofreu abuso por parte de seu pai, durante muitos anos, desde pequena. Isso aconteceu com o consentimento implícito da mãe, que não fez nada para impedir.

HELLINGER Ok, venha para cá.

para o grupo Ela conseguirá ajudar a mulher? Não, ela não conseguirá ajudar a mulher.

para a participante Você sabe também o porquê?

PARTICIPANTE Não.

HELLINGER Porque você está indignada. Você sente isso?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* Vou fazer um teste novamente, para que vocês possam verificar.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a coloca em frente à participante.

Hellinger empurra a participante lentamente em direção à cliente. Esta se afasta dela, passo a passo.

HELLINGER *para o grupo* Está totalmente claro.

Hellinger escolhe um representante para o pai e o posiciona. Ele coloca a participante atrás dele.

A participante empurra o pai para a frente e chora.

HELLINGER *para o grupo* Ela precisa da cliente para extravasar a sua agressão contra os homens. Pudemos ver isso.

Hellinger pede à participante para sentar-se.

HELLINGER *para o grupo* Agora vamos fazer algo para a cliente.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona.

A filha vira-se um pouco para a direita e vai lentamente para a frente.

Hellinger coloca uma mulher perante a filha. Esta dirige-se a ela e coloca a cabeça em seu peito. O pai também vai para a frente.

A mãe vira-se totalmente, mas olha ainda algumas vezes para a outra mulher e para o seu marido.

HELLINGER *para o grupo* Qual é a situação? Esta mulher é uma mulher anterior ou uma namorada do marido. A mãe não tem coragem de tomar o homem, e a filha precisa representar a namorada anterior. Isso é abuso?

Pode-se dizer isso? Isso é emaranhamento.

para os representantes Ok, foi isso.

para a participante Como você está agora?

PARTICIPANTE Bem.

HELLINGER Agora você aprendeu algo sobre o amor pelos homens.

Jogo mortal

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher que interrompeu todo e qualquer relacionamento com a sua família. Quando tinha 19 anos provocou um aborto e há sete anos é lésbica.

HELLINGER E o que você quer fazer?

PARTICIPANTE Ela sente-se muito sozinha. Minha pergunta é se ela mesma tomou essa decisão ou não.

HELLINGER Não se pode ajudá-la.

para o grupo Vocês sentiram a força depois que disse isso? Todo o resto é um jogo. Se a terapeuta permanece nessa postura de que não se pode ajudar a cliente, o que acontecerá com esta? Se ela precisa encarar o fato de que não se é permitido fazer nada, a cliente fica melhor ou pior?

PARTICIPANTE Não sei.

HELLINGER *para o grupo* Ela vai conseguir manter-se firme nessa postura? Não. Ela vai tentar ajudá-la.

para a participante Você sabe então onde vai aterrissar?

Hellinger escolhe uma representante e a deixa ficar deitada de costas no chão.

HELLINGER, *para o grupo* Esta é a criança abortada.

para a participante Deite-se ao lado dela.

A participante obedece.

HELLINGER *para o grupo* Ela vai aterrissar lá. Aterrissamos junto aos excluídos quando não os respeitamos. É isso que queria demonstrar ainda.

para a participante Ok, foi isso.

O controle

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher à qual atendo individualmente. Ela foi maltratada durante sete anos pelo seu parceiro.

HELLINGER E daí? Ela deve ter merecido isso.

para o grupo Sete anos? Então ela deve ter merecido isso.

para o participante Quem é o violento?

PARTICIPANTE Os dois eram violentos.

HELLINGER Principalmente ela. Isso está claro para você?

PARTICIPANTE Para mim está claro. Tenho a sensação de que preciso interromper o caso porque ela continua fazendo isso. Agora apresentou uma queixa contra o marido.

HELLINGER Exato. Quem é o agressivo?

para o participante Sabe o que ela vai fazer se você interromper a terapia? Ela vai apresentar queixa contra você. Seja prudente. Precisamos ser extremamente prudentes com as vítimas.

para o grupo Neste caso aqui, está bem claro: em um caso assim não se pode trabalhar individualmente.

para o participante Você não tem, então, nenhum instrumento de auxílio nas mãos. Ok, vamos constelar isso.

PARTICIPANTE Posso dizer ainda algo mais?

Hellinger olha para ele por um longo tempo. Então vira-se para o público.

HELLINGER O que ele fez quando fez essa sugestão? Ele quer ver isso? Não.

para o participante Você está emaranhado no caso.

para o grupo Como se lida com isso? Ele diz que quer interromper. Isso é perigoso.

PARTICIPANTE Eu me pergunto se devo fazer isso.

HELLINGER *para o grupo* Agora ele fez a mesma coisa de novo. Quando quis trazer a solução, ele introduziu algo mais.

para o participante Você está totalmente emaranhado nesse caso. Você precisa dela.

para o grupo Entretanto, vou explicar para os outros o que se faz. Vou explicar com um exemplo. Em Washington, uma mulher veio para um grupo de supervisão. Tinha uma cliente totalmente agressiva, em cuja família havia muita violência. A terapeuta me perguntou o que deveria fazer. Então eu lhe perguntei: por que motivo ela veio, até você? Ela disse: “Porque tinha dores no braço.” Ela era uma fisioterapeuta. Eu lhe perguntei: você conseguiu ajudá-la? Ela disse: “Sim, as dores passaram depressa.” Por que ela ainda está com você? “Surgiram ainda outras coisas da família.”

Essa terapeuta não sabia como se livrar da cliente. Eu lhe perguntei: há quanto tempo ela é sua cliente? “13 anos.” Essa cliente tinha controle total sobre a terapeuta.

para o participante E a sua cliente tem controle total sobre você.

para o grupo A questão é: como se pode recuperar o controle? Posso fazer uma sugestão. Contudo, nem todos conseguem fazer isso.

Perguntei a ela: Você marcou uma nova consulta para ela? “Sim, na semana que vem.” Eu lhe disse: telefone-lhe um dia antes e diga-lhe que você está doente. Mas marque um nova consulta para ela. Porém, no dia dessa consulta

empreenda uma outra coisa, sem comunicar-lhe antes. Se ela lhe fizer censuras, desculpe-se e marque novamente uma consulta. E esta também não acontece, devido a um outro pretexto.

para o participante E continua assim.

para o grupo Perguntei a ela: você sabe o que acontecerá com a cliente, então? Ela vai ficar furiosa. E vai ficar curada, sem que possa fazer-lhe acusações, pois você estava confusa.

para o participante Você percebe a diferença em relação àquilo que você diz, que vai interromper a terapia? Dessa forma você vai recuperar pouco a pouco o controle, e este vai ficando cada vez mais fraco. Logo que uma pessoa não queira mais vir à terapia, porque percebe que isso não leva mais a nada, fica curada. Ela fica, sobretudo, independente.

para o grupo Vou fazer a constelação somente como demonstração para vocês.

Hellinger escolhe representantes para o homem e um representante para a mulher e os posiciona um em frente ao outro.

O homem respira fundo. A mulher cruza os braços, coloca um pé para a frente e olha para o homem, desafiando-o. Depois de um certo tempo, ela se dirige até ele e dá-lhe um empurrão.

HELLINGER Ok, acho que já vimos o suficiente. Recentemente, em um curso em Neuchâtel, uma cliente me disse que o seu pai era muito agressivo e que a mãe sofria por causa disso. Então constelamos isso. Foi semelhante ao que vimos aqui. Perguntei à cliente qual era a profissão da mãe. Ela disse: “Ela é treinadora de esportes de luta.” *para o participante* Ficou suficientemente claro para você? PARTICIPANTE Sim, e também vi que estou envolvido nisso. HELLINGER Sabe como você deve proceder, quando for usar esses truques? Faça com um prazer secreto.

Risadas estrondosas no grupo, e o participante também ri.

HELLINGER *para o grupo* Agora ele está livre. Ok.

O participante ri alto e quase molha as calças de tanto rir. O grupo todo ri junto com ele.

HELLINGER *para o grupo* Agora ele conseguiu recuperar o controle.

“Vá para os homens”

PARTICIPANTE Trata-se de um paciente de 25 anos que atendo individualmente. Seu tema é a identidade sexual.

HELLINGER *para o grupo* E ele vai então até uma mulher? Mas isso é muito estranho. E ainda por cima ela o atende.

Hellinger olha longamente para a participante.

HELLINGER Então, o que você faz com ele? Diga-lhe: “Vá para os homens”. – Algo mais?

PARTICIPANTE Isso poderia ser uma possibilidade.

HELLINGER Mas tem algo ainda por trás disso. Você respeita os homens?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Bem, então vai ser fácil para você dizer isso. Respeite sobretudo o pai dele.

PARTICIPANTE O pai morreu quando o cliente tinha dois anos.

HELLINGER A mãe casou-se novamente?

HELLINGER Ela esteve casada por pouco tempo.

HELLINGER *quando ela continua a falar* Não, já são muitas palavras. Isso tira novamente a força.

para o grupo Pela imagem tenho a suspeita de que a mãe estava zangada com o pai. Por isso o rapaz não pode ir para o pai.

para a participante Fique com ele ainda por um certo tempo e conte-lhe sobre o pai dele.

PARTICIPANTE Já estou fazendo isso.

HELLINGER Ok. Então você pode fazer um exercício com ele. Vou fazer agora para todos.

Exercício: ambos os pais

Fechem os olhos e sintam dentro de vocês, qual dos pais tem em você menos força? Quem está mais atrás? Quem está mais na frente? A mãe ou o pai? Agora olhem para o genitor que está mais atrás e tragam-no lentamente para a frente. Deixem a força deste genitor fluir através de seus corpos, até que alcance todas as células e deixe a sua força irradiar pelos olhos.

para a participante Agora você sabe o que deve fazer e o que pode fazer. Ok, bom.

Criança irrequieta

PARTICIPANTE É o caso de uma criança de cinco anos que é muito irrequieta. Existem momentos em que o menino fica muito zangado e se joga no travesseiro. A mãe teve o menino, embora o pai não quisesse.

HELLINGER Sente-se ao meu lado.

para o grupo Como é que a mãe pôde ter o filho se o pai não quis?

Risadas no grupo.

para a participante Você tem uma resposta?

PARTICIPANTE O pai diz que não o queria.

Hellinger escolhe um representante para o pai e o posiciona.

HELLINGER *para o grupo* Quem vou colocar em seguida? Sua mãe.

Hellinger posiciona uma representante para a mãe do pai (avó). Ela olha para o chão. Depois de um certo tempo, Hellinger escolhe um homem e o coloca deitado de costas em frente à avó.

A avó se abaixa em direção ao morto e o abraça. Então o morto vira-se de lado, afastando-se dela. Mas ela ainda o toca nas costas.

Hellinger escolhe um representante para o pai do pai (avô) e o posiciona.

O avô não olha para o morto, mas vira-se para o pai. Este também vira-se para o avô. Um vai ao encontro do outro. O avô toca o braço do pai. O pai olha para o chão. A avó se afastou um pouco. Ela permanece ajoelhada e curva-se bem profundamente.

Hellinger vira o avô, de modo que ele precisa olhar para o morto. Hellinger escolhe um representante para a criança irrequieta (o filho) e o posiciona.

HELLINGER *para o filho* Deite-se ao lado do homem morto.

O filho deita-se ao lado do morto e o abraça. Este coloca também o braço ao redor dele. O avô se ajoelha e toca os dois. O filho e o morto se abraçam mais intimamente. O pai olha o tempo todo para o chão.

Hellinger conduz a criança irrequieta (o filho) um pouco para o lado.

HELLINGER *para o filho* Como você se sente aí?

FILHO Estou tremendo.

HELLINGER *para o grupo* Este é o sintoma do morto.

para o pai Deite-se ao lado do morto.

O pai deita-se ao lado do morto e olha para ele.

Hellinger pede ao pai para se levantar e ao avô que se deite ao lado do morto.

O avô deita-se ao lado do morto. Os dois se abraçam. A avó dirige-se para seu filho, o pai e os dois se abraçam intimamente. Nesse meio tempo, Hellinger escolhe uma representante para a mãe da criança irrequieta e a coloca à sua frente.

Hellinger pede que a mãe do pai deite-se ao lado de seu marido. O pai vai então para a sua mulher. Os dois se abraçam intimamente e incluem o filho no abraço.

O avô e sua mulher se abraçam no chão. O morto deita-se de costas e estende os braços.

HELLINGER *para a participante* Ok?

Ela concorda com a cabeça.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

REFLEXÕES POSTERIORES

Bênção e maldição

A bênção vem de cima e flui para baixo. Ela vem para nós a partir de alguém que está acima de nós. Primeiro, são os nossos pais. Quando os pais abençoam seus filhos estão profundamente ligados ao fluxo da vida. A sua bênção acompanha a vida que passaram aos seus filhos. Como a vida, a bênção também vai para muito além dos pais. Como a vida, a bênção é também passar adiante algo sagrado que nós mesmos já recebemos primeiro.

A bênção é o sim para a vida. Ela a protege, multiplica-a, acompanha-a. Ela libera o abençoado e o deixa com o que é seu, em sua plenitude. A bênção e a plenitude fluem através dele a outros: por exemplo, a um parceiro, aos próprios filhos, aos amigos. E fluem para uma ação que apoia a própria vida de uma forma abrangente e protetora.

Dessa forma, os pais abençoam os filhos na despedida, quando eles se vão. Eles mesmos continuam atrás. Então os filhos ficam independentes. Mesmo quando os pais se despedem, por exemplo, quando morrem, abençoam seus filhos e netos. Abençoando-os, permanecem ligados a eles.

Por isso pode e deveabençoar, apenas alguém que foi abençoado e está em harmonia com algo maior. Ele passa adiante somente aquilo que o alcança e aquilo para o qual ele próprio se abriu. Por isso, a bênção é humilde. Somente onde existe humildade é que se desenvolve o efeito que traz a bênção.

O contrário da bênção, por assim dizer, a sua sombra, é a maldição. Através da maldição alguém quer o mal para uma outra pessoa. Ele quer prejudicar a vida de outro, até mesmo, liquidá-la. Similarmente à bênção, que quer não apenas o bem de um indivíduo, mas também de seus descendentes, assim também a pessoa que amaldiçoa o outro quer, muitas vezes, não apenas atingi-lo, mas também a seus filhos. A maldição é um veneno no fluxo da vida.

Uma pessoa quer muitas vezes algo de mal para uma outra e seus filhos, quando lhe foi feita injustiça ou quando pensa que sofreu injustiça. Se estiver zangada e com razão, é necessário que a reconciliemos, por exemplo, precisamos reconhecer a injustiça e pedir-lhe para ser novamente amigável. Isso se consegue mais facilmente quando lhe pedimos que olhe também

amigavelmente para os nossos filhos, desejando-lhes o bem. Portanto, que ela os abençoe.

Muitas vezes as pessoas querem o mal a uma outra sem que ela lhes tenha feito algo de mal. De repente alguém se sente à mercê de uma vontade maldosa, desejo maldoso contra o qual não consegue defender-se. Não consegue anular isso com a sua própria ação porque pode ser que nem conheça essa pessoa. Como um indivíduo pode então se proteger e proteger a sua alma de forma que essa vontade maldosa, esse desejo maldoso, não estraçalhe a sua vida, influencie-a ou até mesmo o faça adoecer e tirar a sua vontade de viver? Ele se dirige à fonte da vida, abre-se para a sua plenitude, e a sua força, deixa que fluam através de si, bem fortemente, para também alcançar os outros que limitam essa vida e de certa forma querem opor-se ao seu fluxo. Assim, com a bênção, vai de encontro a essa maldição.

Contudo também sentimos em nós, algumas vezes, que queremos o mal para alguém, que nos recusamos a lhes desejar realmente o bem. Isso se mostra alguma vezes em coisa pequenas, por exemplo, quando fazemos uma objeção contra aquilo que o outro exige ou faz feliz. Através da objeção os atamos a nós, ao invés de deixá-los livres para a sua própria vida e sua plenitude.

Como podemos ir de encontro a isso? Nós podemos exercitar sermos uma bênção. Por exemplo, podemos nos perguntar depois de um encontro com pessoas ou no final de um dia: “Fui uma bênção hoje?” Então nós nos experimentaremos dia após dia, cada vez mais abençoados e abençoantes.

CONSTELAÇÕES FAMILIARES ESPECIAIS

DE UM CURSO EM ROMA - MAIO DE 2002

Tinnitus duplo (Zumbido nos dois ouvidos)

HELLINGER Há pouco uma pessoa me disse que tinha *tinnitus* duplo. Pedi que viesse até aqui.

para esse homem Tenho dois interesses diferentes. Em primeiro lugar, quero lhe ajudar e também me interessa saber se *tinnitus* pode ser condicionado sistemicamente.

CLIENTE Eu poderia imaginar...

HELLINGER *interrompe* Não, não quero ouvir nada. Quero fazer um experimento. Ok?

Ele concorda com a cabeça.

HELLINGER Onde está localizado o *tinnitus*?

CLIENTE Nos dois ouvidos.

HELLINGER Se você fosse escutar usando o lado direito, a que distância estaria o *tinnitus*? A quantos metros ou quilômetros?

CLIENTE Dez metros.

HELLINGER O *tinnitus* direito é feminino ou masculino?

CLIENTE Masculino.

HELLINGER E o esquerdo, masculino ou feminino?

CLIENTE Feminino.

Hellinger escolhe um representante para o cliente, um homem para o tinnitus direito e uma mulher para o tinnitus esquerdo e os posiciona.

HELLINGER *para o grupo* Não temos espaço suficiente para dez metros. Por isso encurtaremos isso na constelação.

O tinnitus esquerdo olha para o chão e coloca a mão direita no coração. Depois de um certo tempo, começa a respirar com dificuldade, aproximando-se do cliente, pela lateral.

O cliente vira-se, estendendo ambos os braços. Quando o tinnitus direito está bem próximo ao cliente, os dois pegam-se nas mãos. O tinnitus direito olha o tempo todo para o chão. Então coloca a cabeça nos ombros do cliente. Os dois se abraçam intimamente.

O tinnitus esquerdo vira-se também para o cliente e dirige-se lentamente para ele. Quando está mais próximo, os dois também pegam-se nas mãos. O cliente puxa-o para si. Todos os três se abraçam enquanto que o tinnitus direito olha para fora.

Depois de um certo tempo, o cliente se liberta um pouco do abraço e puxa cada um dos dois representantes do tinnitus para os ouvidos.

Um pouco mais tarde o tinnitus esquerdo se ajoelha, mas o cliente ainda segura a sua cabeça. Então este tinnitus deita-se ao lado direito do cliente. Este olha para a representante do tinnitus esquerdo. O tinnitus direito olha também brevemente para ela, mas encosta-se então, novamente, no ouvido do cliente.

O cliente afasta-se do tinnitus que está deitado no chão e puxa o tinnitus direito para si, mas este vai ao chão e deita-se ao lado do outro tinnitus. Então o cliente também vai ao chão e deita-se junto aos outros, entretanto, com a cabeça virada para o outro lado. E coloca o braço esquerdo sobre os olhos.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o representante do cliente Levante-se.*

Ele se levanta, Hellinger o afasta dos outros. Então o cliente coloca as mãos em ambos os ouvidos e olha para o chão. Depois de um tempo, dirige-se lentamente para frente, apruma-se, respira fundo e tira as mãos dos ouvidos. Ele respira fundo e aliviado.

HELLINGER *para o representante do cliente* Como você está agora?

REPRESENTANTE DO CLIENTE *Estou livre.*

HELLINGER *para os representantes* Obrigado.

para o cliente Não entendi nada. Mas não importa. Você entendeu?

CLIENTE *Sim, eu entendi.*

HELLINGER *Ok, bom.*

DE UM CURSO EM ATENAS – SETEMBRO DE 2002**Amor secreto**

CLIENTE Trata-se de um problema pessoal. Trata-se das consequências de abuso.

HELLINGER Foi com um homem?

CLIENTE Sim, eu...

HELLINGER *interrompe* Não quero saber de mais nada.

Hellinger escolhe um homem e coloca a cliente em frente a ele.

A cliente olha para ele, fecha os olhos e cambaleia.

HELLINGER *para a cliente* A primeira coisa é: você precisa olhar.

para o grupo Ela foi para as suas fantasias, para suas imagens internas.

para a cliente Esqueça o que disseram sobre isso. Apenas olhe.

A cliente cambaleia para trás. Hellinger a segura por trás e a empurra um pouco para frente.

HELLINGER *para a cliente.* Continue olhando.

A cliente se dirige por si só até o homem, coloca a mão e a cabeça em seu peito e o abraça. O homem a abraça com cuidado. Então ambos fazem um movimento leve de acalento. Depois de um certo tempo, o homem coloca sua cabeça na cabeça dela. Ela se encosta nele docilmente. Os dois se abraçam intimamente e se acalentam com cuidado e ternura. Permanecem assim por longo tempo.

Depois de um certo tempo, a cliente separa-se do homem, dá alguns passos para trás e olha para ele amorosamente.

O homem lhe estende ambas as mãos. Os dois pegam-se nas mãos. Então as soltam. A cliente vira-se e dá alguns passos para frente.

HELLINGER Ok, foi isso.

para a cliente Agora as consequências foram anuladas. Você sabe por quê? Porque o amor secreto pôde ser mostrado.

para o grupo Na nossa sociedade é proibido mostrar isso. Quem o consegue, está livre.

para a cliente Ok. Agora você está com uma aparência melhor.

DE UM CURSO EM ESTOCOLMO — SETEMBRO DE 2002

Autismo

Considerações prévias

Um grupo de quatro tutores, dentre eles um psiquiatra, perguntou-me neste curso se poderia trazer um homem autista para que trabalhasse com ele. Eles queriam descobrir se o seu autismo seria também algo sistêmico. Esse homem, de aproximadamente 35 anos, tinha pronunciado apenas duas palavras até então. Concordei, sob a condição de que eles o acompanhassem. No dia seguinte, quando vieram com o homem até o palco este ficou andando nervoso de lá para cá, abria e fechava alternadamente as mãos e olhava intensamente para as palmas.

HELLINGER *para o grupo* Gostaria de trabalhar com este homem que está sentado à minha direita. Ele é autista e não fala. Ao lado dele estão sentados os seus quatro tutores, entre eles, um psiquiatra. Vou trabalhar junto com eles para ver se podemos fazer algo por este homem. Um dos tutores já me relatou algo sobre a família dele.

para este tutor Você poderia repetir isso para o grupo?

TUTOR A mãe do trisavô paterno, sua tataravó, foi assassinada. Ela era viúva e vivia com um capitão que a matou.

HELLINGER *para o grupo* Quando vi que este homem ficava olhando constantemente para suas mãos abertas, disse aos tutores: “Ele está olhando para sangue.” Vamos ver agora se podemos fazer algo por ele do ponto de vista sistêmico. Em sua família existem duas pessoas que são importantes aqui: a mãe do trisavô e o capitão que a matou.

Com relação à esquizofrenia — e talvez seja semelhante com este homem — descobri que na família existe frequentemente uma morte oculta, muitas gerações atrás. Um cliente esquizofrênico precisa representar tanto a vítima quanto o agressor. Não consegue unir essas energias diferentes. Por isso está desnorteado. Quando se conseguem reconciliar essas energias que se excluem originalmente, então o cliente fica melhor. Mas isso somente

acontece quando o agressor e a vítima se dirigem um ao outro, encontrando-se. Essa reconciliação precisa começar no coração do ajudante. Isso significa que os dois recebam ao mesmo tempo um lugar em seu coração e se reconciliem aí, primeiro.

Shakespeare descreve em sua tragédia *Macbeth*, como a mulher de Macbeth disse ao seu marido, quando este recuou sobressaltado com a morte do rei: “Esse pouco de sangue lavamos com facilidade.” Entretanto, depois do assassinato, ficou perambulando pelo castelo sem conseguir dormir, olhando continuamente para sua mãos.

Quando vi como este homem ficava olhando para suas mãos tive exatamente esta imagem à minha frente. É claro que ele próprio é inocente. Uma outra pessoa precisa olhar para as suas mãos sangrentas. Aqui seria o assassino da mãe do trisavô.

Antes gostaria de dizer algo sobre emaranhamentos. Uma pessoa excluída será representada mais tarde por uma pessoa da família. Os mais excluídos em uma família são os assassinos. Por isso, é bem natural que sejam representados por alguém. Para muitos da família é difícil dar um lugar a eles. Mas enquanto os assassinos não são amados, não existe solução para os posteriores que precisam representá-los.

Para alguém que precisa representar um assassino, e isso pode ser muito perigoso, uma possível solução seria ele afastar-se totalmente. Isso seria sua proteção contra impulsos assassinos. Mas não são seus os impulsos, eles pertencem a uma outra pessoa. Por isso deve-se ajudar uma pessoa assim, libertando-a da substituição e identificação com o assassino. Ao mesmo tempo, ele representa também a vítima, porque fica sem poder agir através de seu afastamento. Se conseguir libertar-se da identificação com o assassino, conseguirá também libertar-se da vítima e vice-versa.

Disse a vocês quais as ideias que me ocorrem e como precisarei trabalhar aqui, provavelmente.

Vou começar com a mãe do trisavô que foi assassinada.

Hellinger escolhe uma representante para essa mulher e a posiciona.

A mulher respira com dificuldade e suspira alto. Hellinger escolhe um representante para o marido, o tataravô, e o posiciona também.

Ambos olham-se longa e intensamente, virando-se um para o outro. O

homem autista, que até agora estava com as mãos fechadas e olhava interessado, fica inquieto. Abre as mãos, olha para as palmas, fecha e abre as mãos muitas vezes.

O marido da mulher também estende suas mãos para a frente e olha intensamente para as palmas. Ele não pode ver o homem autista porque este está sentado atrás dele.

Depois de um certo tempo deixa as mãos caírem. Então as estende novamente para a frente, levanta lentamente a sua mão direita e a cerra em forma de punho, como se quisesse bater. Nesse meio tempo, Hellinger colocou um representante para o capitão.

HELLINGER para o grupo, enquanto aponta para o marido da mulher. Aqui houve um assassinato. Ele é na verdade o assassino.

A mulher começa a gritar e cai no chão, em frente ao marido. Este faz um movimento com a sua mão estendida como se fosse matar a mulher agora. A mulher cai totalmente no chão e deita-se do lado direito, virada para o marido.

Hellinger deixa o representante do capitão sentar-se novamente, porque este obviamente não tem nada a ver com isso. O homem autista olha novamente mais vezes para as palmas das mãos.

HELLINGER para o grupo Podemos esquecer o capitão. O marido da mulher é o assassino.

O marido da mulher faz um movimento com a mão, como se fosse puxar algo e jogar fora. Hellinger coloca agora o homem autista na constelação.

Hellinger pega o tataravô pela mão para levá-lo até a sua vítima. O cliente fica andando de lá para cá, inquieto, olhando continuamente para as palmas das mãos. De vez em quando senta-se ao lado de um tutor. Depois de um certo tempo, anda novamente de mãos abertas, para lá e para cá. O tataravô estende a mão direita com a palma para cima em direção ao cliente. Hellinger conduz o cliente até que ele fique em frente ao outro.

O cliente olha algumas vezes para o homem, mas desvia o olhar imediatamente. Ele está com as palmas abertas. Depois de um certo tempo, Hellinger pede à mulher que se levante e a coloca ao lado do marido. O cliente se afasta.

O marido coloca o braço em volta da mulher. Ela coloca a cabeça em seus

ombros. O marido continua segurando a sua mão direita com as palmas para cima e na direção do cliente. Este olha algumas vezes para o marido e para a mulher e desvia novamente o olhar. Então fica novamente inquieto e quer sentar-se. Hellinger pega-o pela mão e o conduz para que fique em frente ao marido e à mulher. Ele não quer olhar para eles e desvia o olhar. Depois de um certo tempo, Hellinger coloca o braço da mulher e do marido ao redor do cliente. Eles o abraçam e o puxam para si. Ele permite isso, mas fica com os braços estendidos para o lado e olha fixamente para a frente.

Depois de um certo tempo, o cliente se solta e senta. Ele olha para as palmas das mãos abertas. O marido e a mulher se abraçam intimamente. Depois de um certo tempo, soltam-se. O marido ajoelha-se em frente à mulher e curva-se profundamente. A mulher junta as mãos, então se agacha e dá um beijo no marido. Depois de um certo tempo endireita-se, permanece de mãos juntas, ajoelhada em frente a ele. O cliente desvia o olhar a maior parte do tempo. Algumas vezes olha para as palmas das mãos.

O marido endireita-se e olha para a mulher. Hellinger pega a mão direita do cliente, que está sentado ao seu lado quando este olha para as suas mãos novamente e pergunta: "Você sabe o que tem em suas mãos? Água." O cliente olha então para o marido e para a mulher. Ele abre novamente as mãos, mas sem olhá-las. O marido e a mulher viram-se para ele. O marido está com as palmas das mãos abertas. O cliente olha longamente para eles.

Hellinger senta-se ao lado dele e coloca a mão esquerda em seu coração. Primeiro o cliente desvia o olhar. Então, olha alternadamente para o marido, para a mulher e para as suas mãos abertas.

Hellinger puxa-o suavemente para si, coloca o braço direito ao redor dele, enquanto este ainda está com a mão esquerda segurando o coração. Depois de um certo tempo, o cliente solta-se e olha novamente para as suas mãos.

Hellinger dá um sinal para ele ir novamente para o marido. O cliente levanta-se, vai até ele, mas anda inquieto, para lá e para cá, enquanto olha continuamente para as suas mãos abertas. Então senta-se entre os seus tutores.

HELLINGER depois de um certo tempo, para o marido e a mulher Deitem-se agora no chão, um ao lado do outro.

HELLINGER para o cliente, quando os dois estão deitados Deite-se no chão ao lado do homem.

O cliente levanta-se e anda inquieto para lá e para cá. Então coloca-se ao lado do homem que está deitado no chão. Um tutor dá um sinal para ele deitar-se, ajudando-o a fazer isso.

Quando ele está deitado, Hellinger coloca o braço do homem ao redor do cliente. O homem abraça-o e puxa-o para si, abraçando a mulher com a outra mão. Esta coloca a cabeça em seu peito.

O cliente olha brevemente de novo para as suas mãos abertas. Então junta as mãos e fica deitado assim. Abre as suas mãos mais duas vezes e junta-as novamente. Permanece assim por um longo tempo. Então o homem abre os braços, soltando-se do abraço. O cliente levanta a cabeça, deixa-a cair, olha novamente para as suas mãos, levanta a cabeça por um longo tempo, olha ao seu redor, deixa-a cair novamente e olha para as suas mãos abertas. Então junta as mãos e permanece deitado dessa maneira.

HELLINGER para o grupo, após um longo tempo Essa é a solução. Ele junta as mãos como o cliente.

HELLINGER para os representantes Ok, vou deixar assim.

Os representantes levantam-se. O cliente senta-se ao lado de Hellinger. Ele continua com as mãos juntas. Hellinger coloca sua mão nas mãos dele. Ambos se olham. Então o cliente olha para os seus tutores.

HELLINGER para o grupo Ele tem tutores muito bons e também os merece. *depois de um certo tempo* É estranho o que vem à luz, quando começamos com o mínimo. Imaginem o que teria acontecido se tivesse colocado primeiro o capitão e a mulher, embora este passo tivesse sido o que estava mais próximo. Mas comecei somente com a mulher. Não sabia o porquê, mas para mim estava claro que deveria começar apenas com ela. Ocorreu-me que uma pessoa não foi mencionada aqui. Frequentemente a pessoa que não foi mencionada é a pessoa importante. Aqui foi o marido da mulher. De repente pudemos ver: tratava-se dele realmente. Aquilo do capitão foi somente uma história.

Aqui veio à luz que a alma sabe de tudo. A alma que atua aqui abrange todos, é comum a todos. Por isso os representantes puderam sentir como as pessoas reais, que estavam representando. Nesta alma nada foi esquecido, tudo está presente. A verdade veio à luz, porque nós nos deixamos levar totalmente pelos movimentos dessa alma. Teoria alguma teria nos conduzido ali. Através dos movimentos da alma pudemos ver onde está a solução: na

reconciliação entre o assassino e a vítima. Ela começa aí. Os representantes encontraram o caminho para lá, de uma forma especial. A alma os conduziu.

O cliente também sabia o que deveria ser feito, quando permitiu ser abraçado pelos dois. A reconciliação começa quando damos, simultaneamente, um lugar ao agressor e à vítima em nosso coração.

Depois disso não sabia como iria continuar. Mas já que o homem e a mulher estavam mortos, pedi que se deitassem no chão. De repente ficou claro para mim que o cliente deveria deitar-se ao lado deles. Ali ele começou a juntar as suas mãos.

Depois de um certo tempo, quando os dois o incluíram no abraço, ele pôde se soltar, estava livre de algo. Ele levantou a cabeça por um longo tempo, e eu pensei, talvez ele se levante. Isso teria sido a solução, porque assim teria deixado tudo para trás.

para os tutores Continuará a atuar em sua alma. O cuidado de vocês vai ajudá-lo. Não é necessário fazer nenhum comentário até que a sua alma aflore. Isso ainda precisa de tempo. Mas eu vejo que o tataravô e a tataravó o abraçam. É a imagem que tenho. E vocês também têm que confiar em um poder maior que lava todo o sangue.

O cliente olha novamente para as suas mãos.

HELLINGER *para o cliente* Desejo tudo de bom para você.

Os dois olham-se longamente. Então o cliente levanta-se e quer ir para frente. Hellinger pega a sua mão esquerda e o segura firmemente. O cliente senta-se novamente e olha para Hellinger. Então olha para longe.

HELLINGER *para o cliente* Agora você pode ficar.

Hellinger está com a mão sobre as mãos do cliente. Este puxa a sua mão direita e olha novamente para a mão aberta. Então junta as mãos. Isso foi o final deste trabalho.

Observação posterior

Os tutores disseram no final como ficaram admirados de ver como o homem ficara tão quieto durante o trabalho e não fugira. Eles ficaram também admirados que ele tivesse permitido que o tocassem, uma coisa que comumente não acontecia.

DE UM CURSO EM FORT LAUDERDALE — FEVEREIRO DE 2003

Distúrbio de múltipla personalidade

PARTICIPANTE Minha cliente tem muitas personalidades e frequentemente causa ferimentos a si mesma. Fiz uma constelação, mas não deu em nada. No final da constelação olhou para a minha saia e disse: “Aí está sentado o diabo.”

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e deixa que ela mesma se posicione.

A representante da cliente inclina-se para trás até quase cair, quase se ajoelhando ao fazer isso.

Hellinger escolhe uma outra representante e a coloca ao lado da cliente. Ele diz para ela imitar os movimentos da cliente.

As duas mulheres se inclinam juntas para trás. Depois de um certo tempo, a representante da cliente cai de costas, mas apoiando-se nas mãos. Ela fica com o corpo por um tempo ainda em cima, mas depois cai. A segunda mulher imita todos os seus movimentos.

A representante da cliente vira a cabeça para a mulher. Esta também vira a cabeça na mesma direção. A representante da cliente arrasta-se, afastando-se da mulher. Esta a acompanha, fazendo o mesmo movimento.

HELLINGER para a mulher Agora permaneça em suas sensações do jeito que são.

A representante da cliente pega na mão da mulher e acaricia o seu braço como se quisesse conquistar a sua atenção. Então vira-se para ela, mas esta não reage e vira o rosto para o outro lado.

Hellinger escolhe uma outra representante e a coloca no campo de visão da segunda mulher.

A mulher quer entrar em contato com essa representante e tenta pegar os seus pés. Mas a terceira mulher se afasta e não permite esse contato.

Hellinger deixa então a representante da cliente levantar-se e a coloca um pouco afastada.

A terceira mulher afasta-se cada vez mais até que fica ao lado da representante da cliente. Ambas olham para a segunda mulher que está no chão.

Hellinger coloca a representante da cliente ainda mais para trás, e a terceira mulher fica sozinha com a que está deitada no chão.

Quando a representante da cliente quer se afastar mais ainda, Hellinger apoia esse movimento e a conduz a dar ainda mais um passo à frente.

HELLINGER *para a representante da cliente* Como você se sente agora?

REPRESENTANTE DA CLIENTE Eu me sinto bem.

HELLINGER *para a participante* Está claro para você?

PARTICIPANTE É muito comovente para mim. Obrigada.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

para o grupo Nunca havia feito algo assim, deixar imitar os movimentos paralelamente. Mas pudemos ver que a cliente precisava representar uma outra pessoa.

CURSO DE TREINAMENTO EM BAD NAUHEIM — FEVEREIRO DE 2003⁴

Uma outra forma de ajuda

HELLINGER Sejam bem-vindos a este curso de treinamento. Curso de treinamento significa: nós nos exercitamos naquilo que é importante para o trabalho com as Constelações Familiares, e naquilo que dele resultou. O que fazemos aqui é, sobretudo, um *treinamento da percepção*.

Quando trabalho aqui com colegas que apresentam casos de seu consultório, então verificamos juntos qual é o efeito de um passo ou do outro, de modo que possamos diferenciar internamente sobre o que ajuda e o que não ajuda. O que é essencial e o que está mais na superfície? O que leva adiante, o que gira em círculos? Isso é o mais importante neste treinamento.

Portanto, aqui não temos um grupo de terapia, um grupo, onde alguém pode trabalhar o seu tema pessoal. É treinamento e, de fato, para todos vocês. Os colegas que trazem casos representam vocês, e nós nos exercitamos juntos, através dos exemplos, naquilo que é essencial e que leva adiante.

Segundo as nossas experiências, já sabemos qual a profundidade que as constelações familiares atingem quando nos recolhemos.

Quando fazemos as constelações familiares, podemos agir, ser ativos – e isso também traz seus frutos — ou podemos nos recolher. Quando nos recolhemos, percebemos de repente que apenas uma coisa é importante e isso é trazido à luz. Com isso começa um movimento da alma que se direciona à união daquilo que estava separado até então. Tão logo esse movimento se mostre, interrompo. Por que deveria me intrometer aí? Quando a alma assume o comando, o ajudante torna-se supérfluo.

Esta é uma outra forma de ajuda. Nós não procuramos, portanto, uma solução. Nós procuramos o movimento decisivo. Quando este começa, podemos deixar o cliente entregue à sua alma, sem receio. Vamos, então, começar e ver o que resultará.

⁴Este curso foi também documentado no vídeo: Bert Hellinger — Ordens da ajuda. Treinamento em Bad Nauheim. 2 vídeos, 5:20 h. À venda na Video Verlag Bert Hellinger - Postfach 2166, D-83462 — Berchtesgaden. À venda também em DVD.

“A rodada”

HELLINGER Agora vamos fazer uma rodada. A maioria de vocês sabe o que é uma rodada. Pode-se utilizar a rodada como um bom instrumento, quando trabalhamos em um grupo de 20 a 30 participantes.

Rodada significa que cada um tem a sua vez, um após o outro. Cada um pode dizer qual é a sua questão. Aqui, neste curso, cada um pode apresentar o caso que quiser. Numa rodada ninguém pode intervir. Não existem discussões. Ninguém pode dar a sua opinião de tal maneira que aquele que começa a apresentar algo fique influenciado por um elogio ou censura. Nem uma coisa nem outra. Assim posso intervir diretamente e trabalhar com a sua questão. É uma grande disciplina quando se suporta isso em um grupo. Mas o sucesso no final de uma rodada, mostra que cada um dos participantes é respeitado em sua peculiaridade e não foi empurrado para dentro de um esquema. Por isso não admito, como condutor desta rodada, qualquer discussão.

Aqui é, portanto, diferente de um grupo de dinâmica de grupo ou de muitos outros tipos de grupos terapêuticos. Aqui cada uma fica centrado em si. Porque cada um fica centrado em si, todos juntos terão mais proveito do que se tentarem conduzir algo em uma determinada direção.

Bom, então vou começar.

“Estou feliz por estar doente”

PARTICIPANTE Trata-se de uma cliente que tem uma doença grave dos músculos. Essa doença evoluiu muito nos últimos seis meses. A partir da cintura ela está...

HELLINGER *interrompe* Não precisamos saber de mais nada. Para esse trabalho não precisamos saber de mais nada. O que você quer fazer?

PARTICIPANTE Gostaria de poder ver o próximo passo.

HELLINGER Qual seria o próximo passo?

PARTICIPANTE *suspira* Não sei.

HELLINGER *para o grupo* Quando alguém tem esse tipo de doença e ela é mencionada, isso já basta para o trabalho. O que nós podemos fazer agora é colocar a doença e a cliente uma em frente à outra. Então veremos qual a função que a doença tem e se existe talvez uma solução.

PARTICIPANTE Posso dizer algo ainda?

HELLINGER *para o grupo* Ela perguntou se pode dizer algo ainda. O que acontece com a energia, se ela diz algo, ainda? Ela fica menor? Ela fica maior? Aqui é assim, confio totalmente naquilo que vem à tona. Não preciso saber de mais nada. *para a participante* Ok?

Ela acena com a cabeça, concordando.

HELLINGER Segundo a sua sensação, a doença é um homem ou uma mulher? Sinta.

PARTICIPANTE Uma mulher.

Hellinger escolhe representantes para a doença e a cliente e as coloca, uma em frente a outra.

HELLINGER *para o grupo* Isto aqui não é constelação familiar, mas tudo decorre dela. Preparo o palco para algo que acontecerá. Já é suficiente se as coloco uma em frente a outra.

A cliente balança para frente e para trás e olha para o chão. Depois de um tempo, Hellinger pede à uma mulher para deitar-se de costas no chão. A cliente afasta-se um pouco e vira-se.

HELLINGER *para o grupo* O que acontece aqui? A cliente olhou depois de um certo tempo para o chão. Eu pedi a alguém para se deitar. E ela desvia o olhar. Esse é um movimento de fuga. Nesse momento o ajudante interfere. Ele interrompe o movimento de fuga.

Hellinger vira a cliente novamente para a pessoa morta que está no chão.

Ela olha para o chão, balança a cabeça e anda lentamente para trás. Suspira profundamente.

HELLINGER *para a cliente* Diga à pessoa morta. “Estou feliz por estar doente.”

CLIENTE Estou feliz por estar doente.

HELLINGER Como você se sente dizendo isso?

CLIENTE Eu sinto dentro de mim uma grande rigidez, principalmente nos joelhos. Gostaria de ceder a isso, mas não consigo.

HELLINGER Diga novamente: “Estou feliz por estar doente”. Olhe para a pessoa ao dizer isso.

CLIENTE Estou feliz por estar doente.

Depois de um certo tempo, a cliente enxuga uma lágrima dos olhos.

HELLINGER Eu posso interromper aqui.

para a participante Você pode fazer algo? Você não pode fazer nada.

PARTICIPANTE, *muito comovida* É assim, então.

HELLINGER Exato.

Hellinger pede à participante para levantar-se e posiciona em frente a ela uma representante para o destino.

HELLINGER *para a participante* Curve-se perante ele, bem levemente.

A participante curva-se bem levemente perante o destino e permanece por um longo tempo nessa reverência. Então acena com a cabeça e endireita-se. Ela respira profundamente.

HELLINGER Está bem assim?

Ela acena com a cabeça.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o grupo* Vocês percebem nela o crescimento da força, agora que está em harmonia com o destino de sua cliente?

PARTICIPANTE Minhas mãos estão bem quentes.

HELLINGER *para o grupo* Muitos ajudantes, também aqueles que usufruíram do treinamento todo, pensam que estão comprometidos a mudar o destino de seus clientes. Então algumas vezes ficam estressados e se colocam também numa posição de ter pena dos seus clientes.

O que acontece, quando tenho pena? Quem tem pena, acusa o destino e acusa Deus, seja lá o que for. Que arrogância! Sentir pena é arrogância. Aquele que se liberta disso e faz uma reverência, sente a força na sua própria alma e também na alma do cliente e pode se desenvolver, então.

para a participante Se você tiver essa postura quando ela vier, você ficará tranquila. Talvez possa fazer um exercício com ela: que ela faça uma reverência ao destino sem que você vá conferir. Mas, com ela, está em jogo a culpa pessoal.

para o grupo Se observarmos o movimento, está em jogo a culpa pessoal. Então talvez a doença seja adequada. Mas não sabemos. Ao concordar com a sua doença ela conserva a sua dignidade. A minha impressão foi bem clara: aqui está em jogo uma expiação por uma culpa. E não podemos intervir.

A expiação

Gostaria de dizer algo sobre a expiação. Quem expia, olha para quem? Pudemos ver isso aqui. Ou: quem expia, desvia o olhar de quê?

A expiação é uma tentativa de alívio pessoal. Por isso, olha-se para si mesmo. Quando se expia, paga-se por algo, por assim dizer, por uma culpa. Mas desviamos o olhar da pessoa com a qual nos tornamos culpados. Só se pode expiar quando desviamos o olhar das vítimas, aqui num sentido amplo.

Qual seria então, aqui, a intervenção do ajudante? Ele vira a pessoa culpada em direção às pessoas com as quais se tornou culpada. Então ele vê o que acontece. Ela está disposta a ir ou não para lá? Ela tem a força de ir ou não para lá? Se ela for e olhar, algo entra em movimento. Se ficar imóvel, precisamos parar. Então tudo adquire a seriedade que merece.

O amor maior

Atualmente existe um conflito sobre a ordem de ajuda certa. Na tradição da Psicoterapia, como foi desenvolvida por Freud, estabeleceu-se um determinado modelo de ajuda. Esse modelo é colocado em questão através deste trabalho e, de fato, de modo elementar. Isso leva a conflitos e isso é inevitável. Muitos consteladores também provêm da tradição da Psicoterapia e permanecem presos nesse campo. Então ficam incapazes de prosseguir e permanecem parados em um determinado degrau. Alguns deles sentem-se no direito de criticar este trabalho ou o meu procedimento, porque não está conforme com aquilo que aprenderam em sua formação como sendo o certo.

Na Psicoterapia tradicional um cliente vem a um psicoterapeuta e se apresenta como necessitado ou doente. O que acontece nesse momento? Acontece uma transferência para o terapeuta, similar ao que acontece com a criança em relação a seus pais. E o que acontece com o psicoterapeuta? Ele entra na contratransferência e representa o pai ou a mãe para o cliente, como para uma criança. Frequentemente a expectativa do cliente é poder resgatar o que lhe faltou na infância e que, portanto, encontrará no terapeuta um pai ou uma mãe melhor. Alguns terapeutas entram nessa e se sentem realmente como um pai ou uma mãe melhor.

Imaginem o que acontece nas almas. O que acontece na alma do cliente e o que acontece na alma do terapeuta? Uma terapia desse tipo pode dar certo? Ela fracassa, mas nasce um vínculo que muitas vezes parece indissolúvel. Apenas poucos clientes conseguem dizer no final: “Agora basta.” Muitas

vezes ficam um pouco irritados porque o resultado foi pequeno. Entretanto, cresceram. A irritação é o sinal de que alguém fracassou em suas expectativas infantis. Quem fracassa com isso, fica independente e cresce.

Na transferência e contratransferência origina-se essa chamada relação terapêutica. O que significa aqui a relação terapêutica? Pais e filhos, nada além disso.

Quando os pais têm filhos pequenos, os filhos podem esperar tudo deles. E os pais dão-lhes tudo, com amor. Contudo, quando os filhos se tornam adultos e querem algo dos pais, como se ainda fossem crianças pequenas, os pais recusam. Então os filhos ficam zangados e independentes.

Mais tarde eles vão para um terapeuta e tentam novamente o velho jogo. E como é que se tornam independentes? Quando o terapeuta os deixa frustrados. Ele faz, portanto, a mesma coisa que os pais: precisa fazer isso para interromper essa relação.

O que acontece com o terapeuta quando entra na transferência de relação de pais? Ele não pode crescer. Não se pode crescer numa posição superior. Também aquilo que ele oferece é, no fundo, muitas vezes barato, bem barato. Pode-se ver isso algumas vezes aqui no grupo. Quando trabalhei com alguém e ele ficou tocado, alguns vão até ele depois e o acariciam, como se fossem os terapeutas bons e certos. Eles se sentem grandes, fazendo isso. Contudo, o que isso provoca na alma? Nesse momento fazem do cliente uma criança e tomam-lhe a força. Portanto, perceber que a ajuda mais perigosa do ato de ajuda está na transferência da relação de pais e filhos é uma coisa revolucionária.

Aqui, neste tipo de ajuda, o que o cliente traz de infantil é imediatamente cortado. Por exemplo, quando ele diz: “Eu me sinto tão mal.” Toda pessoa que lamenta, não quer agir. Todo consolo para alguém que se lamenta apoia a sua não-ação. Ter aqui a força de permanecer claro e ver no outro uma pessoa adulta é caracterizado frequentemente como ser duro, mas é o amor maior. Ele exige muito mais, tanto do ajudante quanto do cliente.

O respeito

Ainda gostaria de dizer algo dentro deste contexto. Eu me contenho muito, porque respeito o campo. Quando alguém vem até mim na pausa e diz: “Eu tenho uma pergunta”, o que ele faz com a minha alma? Este trabalho me toma e eu preciso de concentração. Quando alguém me arranca daí com uma

pergunta, por simples curiosidade, eu me recuso: preciso fazer isso, por mim e pelo trabalho — por ambos.

A culpa

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher de 30 anos que se encontra em conflitos religiosos profundos, com pesadelos periódicos e prejudica-se a si mesma, arrancando os cabelos.

HELLINGER Qual é a religião dela?

PARTICIPANTE Ela é protestante.

HELLINGER Quem vou constelar agora? Você não precisa dizer nada, é apenas um teste para todos. O que se faz agora?

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e coloca um homem em frente a ela.

HELLINGER *para este homem* Você é Jesus.

A cliente cambaleia e ameaça cair para trás; recua, enquanto Jesus abre os braços num gesto convidativo. Então ela olha para o chão e cerra os punhos.

HELLINGER *para a cliente* Diga-lhe: “Eu prego você na cruz.”

CLIENTE, *com voz agressiva, expressão facial agressiva e de punhos cerrados* Eu prego você na cruz.

Ela olha para os punhos, solta-os, curva-se para a frente, ajoelha-se, curva-se até o chão, coloca as mãos no rosto e choraminga.

Hellinger pede a uma mulher para se deitar de costas no chão, em frente à cliente. O representante de Jesus deixa cair os braços.

A cliente endireita-se e senta-se sobre os calcanhares, respira fundo, curva-se até o chão e soluça alto. Hellinger pede ao representante de Jesus para se sentar.

HELLINGER *para o participante* Está claro para você?

PARTICIPANTE Não.

HELLINGER A morta é uma criança.

PARTICIPANTE A irmã.

HELLINGER Não sei. O que você disse foi uma interpretação. Seja prudente. Ela sente-se, na verdade, culpada. Acho que posso deixar assim. Está bem?

PARTICIPANTE Obrigado.

HELLINGER *para o participante* Quando vemos algo assim, temos a necessidade de fixá-lo em algum lugar. Mas assim não estamos em conexão. Isso vem da cabeça. Deve-se deixar assim, como se mostra. Aqui foi bem claro que a cliente tinha uma energia mortífera e sente-se culpada. Você não precisa saber mais do que isso, também não precisa pesquisar. Então, terá uma energia totalmente diferente, quando encontrá-la.

O outro modo de constelar

PARTICIPANTE DO GRUPO Tenho uma pergunta com relação ao método com o qual você trabalha agora.

Chamou a minha atenção que você começou hoje todas as constelações com duas pessoas. Você as escolheu e as posicionou uma em frente à outra. É porque o cliente não está aqui hoje ou você trabalha agora dessa forma, também quando o cliente está presente? É porque hoje o curso é de supervisão ou você trabalha agora sempre assim?

HELLINGER Eu trabalho sempre assim.

PARTICIPANTE Você poderia ainda dizer algo sobre como se originou essa mudança, que você agora não constela mais cada pessoa, que não depende mais tanto de que o campo seja reproduzido, como entendi até agora, mas que a energia se mostra, embora você praticamente só escolha duas pessoas?

HELLINGER No decorrer do tempo, ficou claro que os representantes percebem algo imediatamente e, de fato, para muito além do que podemos imaginar como teoria ou hipótese. Nós podemos confiar nessa percepção quando os representantes estão centrados. Ninguém consegue brincar com isso. Então não tem importância com quem você comece, só precisa ficar com o cliente e bem próximo a ele. Você não olha para o sistema, senão para a energia que se mostra. Então você pode colocar o representante onde quiser. Isso não tem nenhuma importância. Ele mostra simplesmente o que está se passando com ele. Frequentemente tem a ver com um relacionamento. Então você pode acrescentar ainda uma pessoa na constelação.

Eu raramente começo com mais de duas pessoas, frequentemente apenas com uma, por exemplo, com o próprio cliente. Se ele estiver centrado, também faz direito. Se tiver resistência e medos, então pego um representante. Nele você vê o que sucede com essa pessoa, qual deve ser o próximo passo, por exemplo, quem deve ser acrescentado e quem deve ser colocado à frente do

cliente.

Isso aqui não é, portanto, uma constelação familiar que representa um sistema, mas mostra as energias que fluem de um para o outro. Disso resulta, passo a passo, quem você, talvez, ainda deve acrescentar.

Como ajudante você também está inserido, permanece centrado dentro dele. Você percebe o que está acontecendo e qual é o próximo passo necessário. O que muitas vezes acontece comigo é que escuto uma frase que é necessária. Essa frase é, algumas vezes, incomum como, por exemplo, na última constelação. Quem é que poderia imaginar que isso partisse de uma teoria? De jeito nenhum. Depois disso ficou claro que essa energia assassina – e ela era inacreditavelmente assassina — não tem nada a ver com religião e que por trás disso atua algo pessoal.

Como ajudante não se precisa fazer mais nada. Se essa pessoa estivesse aqui e fôssemos tentar ajudá-la a resolver isso, então a força daquilo que se mostrou se perderia. Contudo, o processo necessário para o cliente pode durar por muito tempo.

Se você almeja uma solução, talvez pudesse pensar que poderia encurtar o processo. Aqui você coloca um movimento em marcha. Dele resultará o que seguirá.

Existe ainda uma outra coisa que tem que ser observada. O movimento da alma é bem lento. Você dá a ele o tempo integral. Enquanto decorre o movimento, decorre a cura. Nós não nos perguntamos o que deve ser feito ainda, de forma nenhuma. Nós nos introduzimos nesse movimento. Quando alguém está dentro desse movimento, podemos interromper.

PARTICIPANTE Isso significa, portanto, que você não coloca mais a imagem de solução.

HELLINGER Exato. Eu coloco algo em movimento, vejo como é o movimento, e isso é o suficiente. Este trabalho não é “orientado para a solução”. Ele é orientado pelo movimento. Quando o movimento começa, está tudo bem. Isso é como um crescimento. O crescimento é lento e é um movimento. Todo crescimento é um movimento. É o suficiente, quando vemos esse movimento aqui.

O câncer

HELLINGER *para um participante* Vou continuar com você.

PARTICIPANTE Trata-se de um mulher de 39 anos de idade. A sua perna esquerda foi amputada quando tinha 21 anos. Ela não conheceu o pai e...

HELLINGER *interrompe* Qual é o problema dela? Do que se trata realmente?

PARTICIPANTE Do contato com seus pais.

HELLINGER Qual é o obstáculo?

PARTICIPANTE Ela não conhece o pai e, quando tinha dois anos foi afastada da mãe devido à subnutrição. Ela não teve nenhum contato com a mãe desde então.

HELLINGER Em princípio, o que aconteceu com a perna não tem nada a ver com isso. Como chegou a isso?

PARTICIPANTE Foi câncer. Estava encapsulado e então a perna foi amputada.

HELLINGER Ah, foi câncer? É claro que isso é algo especial. Agora uma pergunta a você. Verifique isso com cuidado. Ela pode viver?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Alguns do grupo sacudiram a cabeça.

PARTICIPANTE Eu aceno com a cabeça.

HELLINGER Você está em contato com ela quando acena com a cabeça?

PARTICIPANTE *após ter refletido* Segundo a minha impressão, sim.

HELLINGER Não.

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Você não conseguirá ajudá-la. Para a sua alma o destino dela é muito difícil.

quando o participante acena com a cabeça Você entendeu isso. Agora existem duas possibilidades: ou você a entrega a uma outra pessoa ou, então, uma melhor solução, você cresce internamente.

Ambos riem.

PARTICIPANTE Crescer é bom.

HELLINGER Está bem. Vamos testar isso, tanto para você quanto para a cliente e para o grupo. Porque aqui se trata de algo de muitas camadas.

para o grupo Com que pessoas começo? Onde estaria a maior força? Isso é apenas para testar. Nós estamos exercitando. Este é um aprendizado para apurar a percepção. Portanto, em todo caso, a cliente — e como o próximo, o câncer.

para o participante O câncer é o próximo e o mais perigoso. O outro não tem importância quando o câncer tem a sua vez. O que o outro ainda deve fazer?

PARTICIPANTE É verdade.

HELLINGER *para o grupo* Por isso se procura: qual é o mais difícil?

para a participante Muitas vezes não queremos olhar para isso. Então nos dirigimos para algo diferente, para o pai ou para a mãe e tudo o mais possível. A questão é se você está preparado para ver o câncer. Isso seria para ela uma ajuda.

O participante acena com a cabeça.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e posiciona à sua frente um representante para o câncer.

A cliente olha primeiro para o chão e depois para o câncer. Ela balança para frente e para trás. Depois de um certo tempo, Hellinger escolhe uma mulher e a posiciona na constelação.

HELLINGER *para essa mulher* Você é a morte.

A morte estende os braços, de modo convidativo, e dirige-se lentamente para a frente. O câncer vira-se para a morte. A cliente dá alguns passos pequenos em direção à morte.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o participante* Quando você olha para isso, qual seria o seu lugar?

PARTICIPANTE Com ela.

HELLINGER Não existe nenhum lugar para você, não importa onde você for se colocar.

PARTICIPANTE Agora vejo isso também.

HELLINGER Podemos deixar assim aqui. Não precisamos mais continuar.

A dinâmica está bem clara.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

A morte

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o participante* Quero lhe dizer algo sobre a morte. A morte completa — um pensamento bonito.

PARTICIPANTE Já ouvi falar disso muitas vezes — e li também sobre isso. *Ele ri, ao falar isso.*

HELLINGER *para o grupo* O que ele fez agora?
para o participante Você percebe o que fez?

PARTICIPANTE Eu dissimulei.

HELLINGER Exato. Entretanto pode ir se familiarizando com isso. *Ambos riem.*

HELLINGER É claro que isso pressupõe que o ajudante também olhe para a sua morte como completude — confiante. Então a morte fica ao seu lado como força.

Tudo que rejeitamos, apodera-se de nós. Tudo que respeitamos, deixa-nos livres. Ok?

PARTICIPANTE Bom.

HELLINGER Tudo de bom para você.

para o grupo Agora vocês podem imaginar: quando a cliente for para ele novamente, como ela estará, melhor ou pior? É claro que melhor, não importa o que ela tenha, então.

para o participante Agora você está próximo à realidade, à realidade dela. Se ela perceber que você está bem próximo à sua realidade, isto pode atuar para o bem, não importa o que ainda vá acontecer.

O fogo

PARTICIPANTE Trata-se de uma menina de sete anos. A criança tem pânico de fogo.

HELLINGER Ok. Já basta. Já basta como informação. O que vamos constelar agora?

PARTICIPANTE Eu constelaria a criança e o fogo.

HELLINGER Exato, ou talvez somente o fogo. O fogo é masculino ou feminino? Verifique.

PARTICIPANTE Masculino.

Hellinger escolhe um representante para o fogo e o posiciona.

HELLINGER *para o grupo, quando vê que este representante cruza as mãos na frente do abdômen* uma coisa muito importante: quando alguém está numa posição assim não pode entrar nos movimentos da alma.

O representante deixa cair as mãos e olha para o chão.

Depois de um certo tempo, Hellinger escolhe uma mulher e pede para ela se deitar de costas no chão em frente ao representante do fogo.

A mulher morta olha para o fogo.

Depois de um tempo, Hellinger escolhe uma representante para a menina e a posiciona na constelação.

A menina abaixa a cabeça e dirige-se, de cabeça baixa, para a morta que está no chão. A morta olha para cima e pega na mão da menina como se quisesse puxá-la para baixo, para si. Então a menina endireita-se novamente e vira-se. Contudo ela e a morta ainda se tocam com as pontas dos dedos.

A menina vira-se ainda mais, enquanto a morta segura a perna dela com a mão.

HELLINGER *para a participante* A questão que surge aqui é: quem morreu queimado? Você sabe de algo?

PARTICIPANTE A família da avó esteve em Hamburgo. O avô esteve lá durante a guerra, no Corpo de Bombeiros. O outro avô trabalhou na Prússia Oriental em uma fábrica de munições. Parece que ninguém da família foi morto.

O representante do fogo dá um passo em direção à morta. Os dois se olham. Mas a morta ainda está segurando a menina pela perna.

HELLINGER *para a participante* A minha próxima pergunta é: quem queimou alguém?

PARTICIPANTE A minha imagem é que é na família do bisavô. Ele expulsou as suas filhas de casa e não teve nenhum contato com todos os outros descendentes depois.

HELLINGER Quem queimou quem?

PARTICIPANTE Não posso responder a isso. Eu não sei.

Nesse meio tempo, a menina vira-se totalmente e olha então o fogo nos olhos. A morta ainda continua segurando a perna da menina.

HELLINGER *depois de um tempo* Eu interrompo aqui.

para os representantes Agradeço a vocês.

HELLINGER *para a representante da menina* Como você se sentiu?

REPRESENTANTE DA MENINA Ele sabia, e ela sempre me segurava.

HELLINGER Exato.

A fileira dos ancestrais

HELLINGER *para o grupo* Não sabemos quando aconteceu algo de importante. Gostaria de demonstrar como procurar em que geração aconteceu o fato decisivo. Faz-se uma fileira de ancestrais, coloca-se os ancestrais um atrás do outro e os deixamos assim. De repente vê-se onde aconteceu algo de importante. Pode ser que seja algo que aconteceu há muitas gerações anteriores ou algo que está próximo. Este é um exercício importante, também no sentido dos movimentos da alma. Nós vamos da constelação familiar estreita, que tem em vista apenas a família atual e a de origem, para algo mais amplo, para um campo mais amplo.

Hellinger toma novamente a representante da menina e coloca atrás dela a fileira das ancestrais femininas: a mãe, a avó, a bisavó e assim por diante. Cada uma delas representa uma geração inteira, portanto, a geração da menina, a geração da mãe e assim por diante.

A bisavó começa a cambalear, segura-se firmemente algumas vezes na avó que está à sua frente e olha para o chão. A quinta ancestral olha também para o chão. A sexta ancestral cambaleia fortemente, curva um pouco os joelhos e encosta-se na ancestral que está atrás dela. Hellinger deixa então que as três primeiras gerações se sentem.

HELLINGER *para o grupo* Na geração da bisavó existe algo especial e nas duas gerações anteriores também.

Hellinger pede à mesma mulher que havia representado a morte para deitar-se de costas no chão, em frente à bisavó. A sexta ancestral cai em cima da ancestral que está à sua frente e a empurra para a frente.

A bisavó, a quinta e a sexta ancestral se afastam da morta. Hellinger posiciona a representante da menina de modo que ela possa ver todas.

HELLINGER *para a representante da menina* Agora olhe para elas.

A mãe e a avó também viram-se para a morta. A sexta ancestral treme e suspira. A bisavó, a quinta e a sexta ancestral se afastam cada vez mais da morta. A sétima ancestral as segura. A morta afasta-se das gerações anteriores a ela e se dirige às gerações posteriores. A mãe coloca o braço ao redor da filha.

HELLINGER *depois de um tempo, para a representante da menina* Como você se sente agora?

REPRESENTANTE DA MENINA Bem. Estou aliviada.

HELLINGER Exato.

para o grupo Portanto, não tem nada a ver com ela. Não tem nada a ver com a família atual dela. Tem a ver com gerações anteriores. Isso continua atuando. Pudemos ver a intensidade aqui.

para a participante Sabendo disso, você pode ajudar melhor essa criança.

Ela acena com a cabeça.

para o grupo Já fiz isso muitas vezes em meus cursos, colocar a fileira dos ancestrais. É um método inacreditavelmente eficaz. Também quando se tem a ver com esquizofrenia, pode-se ver que o acontecimento decisivo está bem atrás. Existem acontecimentos em uma família que atuam através de muitas gerações. Esse acontecimento é sempre uma morte. Os outros acontecimentos não atuam dessa forma. Uma morte atua através de várias gerações, então colocamos a vítima junto. De repente a energia se concentra ali onde a vítima está deitada, e aqueles que assumiram esse destino ficam livres.

Com este método não é necessário saber de muitas coisas. Sentimos onde está a energia e podemos provocar uma descarga dessa energia.

PARTICIPANTE DO GRUPO Você colocaria, no caso de mulheres, sempre a fileira das ancestrais femininas e, no caso de homens, a fileira dos ancestrais masculinos?

HELLINGER Essa é uma boa pergunta. No caso de meninas ou mulheres, pego mulheres para a fila dos ancestrais e no caso de meninos ou homens pego os homens para a fileira dos ancestrais. É uma imagem mais clara, embora não saibamos, neste caso aqui, quem eram os culpados, se eram as mulheres ou os homens.

A seriedade

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher de 53 anos de idade. Ela tem um tumor na mama.

HELLINGER O que ela quer de você?

PARTICIPANTE Ela procura cura, em primeiro lugar, sem a intervenção da medicina tradicional.

HELLINGER Qual é realmente a pergunta — agora entre nós. Qual é a pergunta que você faz a si mesma e que eu me faço?

PARTICIPANTE Trata-se de vida...

HELLINGER Qual é a pergunta?

PARTICIPANTE Se eu posso fazer algo por ela.

HELLINGER Qual é a pergunta importante que se deve fazer a ela? Eu vou dizer a você. Ela quer a cura? Essa é a pergunta. Então, qual é a sua impressão?

PARTICIPANTE Ela diz que sim.

HELLINGER Dizer qualquer um diz. Qual é a sua impressão?

PARTICIPANTE Minha impressão é de que a doença tem uma função para ela, que, por alguma razão, ela é importante para ela.

HELLINGER A pergunta que você tem que fazer é a seguinte: ela quer a cura? Ela quer algo de você para a cura? Ou ela usa você para não olhar para aquilo que ela realmente quer?

PARTICIPANTE A segunda.

HELLINGER Exato. Agora estamos no assunto e na seriedade. Vamos verificar isso.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona. A cliente estica a cabeça um pouco para a frente e respira profundamente.

HELLINGER *para a participante* Quando olhamos para ela, vemos que ela está zangada. Ela está zangada com alguém. Você sabe com quem ela está zangada?

PARTICIPANTE Com seu marido.

HELLINGER Não, isso vai bem mais fundo. Qual a impressão que ela dá? Qual é a idade dela?

PARTICIPANTE Ela é uma mulher bem idosa.

HELLINGER Olhe para a fisionomia dela.

PARTICIPANTE É a fisionomia de uma criança.

HELLINGER A sensação que ela expressa é de quantos anos?

PARTICIPANTE Quatro.

HELLINGER Uma mulher nunca ficaria nessa posição em frente ao seu marido. Vou posicionar a mãe, por cautela. Isso nunca faz mal.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona em frente à cliente.

A cliente olha para o chão. A mãe dá um passo à frente. A cliente sacode a cabeça. Levanta lentamente a cabeça e olha para a mãe. A mãe estende as mãos em sua direção. A cliente sacode a cabeça, de leve.

HELLINGER *para o participante* Você viu o movimento dela em seu rosto?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Você sabe o que isso significa? Isso significa um não para a cura. É vingança. Ela morre por vingança. É muito frequente em relação ao câncer. Coloque-se atrás da mãe.

A cliente levanta a mão direita bem lentamente e a estende em direção à mãe. A mãe dá ainda um passo, de mãos abertas, em direção a ela. A cliente sacode levemente a cabeça. A mãe suspira e deixa cair os braços. A cliente também deixa cair a sua mão direita novamente. Ela segura a mão esquerda em frente ao abdômen. Depois de um certo tempo, a mãe dá mais um passo em sua direção. O terapeuta segue a mãe e dá também um passo.

Então a mãe estende a mão direita em direção à filha. Também ela estende a mão em direção à mãe até que esta a toca de leve. A mãe pega a mão da cliente e lhe estende também a outra mão. Mãe e filha pegam-se pelos braços e olham amorosamente uma para a outra.

HELLINGER *para o grupo* Posso interromper agora. Nós podemos ver que o movimento continua.

HELLINGER *para a representante da cliente* Algo mudou quando o terapeuta se colocou atrás da mãe?

CLIENTE Ficou melhor. Algo abrandou.

HELLINGER *para o participante* O lugar certo para o terapeuta é atrás da mãe, não atrás da cliente, isso seria terrível. Fortaleceu a mãe e com isso a confiança da cliente em você. Talvez você consiga fazer algo ainda. Está bem assim?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* Agora só precisamos imaginar o que vai ser diferente, quando a cliente vier de novo para ele. Será uma situação totalmente nova, porque ele viveu uma transformação.

para o participante Agora você tem respeito pela mãe. Com isso não existe por parte da cliente mais nenhuma transferência para você. Você também não precisa mais se preocupar com ela, no sentido de: “Ah, pobrezinha, o que faço agora com você?” Senão você estará na contratransferência. Aqui você se coloca atrás da mãe, está bem tranquilo e à sua frente ocorre algo. Você fica feliz secretamente.

Essas são as grandes sensações de felicidade do ajudante, quando vê que algo ocorre como por si só, e que ele pode se recolher. Depois ela está claramente separada dele. Não existe mais nenhuma relação. Ambos estão livres. Você, e ela também. Esta é a vantagem neste tipo de procedimento.

Supervisão para um casal que conduz, juntos, cursos de Constelações Familiares

HELLINGER *para um casal de participantes* Vocês trabalham juntos?

MULHER Sim.

HELLINGER Como isso funciona?

MULHER Estamos praticando ainda. Algumas vezes o meu marido conduz a constelação. Algumas vezes eu conduzo, ou quando um deles talvez não consegue ir adiante, o outro complementa.

HELLINGER Como fica o relacionamento de vocês depois que vocês conduziram um grupo? Melhor ou pior?

MULHER Melhor.

O homem também consente.

HELLINGER Vocês têm sorte.

Ambos riem.

HELLINGER Por que digo isso? Muitas vezes, quando algo fica sem

solução, o conflito continua entre os parceiros. Então um deles assume a posição de um e o outro a posição do outro, embora eles mesmos não tenham conflito. De repente vocês começam a discutir, ficam admirados e se perguntam por que estão brigando. Vocês conhecem isso?

MARIDO Já aconteceu isso uma vez.

HELLINGER É preciso saber disso.

MARIDO Mas isso foi um problema meu.

HELLINGER *para o grupo* Ele não é um marido amoroso?

Risadas estrondosas entre os parceiros e no grupo.

HELLINGER *para a mulher* Você também tem sorte com ele.

Os parceiros sorriem um para o outro. O grupo também sorri.

HELLINGER Por que digo isso? É melhor trabalhar sozinho. Pelo menos depois de um certo tempo.

A mulher concorda e olha para seu marido.

HELLINGER Qual deles confia mais no outro? Pode-se ver isso aqui.

A mulher olha novamente para o marido.

HELLINGER Portanto, quem dos dois precisa estar mais junto do outro? E quem cresce mais se trabalham separados? É possível ver isso também.

A mulher ri e olha novamente para o marido. Ambos sorriem e o grupo também.

HELLINGER *para o casal* Acho que foi isso.

Ambos sorriem.

HELLINGER *para o grupo* Isso agora foi uma supervisão verdadeira. Tiraria algo se fosse trabalhar com o caso agora. *para o casal* Está bem assim?

MULHER Sim.

HELLINGER Bom.

OBSERVAÇÃO INTERMEDIÁRIA

Os perigos da supervisão

Aqui precisamos diferenciar. Quando ajudantes unem-se para apresentar casos em que estão tendo dificuldades, encontram-se numa situação que exige deles coragem e humildade. Mas estão dispostos a trabalhar pelo

interesse que têm pelos seus clientes e interesse pelo seu próprio crescimento. Isso merece o nosso respeito. Algumas vezes pensamos, talvez: “Que bom que não preciso me expor assim.” Ao mesmo tempo ficamos agradecidos a eles porque tiveram coragem e com isso podemos aprender.

Algumas vezes muitos ajudantes se encontram para olhar juntos situações difíceis e aprender de forma que todos tenham proveito com isso. Por isso, também denominamos esse grupo de grupos de intervenção. Aqui se ajuda mutuamente.

Mas o que acontece quando um ajudante mais experiente está sentado num grupo que um ajudante menos experiente está conduzindo? O menos experiente pode estar realmente em sintonia com o cliente? Não, pois ele pensa no que o outro ajudante veria e o que ele faria. Através da presença do outro ajudante estaria limitado em sua percepção e não estaria em sua força total. O grupo também olha mais para o mais experiente do que para aquele que conduz o grupo. Aquele é então o condutor real, embora seja o outro que carregue a responsabilidade. Por isso o que vale é que todo aquele que conduz um grupo precisa conduzir de maneira independente, mesmo que cometa erros. Somente assim ele e os participantes aprendem melhor.

Muitos se comportam fora de tais grupos como se fossem supervisores também. Por exemplo, se um cliente lhes conta o que um ajudante fez com ele, então começam a refletir sobre o que o outro fez de errado e como poderia ter sido diferente. O que acontece aí? Um conflito que não foi solucionado será retomado por um outro ajudante que toma partido. Ao invés dos próprios atingidos resolverem, ele é que assume o conflito. O resultado é que o conflito deles é carregado por ele e o outro ajudante, mesmo que seja somente em pensamentos. E então qual é o efeito no atingido? Qual é o efeito naquele que se engaja por ele? E qual o efeito que tem na relação entre ele e o outro ajudante? Todos ficam enfraquecidos e prejudicados. O “supervisor” caiu na cilada da transferência e contratransferência.

O que acontece quando alguém continua a contar sobre aquilo que o outro ajudante fez de errado? A quem ajuda e a quem prejudica? Isso é também uma transferência.

Algo mais sobre este tema. Se dois ajudantes formam um casal ou trabalham juntos ou independentes um do outro, podem e devem dar supervisão para um caso do outro? Eles podem, sim, contar sobre os casos difíceis um para o outro e também perguntar ao outro onde ele vê ou viu uma solução.

Enquanto o outro não interfere e não entra na supervisão, na transferência e contratransferência, pode ser útil. Mas se um deles quer mandar um cliente difícil de seu grupo para constelar no grupo do outro, existe o grande perigo de que esse conflito não solucionado do cliente conduza a conflitos entre o casal, porque o cliente pode jogar um parceiro contra o outro.

Também quando um cliente vem para um grupo e diz que ele constelou uma situação com um outro ajudante precisamos ser prudentes, e principalmente se permitirmos ao cliente dizer o que o outro fez com ele. Somente quando não perguntamos e não sabemos o que o outro ajudante fez é que podemos trabalhar. Só assim podemos nos esquivar do perigo de querer fazer melhor ou poder ser jogado contra o outro ajudante.

O recolhimento e o respeito pelos outros ajudantes e a recusa de escutar o que o outro faz e o que disse preservam-nos de uma supervisão no lugar errado e na hora certa, para o bem e o crescimento de todos os envolvidos.

O amor do ajudante

Gostaria de dizer algo sobre o amor, também sobre o amor do ajudante. O grande amor é sereno. Ele deixa algo ser como é, sem preocupação ou desejo de mudar. Isso vale também para mim mesmo. O grande amor a mim mesmo é sereno. Ele me deixa ser como sou, sem o desejo de que fosse diferente ou tivesse sido diferente.

O que acontece se entramos nesse amor? O que acontece com o cliente quando permitimos esse amor a ele? Agora comparem isso. Se vocês tiverem o desejo de que ele fique melhor, o que acontece com ele? O que acontece conosco quando temos esse desejo? Através do desejo de que ele fique melhor, ele se torna dependente e fica separado dos movimentos de sua alma. Mas, se tenho esse amor sereno e me dirijo a ele com esse amor, sem o desejo de que ele fosse diferente ou tivesse sido diferente, ele fica, de repente, livre. Sou livre como ajudante e ele também é livre. Dentro dessa liberdade, pode-se desenvolver um movimento que leva adiante. Então, nem ele nem o ajudante têm resistências.

Gostaria de dizer algo mais, ainda neste contexto. O grande amor abençoa. O que isso significa? Ele deseja ao outro uma vida plena, sem quaisquer restrições. Ele vai com o seu movimento e abençoa o movimento de sua alma. Aonde quer que seja que esse movimento vá, mesmo que vá para uma direção que talvez nos amedronte, nós abençoamos esse movimento através

de nossa postura.

Imaginem vocês que alguém diz algo, e o ajudante interpreta isso. O que ocorre? Ou o ajudante diz internamente: “Bem, ele não vai conseguir mesmo” e faz uma objeção, por exemplo: “Não se pode confiar que ele consiga.” Esses tipos de comportamento atuam na alma do outro como uma maldição. Ou, então, o que é pior ainda: eu determino o que é possível para ele. Então ele não tem mais chance.

Portanto, o amor sereno deixa estar, e o que ele deixa estar é abençoado por ele.

Distúrbio de personalidade múltipla: o pai esteve na SS⁵

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher que tem 25 anos de idade e um distúrbio de personalidade múltipla.

HELLINGER O que significa isso? Quantas pessoas são, então?

PARTICIPANTE 20,30.

HELLINGER Se fôssemos reduzir, quantos deveríamos então pegar?

PARTICIPANTE Uma.

HELLINGER Vamos pegar duas para sermos prudentes. O que ela faz quando tem esse distúrbio múltiplo?

PARTICIPANTE Ela tem muitos ajudantes.

HELLINGER O que ela faz, então?

PARTICIPANTE Ela fica agressiva com a mãe, algumas vezes chega a atacá-la.

Hellinger coloca a mãe e o pai um em frente ao outro.

Depois de um certo tempo, a mulher vira-se para a direita. Hellinger coloca um outro homem à sua vista.

A mãe desvia-se desse homem. Hellinger coloca a filha na constelação. A filha olha alternadamente para o homem e para a mãe. Então desvia, recuando também do homem. A mãe afasta-se mais ainda e vira-se para a filha. Ambas sorriem uma para a outra e afastam-se do homem. Então a filha dirige-se à mãe e as duas se abraçam intimamente.

Depois de um certo tempo, Hellinger coloca a mãe em frente ao outro homem

⁵ Unidade de defesa do exército da Alemanha nazista (NT)

que é, obviamente, seu pai.

O homem desvia o olhar. A mãe olha para o chão, olhando de vez em quando para ele, mas ele desvia o olhar e põe-se de lado. Nesse ínterim, o pai da cliente vira-se para ela.

HELLINGER *para a participante* Quem tem esse distúrbio?

PARTICIPANTE A mãe.

HELLINGER Exato. Talvez tenha também uma morta aí.

PARTICIPANTE O pai esteve na SS.

HELLINGER A filha está olhando mesmo para o chão.

Hellinger conduz o pai da cliente mais para frente.

HELLINGER *para o pai da cliente* Que tal agora?

PAI Melhor. Muito melhor.

HELLINGER *para a filha* Que tal para você agora?

FILHA Estou balançando para a frente e para trás, para a esquerda e para a direita. Não consigo ficar firme em pé.

Hellinger a conduz até o pai. Ambos olham um para o outro e se abraçam. A mãe olha para eles.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o representantes* Ok. Agradeço a vocês.

Meditação: vítimas e agressores

HELLINGER *para a participante* Sente-se ao meu lado. Agora vou fazer uma meditação e você é a cliente. Você representa a cliente, está bem?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Feche os olhos.

para o grupo Vocês também podem fazer, se quiserem.

Imagine que à sua esquerda estão as vítimas do pai de sua mãe e ele está à direita com seus companheiros. Você olha para lá e para cá e escuta um e o outro: os gritos de morte e os gritos dos agressores, de ambos. Então agora uns estão mortos e os outros também. Todos calados. Agora tome ambos em seu coração. Ambos, ambos os grupos.

depois de um certo tempo, para a participante Que tal?

PARTICIPANTE Bom. Muito bom.

HELLINGER Posso deixar assim?

PARTICIPANTE Sim, agradeço-lhe muito.

HELLINGER Ok, bom.

para o grupo Há dois anos atrás tive um experiência impressionante em Taiwan. Havia uma mulher totalmente agressiva em relação ao pai. Não pudemos fazer nada com ela. Dela vinha algo violento que estava claro que não era sua sensação pessoal. Então tive a seguinte imagem: nela estão chorando as mães chinesas oprimidas. Através dela se manifestava isso. *para a participante* Talvez isso a ajude aqui.

PARTICIPANTE Isso ajuda.

“Eu tomo conta da mamãe”

PARTICIPANTE Trata-se de um garoto de 11 anos que tem um grande medo de separação. Ele não consegue dormir de noite sem a sua mãe. Isso significa que não consegue dormir em nenhum outro lugar e não consegue participar de atividades de grupo tais como excursões escolares. HELLINGER O que há com o pai?

PARTICIPANTE O pai já foi casado e tem uma filha de 17 anos desse casamento.

HELLINGER Onde o pai dorme?

PARTICIPANTE Com a mãe do garoto. Mas ele é motorista de caminhão e está quase sempre na estrada.

HELLINGER Tenho uma imagem estranha. Ele diz para o pai: “Eu tomo conta da mamãe.”

PARTICIPANTE Já pensei nisso também.

HELLINGER Melhor do que isso não é possível.

PARTICIPANTE Tenho a sensação de que não vai nem para frente nem para trás.

HELLINGER Você diz para os dois virem, talvez faça a constelação e deixe o garoto dizer ao pai: “Eu tomo conta da mamãe.” Não vai acontecer nada de mal aí. Sim?

PARTICIPANTE Sim, é uma boa ideia. Ainda para complementar: a mãe

quase morreu ao dar à luz ao garoto. Ele veio ao mundo através de uma cesárea.

HELLINGER Agora foi acrescentado um outro elemento: “Eu tomo conta de você para que você não morra.” Isso tem a força maior.

PARTICIPANTE Sim, sinto isso também.

HELLINGER Está bem. O resto você tem feito tudo de modo admirável.

PARTICIPANTE Não sei como devo continuar a trabalhar.

HELLINGER Agora você tem uma imagem: vê o garoto e a mãe de modo totalmente diferente. Disso resultará algo. A experiência que temos é que algo mudará depois que falamos sobre isso.

O triângulo amoroso

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher que organizava seminários para mim e ficou doente após uma constelação que o parceiro dela fez comigo. Ela não consegue mais exercer o seu trabalho terapêutico.

HELLINGER O que ela fazia para você?

PARTICIPANTE Ela organizava seminários de constelações familiares para mim.

HELLINGER E então?

PARTICIPANTE Seu marido constelou comigo. Depois disso ela está totalmente...

HELLINGER *interrompe* Você sabe o que foi ou é? Um triângulo amoroso.

HELLINGER *depois de uma longa pausa* Vamos constelar.

Hellinger coloca a mulher e o marido um em frente ao outro. Ele coloca a terapeuta de lado, de forma que estão numa forma de triângulo.

A mulher se dirige em direção ao homem e estende-lhe a mão. O homem olha incessantemente para a terapeuta. Então ele vai também em direção à sua mulher e estende a mão em sua direção. Ambos viram-se para a terapeuta e seguram-se por trás um no outro. De vez em quando se olham e sorriem um para o outro.

PARTICIPANTE É assim que a mulher queria, e foi isso que surgiu na constelação. Mas ela não estava presente.

HELLINGER Antes do homem se dirigir à mulher, ele olhava

incessantemente para você. Quando você constelou para ele, entrou no relacionamento do casal. Portanto, vou fazer uma afirmação ousada: você era a mãe para ele e a sogra malvada para ela.

PARTICIPANTE Sim, isso me atinge completamente. Ela me fez uma acusação nesse sentido.

HELLINGER E com razão.

Ajuda estratégica

PARTICIPANTE Trata-se de uma cliente de 40 anos que trabalha na contabilidade da empresa de seu marido. Ela diz que não tem mais nenhuma confiança em seu marido. Ela sempre “paga o pato” pelas coisas que acontecem na empresa.

HELLINGER Qual é a solução? Pense um pouco.

PARTICIPANTE Ela para de trabalhar na contabilidade.

HELLINGER Essa é a única solução. A questão é: como é que se organiza isso? Ouvi uma vez uma piada que Peter Frankenfeld contou.

Um russo está num avião e ao lado dele está sentado um homem que fala com ele ininterruptamente. O russo fica então com dor de cabeça. Ele diz para o outro: “Agora estou com dor de cabeça.” O outro para de falar imediatamente.

Um americano está num avião e um homem fala ininterruptamente com ele. Ele diz imediatamente que está com dor de cabeça, mas não está. O outro para de falar imediatamente.

Risadas estrondosas no grupo.

HELLINGER Qual é a quinta-essência dessa piada? Você percebeu?

PARTICIPANTE No momento ainda estou no ar.

HELLINGER Você vai pensar com ela sob que pretexto ela vai poder desistir de seu trabalho como contabilista, sem que haja realmente um motivo.

A participante reflete e acena com a cabeça.

HELLINGER Isso é psicoterapia criativa. Com isso você evita que haja um conflito entre ela e o marido. Ela encontra algo com o qual ele vai ter que concordar. Mas é representado. O todo é representado. Se for representado muito bem, o oculto transparece um pouco, de forma que, quando ele escutar isso, não poderá dizer nada contra, mas vai saber do que se trata. Contudo

ele não será desmascarado.

PARTICIPANTE Trata-se exatamente disso.

HELLINGER O resto depende agora de sua arte. Ok?

PARTICIPANTE Sim.

A alegria

Gostaria de falar algo sobre a alegria. Já estou vendo as fisionomias começarem a ficar alegres. Certa vez escrevi um aforismo: o problema é difícil, a solução é alegre. Quando conquistamos essa alegria, ela se expande espontaneamente ao lidarmos com outras pessoas, mesmo que os problemas sejam ainda difíceis.

Por que um problema é difícil? É realmente difícil? Ou é apenas um pequeno obstáculo no caminho que transpomos alegremente? O difícil nasce sobretudo de uma ideia. E ela nasce quando nos colocamos no lugar do outro e tomamos algo dele, como se pudéssemos e nos fosse permitido fazer isso.

Imaginem que vocês vão até alguém, que diz: “Agora tomo para mim o que vocês devem carregar.” Como vocês se sentirão? Melhor ou pior? Através disso vocês serão rebaixados. Contudo, se você, como ajudante, disser a um cliente. “Você está aqui à minha frente e eu vejo o lugar onde você pertence. Eu vejo seus pais e seus ancestrais e o seu destino e sua predestinação.” Com essa postura eu me recolho um pouco e fico alegre.

A alegria é bem leve e tem força, por mais estranho que pareça. Enquanto que o difícil é fraco.

Ajuda sistêmica

HELLINGER *para um participante* Agora vamos continuar com alegria. Do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de uma criança de criação, um adolescente de 14 anos. Ele está em dúvida se deve procurar a sua mãe biológica ou — é uma citação dela — se deve jogá-la no lixo. Essa afirmação me atingiu muito.

HELLINGER E o que há com o pai dele?

PARTICIPANTE Ele tem um contato esporádico com o pai, mas é um bom contato. Os pais de criação são bem abertos. Fui encarregada pelo juizado de menores para auxiliar e aconselhar os pais de criação na educação do garoto.

HELLINGER Por que ele não vai para o pai?

PARTICIPANTE O juizado de menores o tirou dos pais porque a mãe era alcoólatra e o pai violento.

HELLINGER Como é o pai agora?

PARTICIPANTE Não sei exatamente. Apenas sei que os pais de criação possibilitaram o contato e ele ocorre, talvez, um vez por mês ou em dois meses. Então o garoto vê o pai e é tranquilo, como eles relatam. Mas com relação à mãe não sei se tenho a coragem de decidir se ele deve visitá-la ou não. Porque a mãe tenta influenciá-lo e fala mal do pai em cartas e quando o garoto está com ela. Ela também quase não compareceu aos encontros que haviam sido combinados.

HELLINGER Se nós deixarmos que isso atue em nós, então o problema está na mãe.

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Ela seria aqui a cliente.

PARTICIPANTE Penso que sim.

HELLINGER Se nós pudermos fazer algo por ela, então ela fará algo pelo garoto.

PARTICIPANTE Vim com o objetivo de poder falar para os pais de criação se podemos encorajar o contato com a mãe ou se é ruim para ele ter esse contato, porque isso o prejudica.

HELLINGER *para o grupo* Agora temos com ele um exemplo de como fomos escolarizados no nosso procedimento. Em contraposição a isso, eu acentuo um outro aspecto.

para o participante Podemos esclarecer aqui com este caso.

para o grupo Ele tem a ver com os pais de criação, e ele olha para eles.

para o participante E para quem eu olho?

PARTICIPANTE Para o garoto e para a mãe.

HELLINGER Eu olho para o sistema todo. Nesse sistema podemos sentir quem precisa da maior ajuda. Esta pessoa recebe o amor em primeiro lugar. E é sempre a pessoa amaldiçoada, Ok?

Os dois sorriem um para o outro.

HELLINGER Se você agora, tomar a mãe em seu coração e observar a coisa novamente, a partir daí, você ficará alegre. Já se pode ver isso em você.

PARTICIPANTE Agora é realmente bem diferente. Eu me tornei advogado do garoto e não a vi. Isso é verdade.

HELLINGER *para o grupo* Quando vemos e observamos isso sistemicamente, ficamos de certa forma alegres, porque vemos também onde pode estar a solução.

para o participante Ok? Vamos trabalhar, então, segundo essa visão?

PARTICIPANTE De acordo.

HELLINGER Então vamos constelar a mãe e ver o que está acontecendo.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona. A mãe olha para o chão.

HELLINGER *para o participante* Podemos ver imediatamente como ela está presa e, na verdade, a uma pessoa morta. Coloque uma pessoa deitada, mas sinta primeiro se é um homem ou uma mulher.

O participante escolhe uma mulher e a deita de costas no chão, em frente à mãe.

HELLINGER *para o participante* Eu teria feito exatamente o mesmo. Ele aponta para a mãe. Você vê como ela está tremendo? Agora você começa a sentir compaixão dela.

Depois de um tempo, a mãe ajoelha-se perante a pessoa morta.

HELLINGER *para o participante* Agora pode-se perceber que alguém precisa ser acrescentado. Você percebe também, ao observar isso?

O participante sacode a cabeça.

HELLINGER Agora o movimento não continua. Alguém precisa ser acrescentado. Quem você acha que vou colocar agora? Sinta, quem deve ser acrescentado agora?

PARTICIPANTE O pai dela?

HELLINGER Vou colocar o garoto. Você percebe a diferença na força?

PARTICIPANTE Precisaria mentir.

HELLINGER Ok, estamos simplesmente exercitando. Se o garoto for colocado agora, a mãe vai se sentir diferente.

Hellinger escolhe um representante para o garoto e o coloca na constelação. A mãe fica inquieta.

HELLINGER *para o participante* Coloque-se ao lado da mãe.

HELLINGER *para o representante do garoto* O que mudou para você agora?

REPRESENTANTE DO GAROTO Estou mais tocado desde que ele entrou na constelação.

HELLINGER *para o participante* Agora você tem o lugar certo, para ele.

O participante concorda com a cabeça. Depois de um certo tempo, o garoto vai para junto da mãe. Esta se levanta. Ambos estão diante um do outro e se olham. Quando o garoto se aproximou, o participante se afastou, colocando-se do outro lado.

HELLINGER *para o grupo* Ele não fez de uma forma esplêndida?

O garoto se aproxima mais da mãe. Esta coloca o braço ao redor dele. Os dois se abraçam intimamente. Depois de um tempo, o garoto se solta e sorri para ela.

HELLINGER Eu acho que posso interromper aqui.

para o participante É incrível o efeito que provoca, quando a pessoa excluída tem um lugar no coração.

PARTICIPANTE Sou assistente social. Muitas vezes eu me pergunto o que é conveniente para as crianças. O certo é sempre a verdade, é sempre o que aconteceu.

HELLINGER Exato. Então o garoto está livre de você e você dele. E isso nos deixa alegres. Ok, foi isso. Esse foi um belo trabalho.

HELLINGER *para o grupo* Faz parte das ordens da ajuda, sobretudo que precisamos considerar que ajudar é sistêmico. Isso significa que o amor que colocamos abarque todo o sistema. Nós imaginamos o sistema e sentimos onde o amor é mais efetivo e necessário. Então nos desprendemos do cliente. Esse é o passo mais difícil, que não fiquemos presos ao cliente. Na medida em que nos expandimos, ficamos livres internamente, e o cliente também fica liberto de nós, porque ele pode se dirigir a esta pessoa excluída.

A postura básica

Ainda gostaria de dizer algo sobre a postura básica. Quando estamos com um cliente, começamos a pensar imediatamente: o que pode ser? Assim que

começamos a pensar, entramos num certo campo.

Contudo, posso também proceder de uma maneira bem diferente, embora tenha mostrado muito pouco disso aqui. Eu me sento ao lado do cliente e não pergunto nada. Eu espero. Também não penso, mas me concentro. Com isso vou para um outro campo, mergulho, por assim dizer, em um outro campo. Então sinto uma conexão com ele. Agora ele também precisa se concentrar, porque está sentado ao meu lado e não pode fazer nada. De repente muitas coisas se desprendem dele, tudo aquilo que ele imaginara, e ele atinge esse outro nível.

Este nível é o nível da alma ampla ou da *grande alma* — eu a denomino assim. É apenas uma denominação, porque não sabemos com exatidão o que ela é. Nesse nível existe uma conexão: eu sinto o cliente e sinto simultaneamente seus pais e seu destino. E eu respeito isso. Então sinto se ele entra em sintonia comigo ou se posso estar em sintonia com ele. Assim que estou nessa sintonia, sei o que deve ser feito.

Algumas vezes é apenas assim: eu deixo que ele feche os olhos. Enquanto estou centrado, junto a ele, começa nele um processo porque ele já está, de repente, em um movimento da alma. Algumas vezes tudo ocorre quase por si só e, de repente, vê-se ou sente-se que agora está concluído. Então eu lhe pergunto: ok? E ele diz: “Sim”, e vai. Não sei o que aconteceu, e também não preciso sabê-lo. Senti que algo havia entrado em movimento e isso é o suficiente.

Entro nessa postura também quando trabalho de um outro modo. Então faço também perguntas ao outro, isso não tem importância. Também posso fazer uma constelação familiar dessa forma. Uma coisa é bem importante nessa postura: ela é sem sentimentos. Ela é centrada, dirigida, mas sem sentimentos ou, dizendo de modo mais preciso, sem emoções. Por isso ela é, também, do ponto de vista dos sentimentos, sem amor, sem compaixão e sem medo, é claro.

O maior medo que muitos ajudantes têm é daquilo que os outros vão falar sobre eles. Este é o maior medo. Tão logo sintam esse medo, são crianças. E os outros que estão bem distantes, no fundo não têm nada a dizer porque não assumem nenhuma responsabilidade, são transformados em pais. Com isso renunciam à sua força.

Essa dedicação recolhida é o que descrevi antigamente como o meta-nível,

o nível superior. Ele é um sentimento sem emoção, força pura para a ação. Nessa postura pode-se resistir às emoções do outro. Muitas vezes eles vêm com explosões emocionais. Eu permaneço centrado aí, e suas emoções me ricocheteiam. E isso se torna mais fácil, porque não estou sozinho aí, mas estou simultaneamente conectado com seus pais e com seu destino.

Essa postura básica não pode ser ensinada e não pode ser aprendida. Ela é exercitada. Após termos vivenciado muitas vezes o que acontece — aqui podemos viver isso juntos — e quando se esteve como representante muitas vezes nesses movimentos, sabemos que se trata de algo totalmente diferente. Dessa forma crescemos de uma forma boa e que preenche.

O apego dos mortos

PARTICIPANTE Trata-se de uma garota de 11 anos que tem uma doença renal. Ela tem dois irmãos menores. A mãe faleceu de um tumor cerebral.

HELLINGER Quem veio até você?

PARTICIPANTE O pai.

HELLINGER De quem se trata quando nos expomos agora ao todo? Quem se encontra em perigo?

PARTICIPANTE A garota.

HELLINGER O pai.

PARTICIPANTE Isso faz sentido.

HELLINGER Portanto, vamos constelar a mãe e o pai.

Hellinger posiciona a mãe e o pai, um em frente ao outro. A mãe olha para o chão e cerra os punhos.

HELLINGER para o grupo Olhem para os punhos dela.

depois de um certo tempo, para a participante O tumor cerebral foi uma bênção para ela.

Depois de um certo tempo, a mãe abre os punhos e olha para cima.

HELLINGER para a participante Ela precisa deitar-se no chão para que possamos prosseguir. Dessa forma fica bem claro que está morta e nós vemos a situação após a morte. Enquanto ela estiver de pé, é a situação antes da morte.

Hellinger pede que a mãe se deite de costas no chão. Ela abre os braços

logo que se deita.

HELLINGER *para o grupo* Pode-se ver o alívio.

A mãe olha primeiro para o marido. Então vira a cabeça para o outro lado. Hellinger coloca uma representante da garota em sua frente. Depois de um certo tempo, a mãe olha para cima. Cerra os punhos, ainda de braços abertos e bate com eles no chão.

HELLINGER *para o grupo* O que vemos aqui é o apego dos mortos aos vivos. Ela puxa a filha para a morte.

Depois de um certo tempo, o pai senta-se no chão. A filha começa a tremer fortemente o corpo todo. Mais tarde o pai deita-se no chão.

HELLINGER *para a filha* Olhe para a mãe e diga: “Mamãe, obrigada pela vida.”

FILHA *muito comovida e tremendo* Mamãe, obrigada pela vida.

HELLINGER Diga isso bem calma. E diga com amor.

FILHA *tremendo* Mamãe, obrigada pela vida.

A mãe respira profundamente, fecha os olhos e coloca as mãos no peito.

HELLINGER *para o grupo* Agora ela fecha os olhos e está enternecida. *para a filha* Diga-lhe ainda: “Eu a respeito.”

FILHA Eu a respeito.

Ela olha para a mãe. Então Hellinger a conduz para o lado. Ela respira profundamente e sorri para Hellinger.

HELLINGER Ok.

HELLINGER *para a mãe* Que tal para você agora?

MÃE Paz.

HELLINGER *para o pai* E para você?

PAI Eu poderia reviver.

HELLINGER Agora você pode se levantar novamente.

O pai levanta-se. Hellinger conduz a filha até ele. Eles se olham carinhosamente. Então a filha encosta a cabeça em seus ombros. Permanecem assim por um tempo.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

para o grupo Sempre que houver uma situação difícil e o agradecimento receber um lugar, ele atuará como o sol sobre o boneco de neve.

para a participante Ok?

PARTICIPANTE Eu agradeço a você.

O final

Gostaria de dizer algo sobre um tema especial. O tema se chama: o final. Nada mais bonito do que um final. Por quê? Porque depois existe um recomeço. Quando se ajuda é especialmente importante que se finalize a tempo.

Algumas vezes imagino um pintor que pintou um lindo quadro. Contudo, de repente ele não consegue concluir. Ele continua pintando e pintando. Mas, depois, ele pode jogar o quadro no lixo. Portanto, para-se no momento certo.

Qual é o momento certo para o final? Quando todos tiverem o suficiente. Quando o ajudante tiver o suficiente e quando o cliente tiver o suficiente, para-se. Contudo, quando eles têm o suficiente? Qual é o momento certo de parar para o final? No clímax da força.

Existe um dito conhecido: “quando a comida está no ponto mais apetitoso, para-se”. Isso vale aqui também para a ajuda. Parar no momento certo libera forças e traz liberação. Libera o cliente do ajudante e libera o ajudante do cliente.

O melhor lugar

PARTICIPANTE Comigo trata-se do trabalho com desempregados. Vejo que muitas pessoas têm raiva e culpam a Secretaria do Trabalho e os Centros de Orientação Profissional.

HELLINGER O que devo fazer aí? Sei o que vou fazer. Vou constelar três pessoas: um desempregado, a Secretaria do Trabalho e você.

Hellinger a coloca numa formação de triângulo.

HELLINGER *para o grupo* Agora testem: onde é o melhor lugar dela? *para a participante* Você sabe qual é o seu melhor lugar?

PARTICIPANTE Preciso recuar um pouco.

HELLINGER Exato. E qual é melhor ainda?

Hellinger a conduz para perto da Secretaria do Trabalho.

HELLINGER Como você se sente aí?

PARTICIPANTE Mais claro.

HELLINGER *para o representante do desempregado* Que tal para você quando ela fica lá?

REPRESENTANTE DO DESEMPREGADO Ela diminuiu um pouco. No lugar anterior era um pouco sedutor, mas lá fica mais claro e mais sóbrio.

HELLINGER *para a participante* Devemos continuar?

Ela sacode a cabeça.

HELLINGER Ok, foi isso, então.

para o grupo Essa foi a sedução: ser a mãe melhor.

para a participante Se você o ajuda contra a Secretaria do Trabalho, você é a mãe melhor. Contudo, se você fica ao lado da Secretaria do Trabalho, você está no nível de adultos, e ele também. Isso foi sedutor porque você se preocupou demais com ele. Ele podia se lamentar com você.

para o grupo O que vale fundamentalmente é não permitir que se lamente, não importa sobre quem quer que seja.

para a participante Assim que você permite que ele se lamente, você se torna mãe ou pai e ele, criança. Isso está fadado ao fracasso. Na posição ao lado da Secretaria do Trabalho você pode dizer a ele, por exemplo, como ele pode alcançar o melhor junto à Secretaria do Trabalho. Na primeira posição você não consegue fazer isso.

A lealdade

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher que recebeu, juntamente com seu marido, uma permissão de visitar o oeste da Alemanha por ocasião de uma festa familiar, quando ainda existia o muro entre o leste e o oeste. Porém, ela precisou retornar sozinha, porque o marido resolveu ficar na República Federal. Eles têm dois filhos em comum...

HELLINGER *interrompe* Qual é o problema?

Pausa.

HELLINGER Os alpinistas famosos escolhem a diretíssima quando vão escalar o cume. Você sabe o que é a diretíssima? O caminho bem direto ao cume, sem nenhum desvio.

PARTICIPANTE Seu problema agora é que, quando acredita que pode ser livre e feliz num relacionamento, fica doente, mesmo que tudo corra bem onde esperava encontrar dificuldades.

HELLINGER Vou fazer uma constelação, primeiro com o homem e a mulher. Você pode colocá-la.

Ele coloca o marido e a mulher um em frente ao outro.

HELLINGER *para a participante* E, agora, coloque a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental.

HELLINGER *para a representante da mulher* Vire-se.

HELLINGER Diga: “Querida mamãe.”

MULHER Querida mamãe.

HELLINGER “Eu ficarei sempre com você.”

MULHER Eu ficarei sempre com você.

A mulher sorri para a mãe.

HELLINGER *para a mulher* Agora vire-se novamente e encoste-se nela.

Depois de um certo tempo, o homem dá um passo em direção a ela. A mulher hesita. O homem dá mais dois passos em sua direção.

HELLINGER *para a participante* Sabe como se denomina isso? A reunificação.

Risadas estrondosas no grupo.

HELLINGER Ficou claro para você?

PARTICIPANTE Ficou claro.

HELLINGER *para os representantes* Eu lhes agradeço.

Agora a mulher também vai em direção ao homem, e os dois se abraçam intimamente.

Risadas estrondosas no grupo.

HELLINGER *para a participante* Qual é o segredo aqui?

PARTICIPANTE Estava faltando a reconciliação.

HELLINGER A sua lealdade foi reconhecida e o seu amor foi reconhecido. Ela é agora a maior.

O lugar de força

PARTICIPANTE Trata-se de um jovem de 16 anos que vive em uma residência comunitária.

HELLINGER O que é uma residência comunitária?

PARTICIPANTE Casa de estudantes. Os pais estão separados. Não existe contato com o pai, porque a mãe não o permite. A mãe disse que não pode mais cuidar dele porque ele é muito difícil.

HELLINGER E para onde você pende pessoalmente?

PARTICIPANTE Se eu soubesse...

HELLINGER Onde está a compaixão, a falsa compaixão?

quando ela fica hesitando muito Vou perguntar de outro jeito. Onde está a solução?

PARTICIPANTE Com os pais.

HELLINGER Mais precisamente, por favor.

PARTICIPANTE Com o pai.

HELLINGER Exato.

para o grupo Mas parece que ela tomou para si os argumentos da mãe.

PARTICIPANTE *sacode a cabeça* Não.

HELLINGER Não? Então está bom também. Vamos constelar para verificar isso. Precisamos da mãe, do pai e do garoto.

Hellinger coloca o pai e a mãe um em frente ao outro e coloca o garoto de lado, de tal forma que ele fica numa distância igual entre os pais. O garoto olha longamente para a mãe e recua um pouco.

HELLINGER *para a participante* Ele afasta-se da mãe e com razão. Ela é má.

O garoto vira-se agora para o pai, mas continua olhando para a mãe. Então coloca-se atrás do pai.

HELLINGER *para a participante* Agora posicione a casa de estudantes, seguindo a sua sensação no momento.

Ela a coloca mais próximo da mãe.

HELLINGER *para a participante* E você onde fica?

Ela se coloca mais no centro, na mesma distância para com o pai e a mãe.

Enquanto isso a casa de estudantes virou-se, afastando-se da mãe.

HELLINGER *para o grupo* Ela é esperta.

para a participante Onde você está realmente? Você está aqui.

Hellinger a coloca ao lado da mãe.

PARTICIPANTE Quero ir mais para perto da casa de estudantes.

HELLINGER Isso é a mesma coisa. Não há diferença. E onde é o seu lugar certo?

Hellinger a posiciona ao lado do pai.

HELLINGER *para o representante do garoto* Como você se sente quando ela está lá?

GAROTO Melhor.

HELLINGER *para a representante da casa de estudantes* Como você se sente quando ela está lá?

CASA DE ESTUDANTES Muito bem.

HELLINGER *para a mãe* Como você se sente quando ela está lá?

MÃE O meu poder desaparece.

HELLINGER *para a participante* Ficou claro para você?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

para o grupo A grande arte da ajuda é encontrar o lugar certo, o lugar de força. Entretanto, lá se tem pouco a fazer.

Perguntas

HELLINGER *para o grupo* Agora vou dar oportunidade para perguntas.

Pessoal, sistêmico, fatal

PARTICIPANTE Você fala do pessoal e do sistêmico no começo de uma constelação e diz pelo que você se orienta. Para mim, não está clara a diferença entre quando é algo pessoal e quando é algo sistêmico.

HELLINGER Quando alguém, por exemplo, olha para o chão, não estou sempre certo se aí existe uma culpa pessoal ou um acontecimento no qual a pessoa está enredada. Se for este o caso, precisaria tratar do pessoal ou se ela assume algo que tem a ver com o sistema. Então trabalho sistemicamente.

Existem também traumas pessoais anteriores. Também se trabalha com isso a nível pessoal e não sistemicamente. Aqui o sistêmico não seria adequado.

Em contraposição, se for sistêmico, não é adequado trabalhar a nível pessoal. Senão impõem-se a uma pessoa coisas que não têm absolutamente nada a ver com ela. Seria perigoso se fôssemos fazer isso. Por isso essa diferenciação é muito importante.

Quando se começa a nível pessoal e não se consegue ir adiante, então se sabe que é algo sistêmico. E quando a gente não consegue ir adiante sistemicamente, o que se faz então?

PARTICIPANTE Se não se consegue ir adiante sistemicamente, então é pessoal.

HELLINGER Então talvez seja algo fatal. Assim, deve-se considerar contextos maiores. Dessa forma dá-se mais um passo adiante. Muito do que vimos hoje não era sistêmico. Era algo fatal. O método que utilizamos aqui, Movimentos da Alma, conduz ao fatal.

PARTICIPANTE É o que você denomina a totalidade maior, portanto, o nível superior?

HELLINGER Não importa como denominamos isso. Acho que fatal é uma boa palavra. Algo que não podemos influenciar porque é grande demais. Algo com que não podemos lidar com métodos. Mas se o movimento vai para essa direção, o destino abre algumas vezes um novo espaço. É sempre um espaço de respeito, diante do qual se permanece parado, admirado.

Os movimentos continuam

PARTICIPANTE A nova maneira de fazer constelações me é ainda bem estranha e gostaria de perguntar se você poderia dizer algo, de modo geral, sobre isso, por exemplo, sobre a necessidade de se fazer de uma outra maneira.

HELLINGER As Constelações Familiares são um movimento poderoso, que teve um efeito muito benéfico. Mas somente permanece um movimento quando continua movimentando-se. Senão, fica paralisado. Infelizmente é assim: o melhor é o inimigo do bom.

Participantes sem experiência

PARTICIPANTE Trabalho frequentemente, também, com participantes que não têm experiências como representantes. Posso também trabalhar com eles

dessa forma, com os movimentos da alma?

HELLINGER É ainda muito melhor. Realmente. Pois estão totalmente sem a influência de outras ideias. Você vai ficar surpresa como eles vão se deixar levar imediatamente pelos movimentos. A minha experiência com pessoas inexperientes foi uma das melhores.

Mas se têm uma ocupação terapêutica, então existe um grande perigo de que se movimentem terapeuticamente, que queiram fazer algo. Então precisamos substituí-los. Isso pode ser feito a qualquer hora.

Quando a pessoa olha somente para si e não consegue se soltar, então nós a substituímos.

No início é preciso deixá-los bem à vontade, mesmo se não estiverem totalmente centrados. Você sempre terá um bom resultado, se esperar. Se não estiver totalmente perfeito, se alguns saírem do centramento — podemos ver quando uma pessoa sai do centramento — podemos ainda confiar nos outros. Eles levam o bom movimento à solução.

O espaço livre

PARTICIPANTE Leio frequentemente em seus livros que o decurso da vida e o decurso do destino estão determinados e como são poucas as possibilidades para o indivíduo ter influência sobre isso. Quando vejo o trabalho aqui, dá uma outra impressão. Como se pode levar isso a uma congruência?

HELLINGER Dentro do movimento que um faz e dentro de seu destino pessoal existe um determinado espaço livre. Quem se entrega a este movimento, concordando plenamente com isso, abrem-se algumas vezes novas possibilidades. Esse movimento amplia de repente. Mas, no geral, estamos direcionados para um determinado rumo, talvez também numa direção em que tudo fica amplo. Isso não vai contra o outro. Apenas vê-se que tudo está mais amplo do que se imaginava no início.

As crianças abortadas

PARTICIPANTE Tenho uma pergunta a respeito das crianças abortadas. Frequentemente, nós temos a experiência de que as crianças abortadas se sentem muito bem na fileira dos irmãos. Não da forma que você dizia antes, que elas pertencem somente aos pais. Os irmãos se sentem bem, quando são incluídos, e elas também se sentem bem. Que as crianças sejam abortadas é

frequentemente um segredo da mãe e dos pais. A pergunta é se os filhos que vivem devem saber disso ou se é para eles, de certa forma, também perigoso ou prejudicial.

HELLINGER É uma pergunta muito importante. Antigamente era da opinião de que o aborto era um assunto apenas dos pais e não era da alçada dos filhos. Mas, através da experiência de muitos, não somente minha, revelou-se que as crianças abortadas pertencem ao sistema, e que o aborto tem uma grande influência sobre os outros filhos. Por isso, os outros filhos devem saber. Entretanto, como devemos dizer isso a eles? Essa é agora a questão.

Quando um dos pais, por exemplo, a mãe viu numa constelação qual a influência que as crianças abortadas têm nos outros filhos, ela vai então para casa e diz para eles: “Eu abortei duas crianças”, o que ela faz? Ela coloca o fardo sobre os ombros dos filhos.

Contudo, se ela permanece em si e assume o que fez, sente a dor e dá um lugar em seu coração às crianças abortadas, então talvez um dia quando eles estiverem sentados à mesa, ela deixe dois lugares livres. Nessa oportunidade, ela diz aos filhos: “Aqui pertencem mais dois. Eu os abortei. Mas agora eles têm um lugar em meu coração e na nossa família.” Essa é a grande diferença.

Epílogo

HELLINGER *para o grupo* Eu presto atenção à energia e ela está ficando um pouco cansada. Acho que chegou a hora onde podemos dizer basta, no bom sentido. Chegamos ao desfecho. Estamos plenos e vamos nos separar. Estamos livres e olhamos alegremente para a grande felicidade que está chegando.

CURSO DE TREINAMENTO EM SALZBURG — MAIO DE 2003⁶

O treinamento

HELLINGER Sejam bem-vindos a este curso de treinamento. O que significa treinamento? Treinamento significa, sobretudo, treinamento da percepção, da percepção precisa. Isso significa que quando alguém diz algo, quando alguém apresenta um caso, aprendemos a perceber: onde está o essencial e do que se trata? O que traz mais energia e o que a tira? Então chamo a atenção para que possamos verificar juntos e aprender, dessa maneira, a observar o essencial.

Isto aqui é um treinamento na ajuda. Por um lado, ajudar é fácil. Todos querem ajudar, quando veem alguém em necessidade. Por exemplo, quando alguém nos pergunta pelo caminho, damos a ele prazerosamente informações sobre a direção certa. E todos nós tivemos ajuda, sobretudo de nossos pais. Porque tivemos ajuda, queremos passá-la adiante com prazer, pois as relações humanas crescem no intercâmbio entre o dar e o tomar.

Mas aqui se trata de ajuda profissional, ajuda de um modo especial, como profissão. O que isso significa? Principalmente em nossa profissão significa ajudar alguém a se desenvolver e crescer. Se vocês agora forem verificar a ajuda de vocês: quantos clientes seus se fortaleceram através da sua ajuda e através de que intervenções? E quantos foram obstruídos em seu crescimento porque, por exemplo, contaram demais com vocês. Sempre que alguém conta com o ajudante, não pode mais crescer. Ajudar de forma que o outro se exponha à sua vida e ao seu destino, mesmo que seja difícil, é ajudar profissionalmente.

Quando alguém se encontra em dificuldades, nos colocamos muito facilmente na posição de pai ou mãe. Nesse momento o outro se torna criança e não encara mais o seu próprio destino. Essa ajuda é agradável para o ajudante e terrível para aquele a quem é oferecido esse tipo de ajuda.

Aqui quero demonstrar e mostrar, trabalhando, o que é importante quando a

⁶ Este curso foi documentado no vídeo: Bert Hellinger — Ajuda, uma arte. 2 vídeos, 4:10 h. À venda na Video Verlag Bert Hellinger, Postfach 2166, D-83462 - Berchtesgaden. À venda também em DVD.

ajuda não vem somente do coração, mas também se torna uma arte.

A salvação

HELLINGER *para uma participante* Do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de uma menina gêmea de sete anos que veio para o orfanato com oito meses. Sua mãe morreu há dois anos por uso excessivo de álcool. Não existe contato com o pai. Nós nos esforçamos em estabelecer esse contato, mas foi impossível. Com a irmã do pai existe contato.

HELLINGER Onde está a irmã gêmea?

PARTICIPANTE Vive também no orfanato.

HELLINGER Com o decorrer do tempo estou confiando sobretudo naquilo que os representantes mostram. Por isso não quero mais continuar a perguntar, mas colocar uma representante para essa criança. Vamos ver através de seu comportamento para onde o todo se dirige. Então você pode nos dar mais informações, se for necessário.

Hellinger escolhe uma representante para essa menina e a posiciona. A representante está inquieta, olha para longe e depois para o chão. Ela cambaleia.

HELLINGER *para a participante* Esta criança está perdida. Para onde olha?

PARTICIPANTE Para os mortos.

HELLINGER Para a mãe, claro.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e pede-lhe para deitar-se de costas no chão, em frente à criança. Depois de um certo tempo, a criança vira-se e dá uns passos para frente.

HELLINGER *para a participante* Você disse que existe uma irmã do pai? Você a conhece?

PARTICIPANTE Sim. Existem também irmãos da mãe que entraram em contato com as crianças depois que a mãe faleceu.

Nesse ínterim, a criança que tinha ouvido isso, virou-se novamente. Hellinger escolhe um representante para um tio da criança e o coloca na frente dela.

A criança olha para o tio e começa a rir.

HELLINGER *para a participante* Aqui existe uma relação. Vê-se isso

imediatamente.

A criança vai, primeiro hesitante e depois mais rápido, em direção ao tio e coloca-se ao seu lado. Os dois se olham carinhosamente. A criança ri, feliz.

HELLINGER *para a participante* Encontramos?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Bem, então foi isso.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

Depois de um certo tempo, para a participante Você consegue deixá-la partir?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Agora você é desnecessária. Não é bom?

PARTICIPANTE Sim. Existem tantos outros que precisam de auxílio.

HELLINGER *para o grupo* Com relação à ajuda é importante encontrar o essencial. Quando o encontramos, podemos parar.

Se quiséssemos continuar ainda, tiraríamos algo disso. Alguns ajudantes pensam então: “Ah, preciso fazer ainda algo pela criança!” Eles não fazem nada pela criança. Eles querem saborear ainda, por assim dizer.

para a participante Por um lado essa grande ajuda é uma renúncia, mas ao mesmo tempo, que benefício!

A força maior vem sempre da própria família. Quando se pode levar as crianças para lá, é bom para elas, mesmo que nós, de fora, pensemos que esta não seja uma boa família. É a nossa imagem. Mas a criança sente-se em casa com a sua família.

Compare as famílias as quais menosprezamos com as famílias perfeitas. Onde está a maior força?

PARTICIPANTE Onde, aprendi aqui no orfanato.

A morte

HELLINGER *para uma outra participante* Do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de uma cliente de 18 anos. Durante dois anos foi dependente de drogas e de remédios e agora deixou tudo isso. A minha preocupação é que ela não continue viva.

HELLINGER Com quem vou trabalhar?

PARTICIPANTE Comigo?

HELLINGER Exato.

Hellinger a posiciona.

HELLINGER *para a participante* E quem vou colocar em frente a você?

PARTICIPANTE Os pais?

Hellinger escolhe um representante e o coloca em frente a ela.

HELLINGER Essa é a morte.

Depois de um tempo, a morte se aproxima, coloca a mão direita no ombro dela e a puxa para si. As duas se olham intensamente. Então ela coloca a cabeça no ombro da morte. A morte acaricia a sua cabeça. Enquanto isso, Hellinger coloca uma representante para a cliente.

Depois de um tempo, a morte se solta. As duas se olham nos olhos. Então a morte recua. A participante e a cliente viram-se uma para a outra.

Hellinger pega a cliente pela mão e a conduz, passando pela participante e pela morte, para a sua independência. Quando a cliente fica nesse lugar, respira fundo e ri, liberada.

HELLINGER *para o grupo* Nós vimos. *para a participante* Você viu também?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

Depois de um tempo, para a participante Você sabe o que a sua cliente fez?

PARTICIPANTE Ela foi-se embora.

HELLINGER Ela deixou a morte atrás de si.

Hellinger espera longamente enquanto a participante concorda com a cabeça e reflete.

HELLINGER *para o grupo* A preocupação dela conduz à morte.

A participante concorda com a cabeça.

HELLINGER *depois de um tempo, para a participante* Ela pode partir se você se tornar amiga da morte.

PARTICIPANTE Ok.

Ambos concordam com a cabeça. Então a participante volta ao seu lugar.

HELLINGER *para o grupo* Ainda gostaria de dizer algo sobre isso. Muitos ajudantes interpõem-se no destino de um cliente ou se interpõem à morte. Pensam que precisam salvar alguém de seu destino ou de sua morte. Por que isso? Quem tem medo da morte e quem tem medo do destino? O ajudante. Através de sua ajuda quer escapar de sua morte e de seu destino e utiliza o cliente para isso. Mas eles têm um coração tão bom! Um coração tão bom! Contudo, o resultado mostra que é um coração cruel, um coração covarde.

O filho pródigo

HELLINGER *para uma participante* Do que se trata aqui?

PARTICIPANTE Tenho uma cliente cujo pai é árabe e a mãe é austríaca. Quando tinha 20 anos, o pai dela a expulsou de casa, porque ela se apaixonara por um austríaco.

HELLINGER O pai vive na Áustria?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Por quê?

PARTICIPANTE Ele se casou aqui. Tem o seu emprego aqui também. A cliente não vê os pais e os irmãos há 20 anos. Ela não tem contato com a família, embora more perto deles.

HELLINGER Então isso aconteceu há 20 anos atrás?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Qual é o problema dela agora?

PARTICIPANTE Seu problema é que quer entrar em contato com a sua família.

HELLINGER *para o grupo* Se vocês sentirem o que ela disse, onde está o problema? Com quem? Onde está a força? Com quem deveria trabalhar? Isso é apenas para testar, vocês não precisam responder. É somente para vocês sentirem.

para a participante Então, o que você pensa?

PARTICIPANTE Com o pai.

HELLINGER Exato. Quem não tem contato?

PARTICIPANTE Ela não tem contato com o pai.

HELLINGER Quem não tem contato?

HELLINGER *quando ela hesita, para o grupo* Está bem claro. Vocês perceberam o mesmo. Ele não tem contato com a sua família. E a filha diz: “Eu faço como você, por você”, *para a participante* Você pode sentir o mesmo?

PARTICIPANTE Sim, posso.

HELLINGER Mas é claro que vamos testar isso.

PARTICIPANTE Um problema é que... eu escrevi isso também...

HELLINGER *interrompe. Para o grupo* O que aconteceria se eu lhe permitisse isso? O que iria acontecer com a força?

para a participante Você percebe?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Portanto, vamos pegar um representante para o pai. De que país ele vem?

PARTICIPANTE Da Síria.

Hellinger escolhe um representante para o pai e o posiciona. Depois de um tempo, o pai se vira. Hellinger escolhe um representante para a Síria e o posiciona.

O pai se vira novamente, tenta dar um passo à frente, mas se desvia um pouco. Então vai para frente, para e volta a dar um passo para trás. A Síria está de braços abertos, de modo convidativo.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona.

O pai se aproxima mais e se coloca entre a filha e a Síria. Esta vai até a Síria, coloca-se ao lado dela e enxuga as lágrimas do rosto.

O pai se coloca na frente da Síria e se vira, então. Ele cerra os punhos.

Depois de um tempo, Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona.

O pai olha brevemente para a sua mulher e vira novamente. A mãe acena para a filha, como se fosse dizer adeus para ela. Então vira-se em direção ao marido. A Síria puxa o pai por trás pelas mangas. Este olha brevemente para trás e se vira de novo. A Síria puxa-o novamente pelas mangas. O pai se afasta mais ainda. A filha chora.

Hellinger escolhe um representante para o marido da filha e o posiciona. A

filha se solta da Síria e anda para lá e para cá, como se não soubesse para onde ir. Então vai até à mãe. As duas se abraçam.

A filha se solta da mãe e coloca-se de costas, na frente dela. Esta a empurra suavemente para frente. Então a filha aproxima-se do pai e chora. A mãe também se aproxima.

A Síria entra no campo de visão do pai e acena para ele se aproximar dela. O pai vira-se para a Síria, mas não reage. A filha afasta-se do pai e vai até seu marido. Os dois se abraçam intimamente.

O pai olha brevemente para a filha, vira-se e quer sair do palco. Então ele se vira e empunha as mãos. A Síria estende o braço direito para ele.

Hellinger conduz a Síria e o pai novamente para mais perto dos outros. Ele coloca a Síria em frente ao pai e diz: “Ajoelhe-se.” O pai ajoelha-se, após hesitar um pouco. A mãe também se ajoelha perante a Síria.

A Síria começa a soluçar. O pai está inquieto, sacode a cabeça, está ainda com as mãos empunhadas e não consegue se curvar. Então a Síria vai até ele, acaricia a sua cabeça e puxa-o para si, enquanto ele ainda está ajoelhado. O pai começa também a chorar. A Síria se inclina para baixo, em sua direção, até ficar com a cabeça sobre os seus ombros e soluça violentamente. O pai também soluça.

Depois de um tempo, a Síria se levanta. O pai, ainda ajoelhado, vira-se e soluça. Então se levanta e coloca-se de lado. Ele está inquieto e fica empunhando as mãos. A Síria estende um braço em sua direção.

HELLINGER *para o pai* Olhe para a Síria e diga: “Não sou mais digno de ser chamado de seu filho”.

PAI Não sou mais digno de ser chamado de seu filho.

A Síria sorri para o pai, estende a mão direita em sua direção e coloca a mão esquerda sobre o coração. O pai vira-se e olha para sua filha. Esta se dirige a ele e os dois se abraçam. Enquanto isso, a Síria se virou.

HELLINGER *para a participante* A filha representa quem para o pai?

PARTICIPANTE A mãe?

HELLINGER A Síria.

depois de um tempo Acho que posso interromper aqui.

Ajuda sistêmica

HELLINGER *para o grupo* Podemos aprender muito com este trabalho e gostaria de mencionar alguns detalhes importantes.

para a participante Quando uma cliente vem para você, você fica tentada a olhar para ela no sentido da Psicoterapia tradicional. Lá vem uma cliente, e você entra em relacionamento com ela. Com isso você já está totalmente errada. O seu amor cai no lugar errado e com isso você fica perdida.

O importante é a postura sistêmica. Desse modo vemos o sistema todo. Expomo-nos ao sistema todo e então sabemos quem necessita de ajuda.

Com quem estava o meu coração? Seja cuidadosa, não responda assim tão depressa. Com quem estava o meu coração? Vou lhe dizer, você não precisa adivinhar. É claro que com a Síria.

PARTICIPANTE Eu teria dito isso também.

Os dois sorriem um para o outro.

HELLINGER Eu a subestimei. Exatamente, com a Síria.

O pai estava evidentemente em dívida com a Síria. Ele cometeu algo. É um filho pródigo. O que não está resolvido entre ele e a Síria, não está resolvido entre ele e a filha. A filha representa a Síria para ele. Talvez ela esteja representando a mãe também, mas mãe no sentido também de Síria.

Logo que você descobrir a quem o seu amor pertence, você pode trabalhar imediatamente. Todos então, estão em sintonia com você.

Há quanto tempo você já tem essa cliente?

PARTICIPANTE Ela já esteve algumas vezes comigo.

HELLINGER E agora o que você vai fazer?

PARTICIPANTE Com ela?

HELLINGER Conte a ela o que aconteceu aqui e a libere imediatamente. Não se consegue ajudá-la. Ela precisa representar algo para o pai. Mas se ela der um lugar em seu coração para a Síria, está em segurança. Você não pode fazer outra coisa com ela. É o destino dela: que esteja emaranhada aí. Se você a libera assim, como eu sugeri, ela ficará mais forte ou mais fraca?

PARTICIPANTE Ela ficará mais forte.

HELLINGER Exato. Porque essa é a medida terapêutica correta.

Ambos sorriem um para o outro.

HELLINGER Ok?

PARTICIPANTE Sim.

O destino

HELLINGER *para o grupo* Ainda gostaria de dizer algo sobre o destino. O destino para nós está em grande parte predeterminado — através de nossos pais e de nossa pátria. Somente quando estamos em sintonia com esse destino, com esses pais especiais e com a nossa origem, de onde viemos, e quando estivermos dispostos a tomar o nosso lugar, então temos força.

Quem rejeita seus pais, rejeita seu destino. Quem rejeita a sua pátria e tenta escapar dela, rejeita seu destino. Ele fica fraco.

Existem exceções quando alguém é obrigado a deixar o seu país, por exemplo, na Irlanda, durante o grande flagelo da fome. Naquela época

a metade da população emigrou para os Estados Unidos. Isso é outra coisa. Mas quando alguém se esquivava dos desafios de seu país natal e seu meio, fica fraco. Pôde-se ver isso no pai. Ele não tinha força. Ele é como um filho pródigo. Por isso, como ajudante, coloca-se no seu próprio coração os pais especiais que uma pessoa tem, seu país natal e seu destino especial. Então se ajuda em sintonia com esse destino.

É claro que isso significa, em primeiro lugar, que nós conduzimos o cliente ao seu destino, aos seus pais, à sua pátria, aos seus ancestrais, às circunstâncias especiais. Quando ele chega a isso, ganha força.

A solução

HELLINGER *para o grupo* Agora temos aqui na frente três crianças. Mas eu não me ocupo com as crianças, pois as crianças são sempre boas. Eu vou me ocupar com aquilo que é significativo na família. Vou apresentar agora as famílias. Uma é a mãe com dois filhos. A criança menor está no colo da mãe, o mais velho, um menino de aproximadamente cinco anos, está sentado ao lado dela. Ao lado está sentada a sua irmã com seu filho. Ele tem aproximadamente 14 anos. Ao lado está a mãe das duas irmãs, a avó das crianças.

Observação prévia

O jovem de 14 e o menino de 5 anos ficam frequentemente agressivos, com uma raiva mortal. Nas famílias existem evidentemente segredos em relação ao nazismo e existe a suspeita de que os ataques de agressão dos meninos

têm a ver com isso. Mas isso não é levado em consideração aqui.

HELLINGER Vou começar com a avó.

para o grupo Não vou dizer do que se trata porque quero poupar as crianças. Para mim trata-se de ver o sistema todo.

para a avó Você é casada e tem quantos filhos?

AVÓ Sou casada e tenho três filhas. A que está com dois filhos é a caçula. A outra é a mais velha.

HELLINGER O que há com seu marido?

AVÓ *ri* Ele não se interessa por esses assuntos.

HELLINGER *para o grupo* Testem vocês mesmos: com quem vou começar? Da impressão que tive, está bem claro com quem vou começar.

Hellinger escolhe uma representante para a avó e a posiciona. Depois de um tempo, a representante da avó olha para o chão, recua alguns passos e vira-se para o lado. Ela continua olhando para o chão.

Hellinger escolhe um representante e pede a ele para se deitar de costas no chão.

A representante da avó está inquieta e coloca uma mão em frente a boca. Depois de um tempo, vira-se para o homem morto que está no chão e cruza os braços. Então coloca as mãos no rosto.

Hellinger pede à filha mais velha da avó para se deitar no chão ao lado do homem. Ela olha para o homem morto quando se deita.

HELLINGER *para a representante da avó* Como você está agora, melhor ou pior?

REPRESENTANTE DA AVÓ É perigoso.

HELLINGER Você está melhor ou pior?

REPRESENTANTE DA AVÓ Melhor.

HELLINGER *para o filho da irmã mais velha* Deite-se também.

HELLINGER *depois de um tempo, para o filho mais velho da filha mais nova* Deite-se também.

A filha mais velha da avó e o homem morto se olham intensamente. A avó recuou ainda mais. Depois de um tempo, ela vai para o outro lado e senta-se ao lado dos netos. Então se deita.

Hellinger pede para a filha mais velha e para as crianças se levantarem. Ele a coloca em frente a todos e coloca a filha mais nova também. As mães seguram os filhos pelas mãos.

A representante da avó olha para o homem morto que está no chão. Hellinger vai até esse homem e diz a ele para olhar para a avó. Ambos estendem-se as mãos. A avó aproxima-se de forma que ambos se tocam com as mãos. Hellinger coloca ambas as crianças perante as suas mães. Elas seguram-nas firmemente. As crianças olham para elas. A filha mais velha chora.

Hellinger posiciona agora os pais das crianças.

HELLINGER *depois de um tempo* Posso interromper aqui.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

para o grupo Não gostaria de dizer agora o que aconteceu aqui, também para proteger as crianças. Mas liberei as crianças de um emaranhamento. Tratava-se disso. Não eram boas crianças, as três? Ok, eu vou deixar assim.

“Você é meu destino”

HELLINGER *para a participante* De que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de um jovem, cujo pai sofreu um acidente mortal com uma moto no ano passado. Um...

HELLINGER *interrompe* Qual é o problema dele?

para o grupo Antes que me comecem a contar a história, quero saber qual é a questão do cliente.

para a participante Então talvez possamos nos poupar de toda a história.

PARTICIPANTE Trata-se de um conflito de lealdade.

HELLINGER O que é isso?

PARTICIPANTE *ri* Preciso realmente contar um fato importante. O pai sofreu o acidente um dia antes que a mulher dele, a mãe do cliente, abandonou-o.

Quando ela quer continuar a contar, Hellinger dá a entender que não.

HELLINGER *para o grupo* Devo permitir que ela se alivie?

Risadas no grupo.

HELLINGER Portanto, escutando o que ela disse, o que devo fazer?

após uma pausa de reflexão Bom, vou simplesmente fazer.

Hellinger escolhe representantes para o cliente e seu pai e os coloca um em frente ao outro.

HELLINGER *para o representante do pai* Deite-se no chão pois você está morto.

Depois de um tempo, Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona.

HELLINGER *para a mãe* Olhe para ele e diga: “Foi isso que eu desejei.”

MAE Foi isso que eu desejei.

O filho vai chorando para o pai, acaricia a sua cabeça e deita-se ao lado dele. Então se ergue e olha para a mãe. O pai também olha para a sua mulher. O filho levanta-se e olha furioso para a mãe. Hellinger o recua ainda mais. O filho está de punhos cerrados.

HELLINGER *para o grupo* O que vai ser dele? Um assassino.

para o filho Agora, vire-se.

Hellinger o vira. O filho segura o pescoço.

HELLINGER Você não precisa se enforcar.

Hellinger o leva cada vez mais longe. O filho ainda está muito tenso. Hellinger o vira para o pai e para a mãe.

HELLINGER Olhe para a sua mãe e diga: “Você é meu destino.”

FILHO *com voz agressiva* Você é meu destino.

HELLINGER *com voz normal* “Você é meu destino.”

FILHO *respira fundo, agora com voz calma* Você é meu destino. Você é meu destino, mamãe.

Hellinger o vira e o coloca em frente a um homem.

HELLINGER Este é o seu destino.

Os dois se olham carinhosamente. O destino estende a mão em direção ao filho. Este se dirige até o destino e os dois se dão as mãos.

HELLINGER *para a participante* Posso deixar assim?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* Ok. Agradeço a vocês.

para o grupo Não precisamos levar isso até o fim. Mesmo se tivesse trabalhado com o cliente, pararia aqui. O essencial ficou claro. *para a participante* Para você também?

PARTICIPANTE Para falar a verdade, não. Não sei quem devo identificar como o representante do destino.

Hellinger coloca a participante e o cliente em frente a ela.

HELLINGER *para o filho* Olhe para ela e diga: “Você é meu destino.”

O filho ri e sacode a cabeça.

HELLINGER Ok, basta.

Risadas no grupo.

HELLINGER *para a participante* Está claro para você?

Ela concorda com a cabeça.

HELLINGER *para o grupo* Vocês percebem quão perigosos podem ser os terapeutas? Só se pode ajudar com medo e temor. E o mais perigoso é quando se ama o cliente como pai ou mãe. Então é perigoso para todos.

para a participante Agora ficou claro para você?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Ok, tudo de bom.

A impotência

HELLINGER *para uma participante* Então, do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher. Ela tem um filho de 28 anos que tem psoríase nas articulações, não apenas na pele. A sua irmã também teve uma psoríase forte com 30 anos de idade e está doente desde então. Mas o problema para a mulher é o filho.

HELLINGER O que você deve fazer?

PARTICIPANTE Eu devo ajudá-la a esclarecer o que está acontecendo, o que deu errado para que o filho sofra tanto. Ele tem inflamações fortes nas articulações.

HELLINGER Em quem eu pensei agora?

PARTICIPANTE No filho?

HELLINGER Na pessoa que não foi mencionada.

PARTICIPANTE O pai, o marido dela teve uma noiva antes, que ele abandonou sem uma razão importante, e ela ficou muito zangada com ele.

HELLINGER A psoríase ou neurodermite surge quando existe uma maldição, portanto quando alguém está zangado. Você já disse quem está zangado. Onde está a solução?

quando ela hesita com a resposta É bem simples. Uma boa definição contém sempre a solução. Eu disse a solução. Mas vou demonstrar isso.

Hellinger escolhe representantes para a mãe e para a noiva anterior do pai e as coloca uma em frente à outra.

Depois de um tempo, Hellinger posiciona o filho. O filho começa a tremer e olha para o chão. Hellinger escolhe um representante do pai e o coloca ao seu lado.

O filho respira aliviado. O pai olha também para o chão. A noiva anterior do pai recua um passo.

Hellinger escolhe um homem e o deita no chão entre as duas mulheres.

HELLINGER *para o grupo* O pai está tremendo. Vocês estão vendo isso? Ele está tremendo. Antes o filho estava tremendo também.

O filho coloca a cabeça no ombro do pai.

HELLINGER *depois de um tempo* Deite-se ao lado dele.

HELLINGER *para o pai* Como você está, melhor ou pior?

PAI Melhor.

HELLINGER *para a participante* Você sabe do que se trata?

PARTICIPANTE O pai do pai teve uma mulher que faleceu ao dar à luz e a criança também faleceu.

HELLINGER Eu permaneço no presente. Ela aqui é a sua noiva anterior. Você sabe quem é a pessoa que está no chão?

PARTICIPANTE Nunca pensei nisso.

HELLINGER É uma criança abortada dos dois.

Hellinger pede ao filho para levantar-se e pede ao pai para se deitar. Quando o pai se deita ao lado do homem que está no chão, os dois se aproximam um do outro e se olham.

HELLINGER *para o grupo* Os dois estão reconciliados. *para o filho* Como

você está?

FILHO Lá no chão estava bem. Aqui também é bom.

Hellinger pede que ele se coloque ao lado da mãe e que os dois se virem.

HELLINGER *para a mãe* Que tal para você?

MÃE Melhor.

HELLINGER *para o filho* E para você?

FILHO Com o pai era melhor.

HELLINGER *para a participante* Você não conseguirá ajudá-lo. A atração é muito forte. Está claro?

PARTICIPANTE Está claro para mim.

HELLINGER *para os representantes* Ok. Agradeço a todos vocês.

para o grupo Vou dizer algo ainda sobre as minhas observações. A primeira coisa foi que o filho olhava para o chão e tremia. Então coloquei o pai do lado. Ele também começou a tremer e a olhar para o chão. Portanto, lá estava um morto. Quando coloquei o filho ao lado, no chão, o pai sentiu-se melhor. Aqui o filho diz: “Eu morro em seu lugar”.

Quando o pai estava deitado, estava totalmente em sintonia com o morto.

para a participante Portanto, para o pai é adequado que morra. Mas o filho continua querendo salvar o pai. E esse é o destino dele e é um destino bonito. Ele se sentiu bem lá no chão. Você tem algo melhor para ele?

Ela diz que sim com a cabeça.

HELLINGER Você tem algo melhor? Seria bonito, mas ele ficou feliz lá no chão. Vou fazer mais uma intervenção, agora como supervisão.

Hellinger coloca o filho em frente à participante. Depois de um tempo, a participante recua alguns passos e sorri para o filho.

HELLINGER *para a participante* Diga a ele: “O papai é melhor.”

PARTICIPANTE O papai é melhor.

O filho acena com a cabeça.

FILHO *para Hellinger* Com ela senti uma taquicardia semelhante à que senti no início da constelação antes de começar a tremer. Semelhante, mas sem o tremor.

HELLINGER Exato.

para a participante Se eu fosse continuar, colocaria o filho em frente ao pai e você de fora, para você só olhar para o que se desenrola. Então você tem força porque não se encontra mais no meio dos dois.

Ida ao cemitério com uma criança

HELLINGER *para o menino de aproximadamente cinco anos quando ele está descendo a escada do palco* Venha até aqui. Sim, até mim.

O menino vai até Hellinger e senta-se ao seu lado. Hellinger coloca o braço direito em torno dele e olha para ele por um tempo. O menino está bem quieto.

HELLINGER Vou contar uma história para você.

MENINO *Hum, hum.*

HELLINGER Nós dois vamos ao cemitério. Pego você pela mão — *ele o pega pela mão* — e nós vamos ao cemitério. Então vamos olhar para os túmulos, um após o outro. Lá estão deitados muitos mortos. Nós nos curvamos perante cada túmulo, nós dois — simplesmente assim. — *O menino curva-se levemente* — E nós desejamos paz a eles.

MENINO *Hum, hum.*

HELLINGER E você diz a eles: “Eu fico vivo.”

MENINO Eu fico vivo.

HELLINGER “Olhem para mim com carinho.”

MENINO Olhem para mim com carinho.

HELLINGER “Embora vocês estejam mortos, eu vivo.”

MENINO Embora vocês estejam mortos, eu vivo.

HELLINGER “E eu gostaria de viver por um longo tempo.”

MENINO *alto* E eu gostaria de viver por um longo tempo.

HELLINGER Sim, e: “Eu gostaria que muitos outros também vivessem por um longo tempo.”

MENINO Eu gostaria que muitos outros também vivessem por um longo tempo.

HELLINGER Exato. Então vamos nós dois, de túmulo em túmulo. Sim? Pelo cemitério. Então saímos do cemitério. Saímos através do portão do cemitério

e chegamos a uma relva bonita. Lá existem flores maravilhosas. E nós colhemos flores. Sim?

MENINO *concorda com a cabeça* Sim.

HELLINGER Um lindo buquê.

MENINO Um lindo buquê.

HELLINGER Então voltamos ao cemitério e o colocamos sobre um túmulo.

MENINO Sim.

HELLINGER Então os mortos se alegram porque alguém pensa neles.

MENINO Sim.

HELLINGER Tudo de bom para você.

A felicidade completa

HELLINGER *no dia seguinte* Na verdade, sou um filósofo. Além disso, faço terapia. No fundo é Filosofia Aplicada. Nesse sentido não sou terapeuta. Contudo eu reflito sobre a vida. Assim gostaria de continuar a trabalhar a serviço da vida, como ela é, sem desejar que ela seja diferente. Não existe nada melhor do que aquilo que é. Sem pais melhores do que aqueles que temos, nenhum futuro melhor do que aquele que está à nossa frente. O que é, é o maior. E felicidade significa que eu tome isso em meu coração do jeito que é, e me alegre com isso. Essa é a felicidade completa, quando se alegra com a realidade, como ela é, com nossos pais, como são, com nosso passado como ele foi, com nosso parceiro como ele ou ela é, com os filhos, como são, exatamente como são. Esse é o bonito. A alegria é a felicidade completa.

Ajudar para além dos ajudantes

Existe uma espécie de Psicoterapia e também uma espécie de Constelação Familiar com a qual se procede segundo o seguinte princípio: qual é o problema? Então olhamos para a solução e quando temos a solução, terminou. É um procedimento válido. Muito frequentemente também dá certo. De repente, vemos a solução. Encontramos também uma frase de solução que traz algo em movimento na alma, e todos podem se recostar e dizer: foi bom. E o terapeuta pode pensar: fiz bem. Ele também fez isso muitas vezes.

Esse é um lado. É possível que seja assim quando o problema é mais superficial.

Contudo, quando se trata dos grandes movimentos, dos movimentos bem grandes de vida e morte, algo fica visível e deixa bem para trás aquilo que pensamos que era a solução. Aqui atuam as forças do destino. Nós vemos isso, mas ninguém deve interferir, por exemplo, para procurar uma boa solução. O movimento em si é que é grande. Quando vimos isso e entramos nele e deixamos que ele atue, isso é a grandeza. Isso tudo acontece para além dos ajudantes. A eles foi apenas permitido verem algo grande e puderam ser tocados por ele. Isso é tudo.

Paz aos mortos

HELLINGER *para um outro participante* O que aconteceu?

PARTICIPANTE Meu avô, pai de minha mãe, quando era jovem matou um soldado russo por um motivo fútil.

HELLINGER *para o grupo* Isso continua atuando na família. O que se faz agora? O que se pode fazer?

para o participante Então, o que você pensa? O que seria adequado aqui?

PARTICIPANTE Nós vamos trabalhar com o soldado e com o avô.

HELLINGER Exato, precisamos dos dois.

Hellinger escolhe um representante para o soldado russo e um para o avô e os coloca um em frente ao outro.

Depois de um tempo, Hellinger escolhe uma representante para a mãe do soldado russo e a coloca atrás dele. A mãe está bem inquieta. Ela se sacode e comprime os lábios. Estende as mãos com os dedos abertos para frente, respira com dificuldade e começa a tremer de raiva. Então cerra os punhos e grita alto, bate com os pés no chão, levanta os punhos para cima e irrompe em lágrimas. Ela segura o filho por trás bem firmemente e coloca a cabeça em sua nuca. Então fica quieta atrás dele e olha para o avô. Primeiro o avô havia cerrado os punhos, mas os solta.

Enquanto isso, Hellinger colocou o participante no quadro. Este se vira para o soldado russo e sua mãe.

A mãe do soldado fica um pouco de lado, mas respira com dificuldade. O avô vai em direção ao soldado russo. Os dois se olham longamente.

HELLINGER *para o avô* Curve-se perante ele.

O avô curva-se profundamente, ajoelha-se, curva-se até o chão e estende as

mãos em direção ao soldado.

HELLINGER *depois de um tempo, para o avô* Agora deite-se de bruços em frente a ele.

O avô deita-se de bruços e continua com as mãos estendidas em direção ao soldado russo. Então rola como um morto no chão. Depois de um tempo, o soldado russo deita-se ao seu lado.

A mãe ajoelha-se em frente ao filho, acaricia a sua face e deita-se, soluçando, ao lado dele. Enquanto isso, Hellinger virou o participante.

HELLINGER Assim tudo termina. E então isso pode ficar no passado.

para o participante Com você está agora?

PARTICIPANTE Eu respirei aliviado e profundamente.

HELLINGER Olhe novamente para trás para ver. Passou.

para os representantes Ok. Agradeço a vocês todos.

para o grupo Agora a filosofia está sendo solicitada novamente. Filosofia significa que olhamos para a vida como um todo e esperamos até que ela nos mostre algo. Então concordamos com isso. Aqui, por exemplo, pudemos ver que a morte foi boa para todos. Meu querido amigo Rilke descreve, na primeira elegia a Duíno, o que acontece quando fazemos luto por aqueles que foram afastados cedo. Ele pergunta: “O que os mortos querem de mim? Eu devo tirar lentamente a aparência da injustiça que algumas vezes impede um pouco o movimento puro de suas almas.” A morte precoce não lhes fez injustiça. E eles não perderam nada.

Ele descreve ainda o introduzir-se nesse movimento de soltar-se. Por exemplo, que se deixe de lado o próprio nome como um brinquedo quebrado. Tudo desapareceu, tudo. Para onde, não sabemos.

Meu outro grande amigo Richard, Wagner é o seu outro nome, fala do esquecimento bem-aventurado. Está no fim, quando o processo da morte termina. O morrer começa somente com a morte. É o início do morrer. A realização de um pouco mais, até que entremos no esquecimento. Como, não sabemos. Contudo, são pensamentos que fazem bem à alma.

Aqui também vale: os descendentes somente podem crescer, se aquilo que foi pode ser deixado finalmente em paz e pode ficar no passado. Finalmente.

Aqueles que ficam sempre se ocupando com o passado, no fundo não

precisam fazer nada. Permanecem sempre crianças, nunca vão crescer. Ocupam-se com um nada a vida toda e morrem então, mas sem sucesso. Ok, isso é o fim de minha filosofia.

OBSERVAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

O amor fatal

O destino vai ao nosso encontro com todos os seres humanos com os quais nos relacionamos. Cada um fica sendo para nós o destino e nós, para ele. Portanto, amor fatal significa que eu amo cada destino que vem de encontro a mim através do outro, que me enriquece através dele, me desafia e me toca também, como também o destino que enriquece o outro através de mim, o desafia e muitas vezes também o toca. Através disso todo encontro com outros seres humanos fica sendo mais do que um simples encontro entre ele e mim. Torna-se um encontro de destinos, que atuam através dele e através de mim: que causa felicidade ou dor, a serviço do crescimento ou da limitação, dando a vida ou tirando-a.

Portanto, amor fatal é o último amor, que exige o último, que dá o último e toma o último. Nele crescemos para além de nós.

O que isso significa individualmente?

Se um outro, do meu ponto de vista, quer fazer algo mau e terrível, não importa de qual maneira, a minha primeira reação a isso é frequentemente que eu quero fazer algo de mau para ele e penso numa compensação, no sentido de vingança. Mas se olho para ele como sendo levado pelo seu destino e reconheço que este destino se torna também o meu destino através dele, então não me coloco mais perante ele apenas como um ser humano. Eu encaro o destino e o amo. Nesse momento me submeto a um poder fatal, me deixo tocar por ele, fico purificado das coisas mesquinhas, fico tocado e fico no amor em tudo.

Inversamente posso me tornar para o outro, de alguma forma, em destino que o fere, que o limita e que o obriga à despedida e separação. Então resisto à sensação de culpa que age por egoísmo ou desejos maldosos, porque estou entregue ao destino, dele e meu. Eu também preciso amar este destino como ele é e fico assim através desse destino puro e com a mesma validade.

Quem ama o destino assim, o seu próprio e o do outro e sabe que ele sempre se tornará em próprio destino para ele e para mim, está em sintonia com tudo como é. Está tanto conectado quanto direcionado porque é um amor fatal, o seu amor tem grandeza e força.

Soluções: “Eu não denuncio nada”

HELLINGER *para um participante* Você tem um caso? Do que se trata?
PARTICIPANTE Trata-se de uma jovem de 19 anos. Ela gostaria muito de fazer um curso profissional, ir para a escola, mas não consegue, porque entre outras coisas, ela tem muitas doenças, ela soluça. Ela soluça sempre e, na maioria das vezes, são palavrões que provocam soluços nela.

HELLINGER Você pode nos mostrar como é isso?

O participante demonstra o soluço.

HELLINGER E ela pensa em palavrões, quando soluça?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Nunca tive um caso assim.

quando alguns participantes começam a imitar o soluço e riem Voltem a centrar-se. Nós queremos ajudar a jovem.

para o participante Em lugar de quem ela faz isso? Você tem uma ideia?

PARTICIPANTE Existem muitos acontecimentos na família de origem, também bem para trás.

HELLINGER Vamos começar com o que está próximo. O que há de especial?

PARTICIPANTE Existe um irmão do pai e um irmão da mãe que faleceram cedo.

HELLINGER *depois de uns instantes* Houve vínculos anteriores do pai ou da mãe?

PARTICIPANTE Não.

HELLINGER Você tem certeza?

PARTICIPANTE Não totalmente.

HELLINGER *para o grupo* Quando a resposta vem muito depressa, aguço os ouvidos.

para o participante Vamos constelar a cliente, o pai e a mãe. Então vamos

ver.

O participante escolhe os representantes e coloca a filha em frente ao pai, um pouco distante e a mãe mais distante do pai.

A filha olha para o céu, a mãe olha para o chão, o pai balança, depois de um certo tempo agarra o pescoço e vira-se lentamente. A filha ameaça cair para o lado esquerdo. A mãe vira-se para o marido.

HELLINGER *para o grupo* Agora olhem para o pai no céu.

A mãe vai até o marido e o segura por trás, para que ele não caia.

HELLINGER *para o participante* Quem foi enforcado?

O participante sacode os ombros. Hellinger coloca um homem em frente ao pai.

O pai continua segurando o pescoço como se estivesse sendo estrangulado. O homem abre a boca como se estivesse sem ar e quisesse gritar. A filha endireita-se.

HELLINGER *para esse homem* Grite!

O homem abre a boca e fica de boca aberta. Então solta um grito. O pai comporta-se como uma pessoa que foi estrangulada, que fica sem ar. O homem abre a boca e estica a língua para fora, como se estivesse sendo estrangulado.

HELLINGER *para o pai* Olhe! Olhe!

O homem cai de boca aberta no chão. O pai deixa as mãos caírem e olha para a mulher. Esta sacode a cabeça. Hellinger coloca a filha atrás dos pais.

O pai sorri para a mulher e dirige-se para ela, que sacode a cabeça.

HELLINGER *para a filha* Diga: “Eu não denuncio nada.”

FILHA Eu não denuncio nada.

HELLINGER Que tal?

FILHA Bom.

HELLINGER *para o participante* Está claro para você?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

para o grupo Algumas vezes parece ser monstruoso o que se diz. Mas não foi tirado do nada. Observei bem exatamente o que aconteceu ali e me coloquei no lugar de cada um deles. Então vem a percepção.

Primeiro, a filha olha para o céu, para cima e o pai pega no pescoço como se quisesse se estrangular. Isso significa quase sempre: enforcamento. Essa foi a minha imagem desde o início. Estava bem à vista. A pergunta é se temos a coragem de assumir o que se percebe internamente. Então peguei um representante para a pessoa enforcada e vi imediatamente que ele queria gritar. Ele estava de boca aberta e estava claro que queria gritar. Não foi fantasia, confiei na imagem.

O pai não queria olhar para lá. Quando olhou, virou-se para a mulher. Ela o censurou no sentido de: como é que você foi fazer isso? Pudemos ver.

Então tirei a cliente do campo de tensão e a coloquei atrás. É óbvio que existe um segredo entre os pais. Pudemos ver isso quando o marido sorriu para a mulher. E a filha presente isso. De repente me veio a frase: “Eu não denuncio nada.”

para o participante Então tudo faz sentido.

O participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Agora você tem uma imagem. Não importa o que você irá fazer. Você verá o que é adequado e até que ponto pode ir e até que ponto, não. Ok?

PARTICIPANTE Sim. Obrigado.

A bênção

PARTICIPANTE Um avô tem três netos e cada um deles tem uma deficiência.

HELLINGER Quem é o cliente?

PARTICIPANTE Duas mães vieram até mim, isto é, duas filhas dele. Todos os netos do avô têm uma deficiência, ou na área visual ou auditiva ou perturbações no sentido do equilíbrio corporal.

HELLINGER Vamos começar com a primeira cliente. Qual é o problema dela?

PARTICIPANTE Ela quer apoiar a sua criança deficiente da melhor forma possível.

HELLINGER Então, essa cliente tem um criança deficiente?

PARTICIPANTE E sua irmã também.

HELLINGER As deficiências são as mesmas?

PARTICIPANTE Sim, mas em graus diferentes.

para o grupo O que aconteceu aqui? O que aconteceu com ela e com as duas clientes? Para quem estão olhando? Para quem deveriam olhar?

PARTICIPANTE *após hesitar muito* Elas deveriam olhar para as crianças.

HELLINGER Apenas para as crianças e, na verdade, com amor. Ambas não têm amor pelas crianças — você também não. E ambas não têm amor pelos maridos — você também não. Está claro para você?

Ela acena com a cabeça.

HELLINGER Onde é que começa agora a ajuda?

PARTICIPANTE Pelo amor pelos maridos.

HELLINGER Em primeiro lugar pelo amor às crianças e, então, pelo respeito pelos maridos, por esses dois maridos. E isso começa em sua alma. Assim você tem força e traz bênção. Posso deixar isso assim?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* Gostaria de dizer algo sobre a bênção. O que significa abençoar? No latim significa: *benedicere*. Isso significa: dizer algo bom. Se eu digo algo de bom sobre alguém e desejo boas coisas para ele, isso atua imediatamente de modo agradável nele. Isso é a bênção. Olhamos para o outro e desejamos algo bom para ele.

Se eu vejo dificuldades com um cliente e talvez faço um diagnóstico ou defino o seu problema, como isso atua então no cliente? O contrário da bênção. É uma maldição. No fundo desejo algo mau para ele. Ou se não confio em alguém, por exemplo, quando penso: “Ele não vai mesmo conseguir” e internamente trago motivos pelos quais isso não é possível, é para ele como uma maldição.

Existe uma imagem da bênção. Daquilo que conhecemos, da nossa experiência, o que traz mais bênção é o sol. Tudo vem do sol. Contudo tudo o que ele faz é brilhar. Isso é bênção. Deixemos que o nosso sol brilhe sobre o bom e o mau da mesma maneira.

Croácia e Sérvia

PARTICIPANTE Trabalho com pessoas da antiga Iugoslávia. Tenho um caso que é muito difícil para mim e que descreve simbolicamente a situação toda.

Trata-se de um jovem que perdeu ambas as pernas durante um ataque sérvio. Ele é croata. Sua mãe morreu durante esse ataque. Ela se jogou sobre ele para protegê-lo. O pai é sérvio e no início da guerra foi para o lado croata.

HELLINGER Isso basta.

HELLINGER *para a participante* Se eu for pegar alguém para a Sérvia, é um homem ou uma mulher?

PARTICIPANTE Um homem.

HELLINGER E para a Croácia?

PARTICIPANTE Uma mulher.

Hellinger escolhe representantes para a Sérvia, Croácia, pai, mãe e o jovem e os posiciona. O filho está entre o pai e sua mãe morta. A Croácia e a Sérvia estão à frente deles e numa distância maior.

A mãe olha alternadamente para a Croácia e Sérvia. A Sérvia flexiona levemente o joelho. O filho olha para o chão. De repente cai para frente no comprimento do corpo no chão, acompanhado por um grito assustado do público. Em seguida a Sérvia ajoelha-se e está cheia de sofrimento. O representante do filho estende os braços para ambos os lados, enquanto se encontra de bruços no chão. Então se vira para a Sérvia e coloca a cabeça no seu colo. A mãe o seguiu e se ajoelha ao seu lado. Então se deita ao seu lado no chão, virada para ele. O pai se colocou atrás da Sérvia.

O filho quer se aproximar mais da Sérvia, mas esta empurra a sua cabeça. O pai se ajoelha em frente ao filho e pega a sua mão esquerda. A Sérvia se afasta mais ainda. O pai quer pegar o filho pelas mãos, mas este se esquiva e cruza as mãos nas costas, continuando deitado de bruços. A Sérvia sacode a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse desesperada. O pai toca o chão com a cabeça, enquanto coloca as mãos nos ombros do filho. Enquanto isso, a mãe vira-se de costas no chão.

A Sérvia se afasta, sentada. O filho, que está deitado de bruços e com as mãos cruzadas nas costas, levanta a cabeça e olha para a Sérvia. Então ataca a Sérvia por trás, joga no chão e a empurra para baixo. O pai o segura por trás, pelos ombros.

HELLINGER Pare.

para a participante O que o jovem faria se não tivesse perdido ambas as pernas?

PARTICIPANTE Ele teria ido para a guerra.

HELLINGER Ele se tornaria um assassino. Onde está aqui a solução?

A Sérvia se liberta. O filho fica sentado à sua frente. Hellinger conduz o pai para a sua mulher.

HELLINGER *para o pai* Agora olhe para a sua mulher.

O pai limpa as lágrimas do rosto. Então se ajoelha em frente a sua mulher. Agora a Sérvia e o filho estão sentados um ao lado do outro e se olham.

O filho, que está sentado no chão vira-se e se inclina até o chão. A Sérvia, sentada, olha para o chão.

A Croácia está de punhos cerrados e treme de agressividade. A Sérvia se levanta e olha para o chão. O filho estende a mão para ela. Contudo a Sérvia não percebe isso. Então o filho desvia de novo o olhar.

O pai pega a mão de sua mulher e se deita com o peito em cima dela. Então pega com uma mão o seu filho e o puxa para si. Agora o pai está deitado ao lado de sua mulher, abraça-a e inclui o filho no abraço.

A Croácia se dirige para a Sérvia com a mão direita estendida e tremendo. A Sérvia olha para o chão, segura os braços na frente da barriga, como se tivesse grandes dores e se curva bem profundamente para a frente. Então se levanta e olha para a Croácia e quer se esquivar. A Croácia toca as suas mãos. As duas se aproximam uma da outra bem lentamente. Então a Croácia coloca a cabeça no peito da Sérvia.

O pai endireita-se e segura o filho nos braços. Ambos olham para a Croácia e a Sérvia.

A Sérvia pega as mãos da Croácia. A Croácia chora. Então coloca novamente a cabeça no peito da Sérvia. Agora o filho coloca seu braço em torno do pai. O pai coloca o seu braço em torno do filho. Este soluça.

HELLINGER Ok, vou deixar assim. *para os representantes* Agradeço a vocês.

PARTICIPANTE Gostaria que existisse um futuro para essas crianças.

HELLINGER Aqui existe apenas uma solução. Expor-se à dor e, na verdade, à dor impotente. A agressão é renegar a impotência.

PARTICIPANTE Existe muito ódio ali.

HELLINGER Claro. Mas foi uma boa imagem no final. De como a agressividade do jovem, se transformou em sofrimento.

Há pouco, houve um congresso em Würzburg. Lá havia uma mulher da Ruanda. O marido dela e os filhos haviam morrido no genocídio. Ela estava com uma energia assassina muito forte, assustadora. Aqui se pôde ver: as vítimas assumem a energia dos agressores. Então fiz uma sugestão para a solução do problema entre os Tutsis e os Hutus. Todos os mortos serão enterrados num mesmo cemitério. Ao redor do cemitério vai ser colocado um muro bem alto e as portas fechadas. Nenhum acesso mais. Essa é a solução.

Talvez também entre croatas e sérvios. Muitos mortos em ambos os lados, muito ódio. Enterrar todos juntos e fazer luto juntos. Todos eles morreram à toa, por nada. Então tudo precisa ficar no passado, finalmente terminar. Ok?

PARTICIPANTE Sim.

Pensamentos como despedida

HELLINGER *para o grupo* Minha impressão é de que com esta última constelação completamos o curso. Foi uma multiplicidade nesses dois dias, principalmente hoje, de tal forma que nós podemos levar muito, que algo se movimenta na alma e nos dá novos impulsos e também nova esperança e novas possibilidades no trabalho que vem ao nosso encontro.

Sobretudo ficou claro que a alma em sua profundidade quer unir aquilo que se opõe. Se nós formos trabalhar dessa maneira, se realmente confiarmos nos movimentos profundos da alma e lhes dermos espaço, esse é o serviço à paz e à reconciliação.

Para isso é necessário que nós mesmos entremos nos movimentos da alma. Se nós, como ajudantes, somente observarmos e pensarmos: “Ah, isso corre por si só”, então não estamos dentro. Precisamos entrar, nós mesmos, no movimento. Precisamos perceber na nossa alma esse movimento, deixar-nos arrebatar por eles. Então saberemos também o que está acontecendo e quando precisamos interferir. Mas a interferência não surge da reflexão. Entretanto, através da harmonia com esse movimento sabemos: é isso.

Por exemplo, na última constelação o tema real foi homem e mulher. Isso foi evitado no início. Somente depois que isso teve a chance, pôde-se prosseguir. Por si só não poderia ter ido adiante. Aqui o ajudante precisa perceber por que ele entra no movimento: esse é o próximo passo. Se nós entrarmos nesse movimento, estamos a serviço da reconciliação, principalmente nas famílias. Então seremos uma bênção.

CURSO DE TREINAMENTO EM ZURIQUE — JUNHO DE 2003⁷

A arte da ajuda

Este aqui é um curso sobre a ajuda. Como se ajuda eficientemente e como se recolhe da ajuda no momento certo? Reconhecer quando a ajuda é possível e adequada e quando se deve recolher desse trabalho é uma arte. Ajudar por simples compaixão, muitos conseguem fazer isso, na verdade, todos nós. Contudo, ajudar de uma forma que se esteja em sintonia com os outros e com seu destino e sua alma e que com isso ele possa e deva crescer, isso é uma arte.

Aqui queremos ver juntos o que significa essa arte. Portanto, vou trabalhar com casos de supervisão e explicar, através deles quais são os passos individuais para uma solução. Vou fazer com vocês exercícios de percepção para que possam sentir se algo é possível ou não. Dessa maneira aprendemos juntos a ajudar o que ajuda.

Uma vez escrevi um pequeno aforismo sobre a ajuda. *Quem quer ajudar, não consegue mais ajudar*, pois nesse momento ele interfere na alma do outro. O outro é que permite a ajuda. Só assim é seguro e adequado para o ajudante. Quando se exige ajuda, via de regra, não se deve ajudar, a não ser que se trate de um acidente grave ou algo semelhante. Quem exige ajuda se comporta como uma criança, e o ajudante precisa nesse momento se comportar como se fosse mãe ou pai. Ambos começam, então, uma assim denominada relação terapêutica de transferência e de contratransferência. E isso está sempre fadado ao fracasso.

Algo mais ainda, antes de começarmos. Se alguém fizer também uma diferenciação entre o bom e o mau, não conseguirá mais ajudar. Logo que tomamos essa decisão, excluímos alguém. Nós nos posicionamos contra aquele que consideramos mau. Mas a ajuda real para todos somente é possível quando todos têm um lugar em nosso coração, quando reconhecemos que todos têm o mesmo direito de existir e que cada um está

⁷ Este curso foi documentado do vídeo: Bert Hellinger — A ajuda precisa de reconhecimento. 4 vídeos, 7:20 h. À venda na Video Verlag Bert Hellingner, Postfach 2166, D-83462 - Berchtesgaden. À venda também em DVD.

emaranhado a seu modo, mesmo se fôssemos descrevê-lo talvez como o mau, assim como nós também talvez estejamos emaranhados no bom e pensamos que isso seja o bom. Entretanto, o resultado nos mostra que aquilo que consideramos bom, na maioria das vezes, não é tão bom. Por exemplo, aqueles que pensaram que tinham feito o bem, fizeram sempre algo de errado, senão não precisariam apelar e dizer que só queriam o bem. A grande ajuda e a ajuda como arte precisa de força e precisa de reconhecimento, precisa desse amor amplo.

A tristeza

PARTICIPANTE Há dois anos que a cliente vive separada e sozinha com seus filhos. Está muito bem financeira e profissionalmente. Mas ela sempre sente necessidade de chorar e sente também uma pressão no peito...

HELLINGER *interrompe* Ok.

para o grupo Ela é uma típica ajudante que sente compaixão.

para a participante Você sente compaixão pela cliente.

PARTICIPANTE Na verdade isso você não pode julgar direito.

HELLINGER *para o grupo* Mas nós percebemos. Aqui um exercício de percepção para vocês. Ela conseguirá ajudá-la?

para a participante E você, o que pensa? Você conseguirá ajudá-la?

PARTICIPANTE Se sentir compaixão, não.

HELLINGER Você não conseguirá ajudá-la. Através de sua compaixão você excluiu, na verdade, a pessoa mais importante.

PARTICIPANTE Eu mesma.

HELLINGER O marido.

A participante ri.

HELLINGER Ele tem a minha compaixão. Pelo que você descreveu, penso que já estava na hora dele abandoná-la.

PARTICIPANTE É assim também.

HELLINGER Exato. Agora você representa essa cliente e eu represento você.

A participante senta-se de lado, em frente a Hellinger.

PARTICIPANTE Não sei o que acontece comigo. Estou bem. Eu e meus filhos

temos uma casa maravilhosa, um lindo jardim, trabalho com muito prazer, mas (*com voz chorosa*) sempre sinto necessidade de chorar, sempre sinto necessidade de chorar.

HELLINGER É bom que você chore. Sabe por quê? Senão afloraria que você é perigosa.

Longo silêncio.

HELLINGER *para o grupo* O que há agora com a relação terapêutica? Ela não é mais possível. Agora se exige dela.

PARTICIPANTE Se você acha...

HELLINGER Vou apresentar para você.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona.

HELLINGER *para esta representante* Agora centre-se e não importa o que aconteça, você expressa isso exatamente como é, sem tirar nem pôr.

REPRESENTANTE DA CLIENTE Sem palavras?

HELLINGER Sem palavras.

A cliente olha para o chão. Hellinger pede para uma mulher deitar-se no chão de costas, em frente a ela.

A cliente agacha-se e senta-se ao lado da mulher e então, deita-se ao lado dela.

HELLINGER Exato.

para a cliente Agora olhe novamente para a mulher morta e diga-lhe: “Eu matei você.”

CLIENTE Eu matei você.

HELLINGER *para a participante* Por que a cliente tem depressão? Porque ela não olha. No fundo ela quer morrer. Por isso deitou-se imediatamente ao lado da morta. Você sabe quem é?

PARTICIPANTE A cliente?

HELLINGER Não, você está confundindo.

PARTICIPANTE Sim, é a irmã de... Estou confusa.

HELLINGER É uma criança abortada.

Longo silêncio.

HELLINGER *para as representantes* Ok, isso basta. Agradeço a vocês duas. *para a representante da cliente* Que tal foi para você, quando disse: “Eu matei você.”

CLIENTE Era o certo. Foi um alívio.

HELLINGER Exato.

para a participante Depressão aqui significa: eu não olho para um lugar. Atrás dessa depressão esconde-se a agressão. Quando isto vem à luz, ela precisa agir.

A participante sorri e concorda com a cabeça.

HELLINGER *para o grupo* Mesmo se conversássemos por longo tempo com uma cliente, algo assim não viria à luz. Quando se constela, mesmo quando se constela apenas uma pessoa, vê-se imediatamente o que está acontecendo. Aqui ela estava olhando para o chão. Isso significa que no chão está deitada uma morta. Quando coloquei a morta no quadro, a cliente quis deitar-se imediatamente ao lado dela. Isso significa que ela estava se sentindo culpada de uma morte, senão não teria se deitado ao lado dela. Então eu disse para ela expressar: “Eu matei você.” Agora tudo está à luz.

para a participante A questão agora é: o que você vai fazer quando ela vier de novo? Ela virá de novo para você?

PARTICIPANTE Sim. Vou relatar isso a ela.

HELLINGER Não, não assim! Vamos fazer de uma maneira artística. Vou fazer agora um exercício com você. Você é a cliente.

para o grupo Vocês podem fazer o exercício também.

Ela ri.

HELLINGER Então, feche os olhos. Agora vou falar com você como se estivesse falando com a cliente.

Há algum tempo atrás fui até o cemitério. Fui de túmulo em túmulo e olhei para os nomes. Entre duas lápides havia um espaço vazio. Eu pensei comigo: lá jaz talvez alguém sem nome, sem lápide. Então pensei: vou tomar essa pessoa morta em meu coração. Eu me ajoelho e me curvo. Então me vêm recordações, muitas recordações. Fico triste e me pergunto: de onde vem essa tristeza? Então começo a chorar.

Longo silêncio.

HELLINGER *depois de um certo, tempo para a participante.* Está bom assim?

PARTICIPANTE Muito bom.

HELLINGER *para o grupo* Aqui é um curso de treinamento e vou explicar o que fiz. De certa forma foi um exercício hipnótico. Eu conto uma história minha. Não dirijo a palavra à cliente diretamente. Assim ela não precisa se sentir envolvida. Eu coloco, portanto, algo entre ela e mim. Mas ela não pode fazer outra coisa senão ir comigo até o cemitério. Com isso ela é conduzida para algo que falta. Mas não se diz quem ou o quê. Então entro no sentimento que é necessário para ela. Eu descrevo isso. Eu me lembro, fico triste e começo a chorar. A alma dela acompanha, sem que ela saiba o porquê.

para a participante Isso é tudo. Quando você tiver terminado, diga a ela: aqui interrompo a consulta por hoje. Ok?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Tudo de bom para você.

A relação a três

PARTICIPANTE Trabalho com um casal, mas atualmente apenas com a mulher. Há dois anos atrás tiveram uma crise matrimonial... HELLINGER *interrompe* Isso basta. Trata-se então de um casal que teve uma crise matrimonial e agora você continua trabalhando com a mulher. Eu entendi corretamente?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* O que aconteceu nesse meio tempo?

para o participante Devo lhe demonstrar o que aconteceu?

Hellinger escolhe representantes para o marido e para a mulher e os coloca um em frente ao outro e posiciona o participante, também, na constelação.

HELLINGER *para o grupo* Agora vamos observar o que acontece.

O participante olha alternadamente para o marido e para a mulher. Ele se aproxima um pouco do marido, que começa a dar pequenos passos em direção à mulher. Esta permanece imóvel. Após um tempo, Hellinger vira o participante.

HELLINGER *para o marido* Que tal agora, melhor ou pior?

MARIDO Melhor.

Risadas no grupo.

HELLINGER *para a mulher* Que tal, melhor ou pior?

MULHER Eu ainda estou tremendo muito. Ainda não sei.

HELLINGER *para o grupo* É uma relação a três. Porque ele trabalha sozinho com ela, entrou numa relação a três. Ele se coloca no meio dessa relação.

para os representantes Eu lhes agradeço.

O participante ri.

HELLINGER *para o participante* Isso nos mostra como a ajuda pode ser perigosa.

quando o participante quer dizer algo... Espere, vou explicar algo ainda. Nós tivemos todas as informações aqui. Não precisei saber de mais nada.

HELLINGER *para o grupo* O que aconteceu exatamente? Ele teve compaixão pela mulher — por isso ela ainda vem para ele — e excluiu o marido. A mulher se comporta perante ele como uma criança, e ele se comporta perante ela como uma mãe. Se ele se comportasse como um pai, o marido teria um lugar em seu coração. Mas ele se comporta como uma mãe. Muitos terapeutas se comportam em relação ao cliente como mães. Todos que fazem isso não têm respeito pelos homens e excluem os pais e os homens. Essa é a consequência desta assim denominada relação terapêutica.

para o participante Você vê como ela é perigosa.

para o grupo E como se deve ser cauteloso, desde o início, para não cair num tal tipo de relação. Nós caímos nisso quando o cliente se apresenta como necessitado.

para o participante Então os seus instintos maternos são despertados. Isso é, na verdade, maravilhoso, mas não ajuda nada.

O participante ri.

PARTICIPANTE Quando estava lá de pé queria ter me movimentado em direção ao marido.

HELLINGER Eu vi, mas você não conseguia. A mulher havia atraído você para o lado dela. O marido não estava totalmente excluído para você, mas você era um rival. Um segundo homem numa relação é um rival. Puramente pela estrutura é uma relação a três.

para o grupo Muitos aconselhamentos de casal ou terapias de casal, nos

quais o terapeuta trabalha apenas com um dos dois, tornam-se inevitavelmente uma relação a três e impedem a solução.

para o grupo Se agora fôssemos trabalhar com esse casal, com quem precisaríamos continuar trabalhando?

para o participante Quem é o cliente? A mulher, evidentemente, pois o homem estava virado para a mulher. Aqui iríamos supor que algo deve ser solucionado na família de origem da mulher.

Hellinger posiciona a mulher novamente e coloca a mãe em frente a ela.

HELLINGER *para o participante* Agora vou fazer ainda um exercício com você. Coloque-se atrás da mãe.

A mulher e a mãe olham para o chão. Hellinger dá a entender ao participante para se aproximar mais da mãe e colocar as mãos sobre os ombros dela. A mulher dá um passo minúsculo em direção à mãe.

HELLINGER *após alguns instantes, para a mãe* Deite-se no chão.

A mãe deita-se no chão. A mulher coloca a mão esquerda na barriga e treme. Ela dá dois passos minúsculos em direção à mãe. Então segura com a mão esquerda o braço direito. Hellinger dá a entender ao participante para se afastar um pouco.

A mulher aproxima-se da mãe com muita resistência, agacha-se em sua direção, mas não ousa tocá-la, então deita-se ao lado dela. O participante se afastou ainda mais e se virou.

Hellinger pede ao participante para se sentar ao lado dele.

HELLINGER *para o participante* Está claro que aqui não tem nada a ver com o relacionamento de casal. A mulher quer morrer. Pôde-se ver que a mãe dela estava totalmente ausente. Talvez a mãe quisesse morrer ou morreu bem cedo, não sabemos disso. Primeiro, a mulher estava zangada com a sua mãe, talvez porque reprimiu o seu amor por ela. Contudo vê-se que ela quer ficar com a sua mãe e morrer. Agora o problema aparece sob uma luz totalmente diferente. Trata-se de vida e morte. Aqui é sistêmico. Vamos ver então como encontraremos a solução. De acordo?

PARTICIPANTE Sim.

Hellinger coloca novamente o marido e a mulher um em frente ao outro.

HELLINGER *para a mãe* Coloque-se atrás de sua filha, como for o certo

para você.

A mãe afasta-se um pouco, então mais um pouco ainda.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para a mulher* Diga para seu marido. “Quero ir para a minha mãe.”

MULHER Quero ir para a minha mãe.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para o marido* Diga a ela: “Por favor, fique.”

MARIDO Por favor, fique.

A mulher respira fundo. Então os dois aproximam-se um do outro com passos diminutos. Eles alcançam primeiro uma mão e depois a outra. O homem aproxima-se mais e a pega pelo braço. Os dois se olham longamente. A mulher hesita em aproximar-se dele totalmente. Então se abraçam.

HELLINGER Como a mãe está agora?

MÃE Eu me sinto aliviada.

HELLINGER *para o participante* Acho que agora temos a solução.

PARTICIPANTE Obrigado.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

para o participante Agora fui passo a passo, para que pudéssemos ver como a ajuda se desenvolve. Tudo ficou evidente agora. Mas o que você vai fazer quando ela vier novamente? Vou lhe dizer o que me vem à cabeça. É claro que você pode corrigir isso a qualquer hora.

Você pode dizer a ela que gostaria de ter uma conversa a dois com o marido dela.

O representante do marido ri.

HELLINGER *para o grupo* Vocês viram a reação do marido?

para o participante E quando o marido vier, você lhe diz que a sua impressão é de que a mulher quer partir, até mesmo que ela quer morrer e ele deve lhe dizer algo sobre a família de origem dela. Então você o conquistou. Ele estará totalmente de seu lado, de novo. Depois disso você revela talvez o mais importante e talvez possa fazer algo para os dois, da maneira como você viu aqui. Contudo, ficou evidente que a mulher hesitou muito. Portanto, o anseio pela morte é bem forte nela. Mas confie no todo. Você também

precisa saber que aquilo que ocorreu aqui já está atuando nos dois.

E agora mostre a sua habilidade artística.

Ajuda sistêmica

A ajuda para ser bem sucedida precisa ser sistêmica. Isso significa que quando observamos o cliente temos sempre, também, o seu sistema em nosso campo de visão. A psicoterapia tradicional está baseada no fato de que um cliente chega e então é estabelecida uma relação entre o cliente e o terapeuta ou a terapeuta. Se o terapeuta ou ajudante, logo que vê a cliente ou o cliente, vê atrás dele também os seus pais e antepassados, coloca-os em seu coração e internamente se curva perante o destino deles, respeitando-o, e ainda sente atrás de si seu próprio destino e seus próprios pais e antepassados; ele não está mais sozinho e, então, não é mais possível uma relação terapêutica, no sentido acima mencionado. É agora uma relação entre adultos que procuram uma solução e que agem. Essa é a diferença.

A acusação

HELLINGER Alguma pergunta, talvez?

PARTICIPANTE O que você acabou de dizer, tem a ver com aquilo que você diz, que é um lugar ruim para o terapeuta, quando fica atrás da cliente?

HELLINGER A maioria dos clientes reclamam sobre algo: sobre uma pessoa ou sobre uma situação. Se você se coloca internamente atrás do cliente ou da cliente você entra no movimento de acusação e exclui aquilo que eles também excluíram. Então você fica imediatamente impotente. Se você se coloca atrás daquilo que eles acusam, é imediatamente diferente, faz uma grande diferença.

A relação terapêutica

PARTICIPANTE Você diz então que não é mais uma relação terapêutica. Você quer dizer com isso que uma relação terapêutica é sempre uma relação na qual o cliente procura o pai ou a mãe?

HELLINGER Relação terapêutica significa que o cliente se apresenta como necessitado e fraco — ele se apresenta, no fundo, como uma criança — e o ajudante entra diretamente na contratransferência e se comporta como pai ou mãe. Isso é uma relação terapêutica. Impedir uma tal relação já no início — com certas técnicas, que estou mostrando aqui — é uma grande liberação para todos.

O russo

PARTICIPANTE Veio até mim um homem de minha idade. Seu pai esteve na guerra e retornou. O irmão de seu pai morreu na guerra. Após a guerra, seu pai se casou com a mulher de seu irmão, a cunhada. Esse irmão tinha um filho que o pai do homem adotou.

HELLINGER Essa é uma situação que temos muito frequentemente na Alemanha: alguém tem sua mãe às custas de um homem que morreu na guerra. Esse aqui é o caso. Onde está a salvação para o cliente?

PARTICIPANTE Que ele tome a mãe.

HELLINGER A salvação vem, provavelmente, de seu tio, que morreu na guerra. Vamos verificar isso. Vamos constelar o cliente e o tio. Então veremos o que há entre os dois.

para o grupo No início de uma constelação, trata-se de perceber exatamente de que pessoas necessitamos e trabalhar apenas com elas. Só quando alguém precisa ser acrescentado ele é posicionado, não antes.

Hellinger escolhe representantes para o filho e para o tio que faleceu na guerra e os coloca um em frente ao outro.

Depois de um certo tempo, Hellinger coloca o pai ao lado do irmão que faleceu na guerra.

O tio que faleceu na guerra coloca a cabeça no ombro do irmão. Este coloca o braço em torno dele e o segura firme. O tio está muito triste. O filho está indeciso e quer se virar. Ele dá alguns passos para o lado e cerra os punhos.

HELLINGER *para o participante* Você sabe onde o tio faleceu?

PARTICIPANTE Ele esteve na Rússia.

Hellinger escolhe um representante para um russo e o coloca também na constelação.

Quando o russo foi posicionado, o filho se virou e voltou alguns passos.

Depois de um certo tempo, o russo ajoelha-se e deita-se do lado direito, atrás dos irmãos.

O filho está indeciso, vira-se brevemente e depois volta a se virar com punhos cerrados. Os dois irmãos viram-se para o russo morto. Este se afasta deles, arrastando e deita-se de bruços. O tio falecido se agacha e deita-se ao lado dele. Ele toca o russo com a mão, mas este se defende e se afasta.

Então o empurra também com os pés.

O filho está o tempo todo com a mão direita nas costas. Hellinger o conduz até o russo morto. O filho agacha e deita-se ao lado dele. Ele continua ainda com a mão direita nas costas. O tio falecido tenta se aproximar do russo. Contudo, este se afasta cada vez mais dele.

Então Hellinger coloca a mãe do filho. A mãe e o pai se aproximam agora do morto, que está no chão, e do filho deles. O pai se ajoelha e puxa o filho para si. Este coloca a cabeça em seu colo. O pai o segura firme, e o filho começa a soluçar alto. A mãe também se ajoelhou.

HELLINGER *para a mãe* Coloque uma mão no russo e a outra no seu primeiro marido falecido.

A mãe abraça por cima o primeiro marido e o russo. Contudo, ela não consegue conciliar-se com o russo.

A mãe se levanta novamente e dá um passo para trás. O filho continua a respirar pesadamente, enquanto seu pai o segura.

HELLINGER *para o participante* Você sabe em que unidade o irmão do pai esteve? Talvez ele tenha estado na SS.

PARTICIPANTE Eu acho que não.

HELLINGER Ele fez algo de ruim com os russos. O filho está identificado com o russo.

Hellinger pede ao filho para deitar-se entre o seu tio e o russo. Ele deita-se de costas entre eles. O pai levanta-se e coloca-se ao lado da mãe.

O tio coloca o seu braço sobre o filho. Este se vira para o russo.

Então o russo o toca lentamente.

HELLINGER *para o grupo* Agora o russo pega lentamente na mão do filho. O filho é o único que faz luto e sente compaixão.

HELLINGER *depois de um certo tempo* Agora o filho deve se levantar e ir para o pai.

Hellinger coloca os pais bem para trás e posiciona o filho na frente deles.

O filho vai lentamente em direção ao pai e soluça. Primeiro, ele quer empurrá-lo, entretanto coloca a cabeça sobre seus ombros. Os dois se abraçam fortemente. A mãe coloca, por trás, a mão nas costas do pai.

HELLINGER *para o russo* Como você está agora?

RUSSO Bem melhor. Ele aponta para o filho e seu pai. Isso é bom.

HELLINGER Coloque-se atrás do filho com as mãos sobre seus ombros.

O russo abraça por trás o filho e seu pai. O filho soluça alto. A mãe se afasta e olha para seu primeiro marido. Depois de um certo tempo, o russo se solta.

HELLINGER *para o russo* Volte novamente.

para a mãe E você deite-se ao lado de seu primeiro marido.

A mãe deita-se ao lado do primeiro marido. O russo se afasta. O filho está ainda soluçando, nos braços do pai.

HELLINGER Acredito que temos a solução.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

para o participante Foi bom que constelamos isso. Aqui veio uma outra dimensão à luz.

A ajuda a serviço da reconciliação

HELLINGER *para o grupo* Existem soluções quando todos estão incluídos em nosso amor. Aqui houve um sinal significativo: o filho cerrou as mãos, num dado momento. Estava agressivo. Tinha sentimentos agressivos. O russo também os tinha. O filho estava, portanto, ligado ao russo. Quando se vê isso, pode-se interferir como ajudante de maneira correspondente. Vê-se para onde o movimento se dirige e pode-se apoiá-lo. Aqui não teria sido possível sem apoio. Simplesmente deixar ocorrer, isso não é possível. É necessário entrar aí e sentir como os movimentos estão ocorrendo. No final, quando a mulher se afastou, foi claro: ela queria ir para o seu primeiro marido. Isso deve ser reconhecido. Quando se reconhece isso, sem que se continue e se procure uma solução, os grandes movimentos se conservam. No final, vê-se que a reconciliação entre a Rússia e a Alemanha e entre soldados alemães e soldados russos é um processo longo. Se alguém quisesse interferir aí, para acelerar isso, seria ruim. Isso seria então as assim denominadas constelações políticas. Elas estão desprendidas dos movimentos da alma. Isso não é possível.

Contudo, o que aconteceu aqui tocou a todos. Nós sentimos compaixão pelos russos e pelas vítimas russas e também pelos soldados alemães. Por todos, na verdade. Eles todos têm um lugar em nosso coração, agora. Se todos têm, da mesma maneira, um lugar em nosso coração, ficamos numa posição forte.

Estamos conectados com as grandes forças, então, elas atuam através de nós, sem que precisemos fazer muito. Elas atuam através de nossa presença, simplesmente porque estamos ligados a elas. Então somos realmente ajudantes.

Nota complementar

HELLINGER *para o grupo* Com relação ao último trabalho tenho ainda algumas coisas a acrescentar. De certa forma está incompleto. Não tínhamos também espaço suficiente aqui. Eu tinha pensado que, na verdade, precisaria ter colocado atrás dele a sua mãe. O representante do filho sentiu isso.

para o representante Você quer esclarecer isso?

REPRESENTANTE DO FILHO Mal estive de pé e já procurei pela minha mãe ou por uma figura materna. Ela estava me fazendo falta. Com isso a tensão ficou bem forte em mim e também a confusão.

HELLINGER Era a mãe do russo.

para o grupo Nesses tipos de constelação é bem útil quando se colocam os pais. Thomas, o nosso *camera-man*, me disse que viu atrás dos dois mortos os pais deles. Se tivéssemos colocado os pais, então talvez tivesse começado a reconciliação a partir dos pais e ela teria sido mais fácil para os mortos. Estes são pontos de vista que podemos ter ainda.

Sinti e Roma⁸

PARTICIPANTE Uma jovem de 15 anos vive, desde os oito, com os pais de criação. A mãe da mãe biológica foi encontrada afogada num ribeirão. Diz-se que ela era esquizofrênica. Os pais biológicos foram perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial, porque eram Sinti e Roma.

HELLINGER *para o grupo* Ela nos deu em poucas frases todas a informações importantes.

para a participante O que você fez foi muito bom. Agora sabemos imediatamente como podemos trabalhar. Por que a jovem não ficou com seus pais?

PARTICIPANTE As crianças quase morreram de fome. Os pais não conseguiram cuidar delas. Por isso deram as crianças para os pais de criação,

⁸ Povos indo-europeus que foram perseguidos como “ciganos” pelo regime nazista. Muitos deles foram aprisionados e morreram em campos de concentração.(NT)

porque eles podiam cuidar melhor delas.

HELLINGER Que tipo de perseguição foi essa dos Sinti e Roma?

PARTICIPANTE Não sei nada sobre isso.

HELLINGER Isso foi na Alemanha?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* Se deixarmos que isso atue em nós, podemos sentir onde está a energia mais forte, em que tema e em que pessoas. Inicia-se então com eles.

para a participante Com quem está a maior energia para você?

PARTICIPANTE Com os pais biológicos.

HELLINGER Com os sinti e roma?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Para mim também. Ali está a energia mais forte. Por isso vou começar com eles.

Hellinger escolhe representantes para os pais, coloca-os um ao lado do outro e coloca quatro representantes para os perseguidores na frente deles.

O primeiro perseguidor se vira. O segundo se sacode e tosse. O pai olha para o chão. Hellinger escolhe quatro representantes para os sinti e roma que foram assassinados e os deixa se deitarem de costas, no chão.

O pai e a mãe colocam os braços um ao redor do outro. O pai soluça alto. Hellinger coloca uma representante da jovem também.

A filha ameaça cair. Hellinger coloca representantes para os pais de criação.

A mãe de criação apoia a filha. Ela olha para o pai que continua soluçando alto. Então a filha olha também para os pais e soluça. Os pais de criação conduzem a filha para os seus pais. Eles se abraçam, soluçando. Nesse meio tempo, o segundo perseguidor se deita ao lado da quarta vítima e a abraça.

O primeiro perseguidor se coloca ao lado da terceira vítima. Hellinger coloca, então, a filha em frente aos pais e os pais de criação atrás dela. A filha limpa as lágrimas do rosto.

HELLINGER *para a filha* Que tal agora?

FILHA Ainda estou um pouco triste. Mas faz bem.

HELLINGER *para os pais* Agora coloquem a filha no meio e dirijam-se às vítimas e façam uma reverência a eles.

Eles se colocam em frente das vítimas e se curvam profundamente. Os pais de criação também se viram para as vítimas.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para os pais e para a filha* Agora virem-se.

HELLINGER *para os pais de criação* Coloquem-se atrás dela.

HELLINGER *para a filha* Que tal agora?

FILHA Bem mais leve.

PAI Agora está bem.

MÃE Melhor.

PAI DE CRIAÇÃO Um pouco melhor.

MÃE DE CRIAÇÃO Eu me sinto desamparada, totalmente desamparada.

PAI DE CRIAÇÃO *olha para as vítimas* Ainda estou entre eles.

Hellinger vira os pais de criação para as vítimas.

HELLINGER *para os pais de criação* Façam uma reverência também.

Os dois fazem uma profunda reverência.

HELLINGER *após alguns instantes* Agora endireitem-se e virem-se.

HELLINGER *para os pais de criação* Que tal agora?

PAI DE CRIAÇÃO Melhor.

MÃE DE CRIAÇÃO Melhor.

A filha e os pais olham-se carinhosamente. Os pais colocam os braços ao redor dela. Eles dão ainda alguns passos para frente.

O luto que soluciona

HELLINGER *para o grupo* Aqui ficou evidente algo de essencial para a solução. O passado pode ser passado somente depois que tivermos feito luto pelos mortos, pelas vítimas e quando também permitimos que os agressores façam luto pelas vítimas. Simplesmente assim. Então se faz uma reverência a eles e se vira para o futuro. Só assim os mortos encontram a sua paz e os vivos ficam livres para o seu futuro. Portanto, o luto é a condição prévia para que algo possa ficar no passado, é também a condição prévia para a

reconciliação — o luto conjunto.

Contudo, se virarmos novamente em direção aos mortos — alguns querem ainda satisfazer os mortos, por assim dizer, querem talvez se vingá-los — então isso é ruim para todos os envolvidos: tanto para os mortos quanto também para os vivos. É uma realização interna religiosa bem profunda deixar o passado ficar no passado, sem voltar a ele. Contudo, somente depois que tivermos visto o passado, depois que tivermos visto os mortos, depois que tivermos feito uma reverência, eles podem ficar em paz.

Os pais e a filha dão ainda uns passos para frente.

HELLINGER *para a participante* Os pais não puderam cuidar da criança porque estavam identificados com os mortos. Está claro para você?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* Eu agradeço a todos vocês.

para a participante Com quem você trabalha exatamente?

PARTICIPANTE Com a mãe de criação.

HELLINGER Você pode contar a ela o que aconteceu aqui. Isso vai lhe fazer bem. Eles ainda têm contato com os pais biológicos?

PARTICIPANTE O pai faleceu no ano passado. Eles estiveram no enterro com os filhos. A mãe biológica vive ainda. O irmão de oito anos também está nessa família de criação.

HELLINGER Faça um dia um encontro familiar. Talvez vocês possam mostrar o vídeo e assistir a ele juntos. Talvez isso seja uma boa ideia. Algo mais?

PARTICIPANTE Foi isso.

HELLINGER Então, muito sucesso.

O certo

HELLINGER *para uma participante* Do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de uma mulher de 30 anos cujos pais são indianos e moram na Alemanha. Ela cresceu aqui. Sua mãe quase morreu no parto dela. A jovem mulher é deficiente. É como se estivesse dividida em duas. O seu rosto era torto, mas ficou muito bem agora. Ela ainda tem leves deficiências físicas.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente, uma representante para a índia e um representante para a Alemanha e as posiciona.

A cliente se inclina para o lado direito em direção à índia e olha para ela. Então se vira totalmente para a índia, dirigindo-se a ela. As duas se abraçam intimamente.

Ao mesmo tempo a Alemanha se aproxima da cliente. Esta olha brevemente para a Alemanha, mas continua indo em direção à índia. Quando a índia e a cliente se abraçam, a Alemanha se vira.

HELLINGER *depois de um certo tempo, para os representantes* Agradeço a todos vocês.

para a participante Uma pessoa é completa somente em casa.

PARTICIPANTE *concorda com a cabeça* Vai ser difícil para ela aceitar isso. Mas eu já tinha imaginado.

HELLINGER Para quem é difícil?

PARTICIPANTE Talvez para mim.

HELLINGER É claro que para você que é difícil.

Ambos riem.

HELLINGER *para o grupo* O que pudemos observar aqui é um processo muito importante. Aqui se mostrou uma solução. *para a participante* O que seria agora a postura de ajuda do ajudante?

PARTICIPANTE Retirar-se.

HELLINGER Que ele fique feliz com isso. Isso é então como uma bênção para a solução que se mostrou.

A participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Dessa bênção, dessa alegria a cliente ganha a força para fazer isso no momento certo. Mas se o ajudante disser, ela não vai fazer isso.

PARTICIPANTE Eu a havia aconselhado a fazer isso. Eu tinha visto essa solução.

HELLINGER Eu fico com aquilo que se mostrou aqui. Mostrou-se bem claramente: primeiro, o que é a solução que vem do movimento interno, que não vem da cabeça. E segundo, que você fez uma objeção a isso: ela não vai fazer isso. Como isso atua na alma da cliente? Mesmo que a terapeuta só

pense, como isso atua? Você sente isso?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER É isso o que acontece frequentemente com os ajudantes. O que acontece com você, no momento em que concorda com a solução? Você a perde. Você fez uma objeção porque está numa relação terapêutica com ela, de mãe para filha. A objeção parte da mãe que tem medo de perder a criança. Então se vê como essa relação terapêutica barra o caminho e a liberdade da cliente.

para a participante Então, o que você vai fazer agora na prática? Você não precisa me contar. Estou aqui para demonstrar a solução. Com isso protejo também os ajudantes. Eu o assumo com todas as consequências.

Portanto, quando ela vier da próxima vez para você, pode lhe dizer: “Eu li um livro sobre a Índia, fascinante.” Você diz isso sem outros comentários. Então pode dizer-lhe: “Por enquanto vamos fazer meio ano de pausa com a terapia”.

Ela concorda. Risadas no grupo.

HELLINGER *para o grupo* Vocês percebem como isso dá força à cliente? Ela fica imediatamente independente. A relação terapêutica termina, a relação mãe-filha termina, e ela fica em sua força.

para a participante E não importa o que ela faça, você não precisa se preocupar. Se você for perguntar o que ela fez, se tornará imediatamente mãe para ela. Pesquisar é perigoso. Somente os ajudantes em relações terapêuticas pesquisam.

Quando comprei algo no supermercado — algumas vezes compro um abacaxi — a vendedora me dá o abacaxi, eu pago, vou para casa e saboreio a fruta. Se a vendedora mais tarde me perguntar: “Você gostou do abacaxi?”, vocês percebem que isso é estranho? De repente ela faz de mim uma criança e me pergunta com preocupações de mãe.

Terapias são negócios, de certa forma. Está bem assim?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Existem realmente lindos livros sobre a Índia.

Risadas no grupo.

Regras fundamentais da ajuda

HELLINGER *para o grupo* Aqui se trata de perceber as diferenças sutis do efeito de determinados pensamentos e de determinadas palavras. Assim ficaremos sensíveis aos efeitos.

A diferenciação principal é: fortalece ou enfraquece o cliente? Tudo o que fortalece é bom. O que o enfraquece — isso se percebe imediatamente — não é bom. E também: o que me fortalece e o que me enfraquece? Ou aqui neste caso, pode-se perguntar: em que medida me libera ou não? E libera a cliente ou não?

Essas são algumas regras fundamentais. Quando se sabe disso, pode-se encontrar o certo bem depressa, pois o certo é, primeiro, simples e em segundo, quando está certo, não existe outra escolha. Apenas uma coisa é importante. Todo o resto é totalmente errado.

Risadas no grupo.

HELLINGER Mais ou menos.

Nota complementar

HELLINGER Gostaria de retomar o caso.

Hellinger chama a representante da cliente e a coloca em frente à participante. Após alguns instantes, a cliente se afasta lentamente.

HELLINGER *para a cliente* O que ocorre com você agora?

CLIENTE Ela me causa medo.

HELLINGER *para o grupo* A terapeuta ainda está na transferência.

para a participante Está claro para você?

PARTICIPANTE Deve ser assim, então.

HELLINGER Agora diga-lhe: “Eu li um livro muito bonito sobre a Índia.”

PARTICIPANTE *ri* Eu li um livro muito bonito sobre a Índia.

CLIENTE Ela fica imediatamente amigável.

HELLINGER *para a participante* Eu ainda queria ter demonstrado isso.

para a representante Eu lhe agradeço.

para o grupo O pano de fundo é que a participante veio até mim e disse que a cliente é grata à Alemanha etc.. Eu lhe disse: “Você ainda está na transferência e isso não é bom para a cliente.” Eu também lhe perguntei: “Agora a cliente tem mais energia ou menos energia?” E eu lhe prometi

demonstrar isso.

A despedida da transferência

A despedida da transferência é difícil. Vocês sabem por quê? Quem entra na transferência como pai ou mãe, para o cliente, permanece uma criança. Por isso a despedida é tão difícil. Apenas quem está disposto a agir de igual para igual pode-se expor.

Algo mais que gostaria de dizer em relação a isso: quem entra na transferência, oferecendo-se ao cliente como mãe, sobretudo como mãe, se colocou numa posição arrogante perante a própria mãe ou pai, pensando: eu posso ajudá-los. Portanto, a arrogância da criança, em relação aos pais, continua na arrogância do ajudante perante o cliente. Vocês percebem que se trata, para cada ajudante, de algo maior, algo que talvez o deixe confuso. Contudo, o resultado é muito bom.

A dignidade

PARTICIPANTE Trata-se de uma cliente que fica isolada em sua cidadezinha. Seus amigos todos se afastam dela. Ela contou que teve quatro relacionamentos. Três desses homens a abandonaram e ela teve abortos provocados de cada um deles. Ela se casou com o quarto e tem um filho dele.

HELLINGER Qual é a idade do filho?

PARTICIPANTE Sete.

HELLINGER *quando ela quer continuar a falar* Acho que isso é o suficiente.

para o grupo A maneira como ela nos contou nos mostrou o quê? O que ela fez com a cliente?

para a participante Você entrou numa relação terapêutica com ela.

Ela ri.

HELLINGER Com isso, está perdida e não conseguirá mais ajudá-la. Ela se apresenta a você como uma pobrezinha, mas conseguiu lidar com os abortos provocados e se separou de três homens. Muita agressividade na mulher!

PARTICIPANTE Exato.

HELLINGER E você vai receber essas agressões se você continuar assim.

para o grupo Uma relação terapêutica termina geralmente em agressão. Ela só pode terminar em agressão. Por isso, quando se quer ajudar de modo

inteligente, leva-se o cliente a ficar com raiva. Contudo, se possível, de maneira elegante, para que não fiquemos também agressivos ou zangados.

PARTICIPANTE Não consegui fazer isso.

HELLINGER Vamos constelar, para que possamos ver os motivos que estão por trás e aprendermos como proceder.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona. A cliente respira com dificuldade, quer dar um passo à frente, mas hesita e olha para o chão. Hellinger escolhe três representantes para as crianças abortadas e as deixa se deitarem de costas, no chão em frente à cliente.

A cliente bate repetidamente com o pé no chão.

HELLINGER *para o grupo* Vocês podem reconhecer a agressão nos pés dela.

As duas primeiras crianças abortadas seguram-se pelas mãos e desviam o olhar da mãe. A cliente vai lentamente em direção às crianças.

HELLINGER *para a cliente* Deite-se ao lado delas.

para a participante Podemos ver em seus movimentos que ela quer se deitar ao lado das crianças.

A cliente deita-se junto às crianças abortadas e as abraça por cima, todas as três. Ela as olha e então coloca a sua cabeça sobre elas.

Hellinger escolhe um representante para o marido, o quarto companheiro, e o filho e os posiciona.

O pai coloca o braço por trás, ao redor do filho. Então se coloca atrás dele e o pega pelo antebraço.

HELLINGER *depois de uns instantes, para o filho* Siga o seu movimento, vire-se para o pai.

HELLINGER *para a participante* Podemos ver que é esse o movimento.

O filho vira-se para o pai. A cliente olha rápido para eles e coloca novamente a cabeça nas crianças abortadas. O filho coloca a cabeça no ombro direito do pai. Este o abraça. Entretanto, o filho fica de braços pendidos.

HELLINGER *para a participante* Essa é a solução para o filho. Não existe solução para a cliente.

aponta para a imagem da cliente que está sobre as crianças abortadas Essa é a solução. Ela quer morrer. Você não pode interferir.

PARTICIPANTE A avó dela...

HELLINGER Não precisamos saber disso. Se nós fôssemos ainda olhar para o pano de fundo, só desviaria a atenção. Aqui é um movimento bem claro.

Agora o filho também coloca o braço em torno do pai.

HELLINGER *para o grupo* Quando olhamos para isso, vemos que o movimento da mulher é um movimento com dignidade.

para a participante Ela readquire com isso a sua dignidade e grandeza. Todo o resto lhe tira a dignidade. Se nós concordarmos com isso como se mostra, está em ordem. Está bem assim?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

Abortos provocados e suas consequências

HELLINGER *para o grupo* Dentro deste contexto, ainda gostaria de chamar a atenção para algo. Quando se trata de abortos provocados, muitos ajudantes, inclusive eu, têm receio de olhar para isso e interferir, porque isso causa medo.

Em relação aos abortos provocados temos, muitas vezes, o desejo de suavizar. Então dizemos talvez: “Ah, a pobre mulher, ela era ainda jovem” ou algo semelhante. Mas a alma não acredita nisso. Ela não se orienta por isso.

É claro que um aborto é um assunto dos dois e é da alçada dos dois, da mulher e do homem. Contudo, tem na mulher um efeito muito mais profundo, um efeito muito mais abrangente: ela perde algo de sua alma, a sua alma permanece com as crianças, e ela perde algo de sua saúde. Ela deixa algo de seu corpo com a criança abortada. Através do aborto, ela se desfaz de algo. Se, de alguma forma, formos procurar uma desculpa para o aborto, essa pessoa perde sua dignidade e sua força.

Mas se, ao contrário, olhamos isso em sua brutalidade total e deixamos que a mulher diga, por exemplo: “Eu matei você” ou, mais forte: “Eu assassinei você”, isso nos choca. Por mais estranho que pareça, o efeito na cliente é liberador. Não é fácil olhar para isso.

Existem situações em que a mãe não quer dirigir-se às crianças, de forma alguma, e, assim sendo, a criança fica perdida. Naturalmente que aqui existe o perigo de que o ajudante que se deixa levar por isso, de repente, sinta uma agressão contra essa mulher. Que exclua alguém ou condene. Que esqueça a ajuda que está além do bom e do mau.

Aqui a solução foi que a mulher se dirigiu para as crianças abortadas. Entretanto, ainda gostaria de mostrar algo mais.

Hellinger pede aos representantes da cliente e das três crianças abortadas para se deitarem novamente e escolhe um representante para o destino da cliente e o coloca perante ela. Então escolhe três mulheres para o destino de cada uma das crianças e as coloca perante elas. Hellinger posiciona também o representante do filho na constelação e o seu destino perante ele.

Depois de um certo tempo, o destino da cliente vai em direção a ela e se coloca ao seu lado esquerdo. Esta se vira e estende as mãos para ele. A cliente se aproxima do destino e coloca a cabeça em seu peito. Depois de um certo tempo, o destino coloca o braço em torno dela.

A cliente, de cabeça encostada no ombro do destino, olha para as crianças abortadas. O destino do filho pega-o pela mão e se coloca com ele perante as crianças abortadas. Eles seguram-se pelas mãos.

Agora a cliente se solta um pouco de seu destino e olha para ele, nos olhos. Eles afastam-se e seguram-se pelas mãos. Então se abraçam intimamente.

O destino do filho coloca-se atrás dele e o toca nas costas com a mão direita.

O destino da primeira criança abortada senta-se ao seu lado e coloca a cabeça da criança em seu colo.

A terceira criança abortada senta-se, apoiando as costas em seu destino. Este se curva para frente e puxa-a para cima, coloca-se atrás dela e as suas mãos em suas costas.

A cliente vira-se de modo que o seu destino fica atrás dela. Este a abraça por trás. Agora ela olha ereta para frente.

A terceira criança abortada inclina-se para trás e coloca a cabeça no ombro do seu destino. Então ela se vira e os dois se abraçam intimamente.

A segunda criança abortada estende seu braço para trás em direção ao seu destino, ainda deitada no chão. Este a abraça e a puxa para si. A criança está sentada diante de seu destino e virada para ele. Este coloca uma mão

sobre a sua cabeça.

O destino do filho se coloca totalmente atrás dele.

HELLINGER *para a cliente* Como está agora?

CLIENTE Melhor.

HELLINGER *para o filho* Como está agora?

FILHO Queria fugir, mas o meu destino me impediu e me obrigou a olhar para lá.

HELLINGER Por algum tempo.

Hellinger vira então o filho, para que este olhe o seu destino.

HELLINGER Como é agora?

FILHO Assim me sinto bem.

HELLINGER *para a terceira criança abortada* Como você está?

TERCEIRA CRIANÇA ABORTADA Agora estou bem.

HELLINGER *para o grupo* Pode-se ver também nas outras crianças abortadas que agora estão diferentes.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

para o grupo Frequentemente é assim, quando ao ajudarmos trabalhamos primeiro os assuntos pessoais de alguém. De repente não consegue prosseguir. Então é preciso acrescentar algo. Pega-se a sua família, num sentido mais amplo. Mas aqui também se chega, algumas vezes, a um limite onde não se consegue prosseguir. Então se vai para além desse limite. Nós vimos o que era para ser feito aqui. Vai-se a um outro contexto maior. Talvez lá exista uma solução. Entretanto, neste contexto, permanece-se muito modesto.

A comunidade de destino

HELLINGER *para o grupo* Existe uma bela melodia que se chama: “Liberdade que penso, que preenche o meu coração.” Uma vez escrevi com relação a isso um pequeno aforismo: *o cavalo, que pressente o ar da liberdade, cai imediatamente na cilada.*

Quando é que respiramos mais o ar da liberdade? Quando nos apaixonamos. E qual é a cilada, percebemos logo.

Risadas no grupo.

O que é a cilada? É algo pequeno? Ou é algo grande? É algo poderoso é, por assim dizer, a comunidade de destino. Nós somos, do jeito que somos, o destino para outros. E outros se tornam, do jeito que são e porque são do jeito que são, o nosso destino. Talvez vejamos isso de maneira mais intensa no relacionamento de casal. Por que nos sentimos tão atraídos por um outro? Nós nem o conhecemos. Contudo, já existe uma comunidade de destino entre meu destino — isto é, entre aquilo que aconteceu em minha família e aquilo que ainda deve ser colocado em ordem, talvez até muitas gerações atrás — e seu destino e aquilo que talvez ainda tenha que ser colocado em ordem em sua família, muitas gerações atrás.

Tivemos aqui um belo exemplo, quando alguém teve que representar um filho e seu pai estava deitado junto a um russo (*veja pág. 100 e seguintes*). O filho não pôde se esquivar do destino deles. Por isso mesmo ele ajudou os dois a cumprir o destino deles. Ele estava incluído na comunidade de destino dos dois. E isso é grandeza. Ora bolas, que cilada. Aqui se exige o último de nós.

O ajudante sabe dessas comunidades de destino, e presta atenção a elas. Imaginem que loucura se alguém julga que pode mudar o destino de alguém, ou interferir nele ou solucioná-lo. Onde ele está, então? Também numa comunidade de destino. Ele a utiliza então para o seu destino. Contudo, não de uma maneira que soluciona, de uma maneira respeitosa, mas de uma maneira que piora e adia a solução ou adia a reconciliação, ao invés de colocá-la à vista.

Uma pessoa só pode entender este trabalho — este seria o primeiro passo — e então também fazê-lo adequadamente, quando respeita todos os destinos da mesma maneira. Ele sabe quais as forças poderosas que atuam, além do bom e do mau. Aquele que as olha e eventualmente é atingido por elas deixa-se ser tomado a serviço delas.

Somente com essas forças somos grandes e temos força e ajudamos, aparentemente de modo bem modesto, mas atuando de modo violento na profundidade.

A alma perdida

PARTICIPANTE Trata-se de um eritreu, de 47 anos de idade. Ele abandonou a sua aldeia com 16 anos. Ele vem de uma família de farmacêuticos, portanto de uma família de posição. Em Adis Abeba juntou-se à resistência

clandestina. Afiliou-se ao partido comunista e lutou contra o regime militar. Os pais não sabiam de nada. Quando tinha 19 ou 20 anos foi procurado pelo país inteiro com uma ordem de captura, contendo a sua foto. Então veio para a Alemanha através do Sudão.

HELLINGER Qual é o problema dele?

PARTICIPANTE Ele sempre tem a sensação de que ele não é ele, é uma outra pessoa e está dentro de outras pessoas.

HELLINGER Claro. Ele perdeu a sua alma — Para quem? Você não precisa dizer nada. Sinta isso.

para o grupo Sintam vocês também.

para a participante Onde a sua alma ficou? Você descobriu?

PARTICIPANTE No país a que ele pertence.

HELLINGER Com as vítimas que matou. Ele é um assassino, não é um lutador pela liberdade. É simplesmente um assassino. O que alcançou com toda a sua luta, além de muitos mortos? Não alcançou nada. Um verdadeiro lutador pela liberdade alcança algo, pelo menos.

para o grupo Mas ela estava na transferência. Ela estava com pena dele.

quando a participante quer responder Nós ouvimos isso. Da maneira que você relatou ficou imediatamente claro. Eu sei, é uma disciplina muito dura aqui. Contudo, se olharmos para o resultado desta disciplina, é algo liberador. Quem é que tem um lugar em minha alma?

PARTICIPANTE Os mortos.

HELLINGER Exato, todos os mortos. Você percebe a diferença na força?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Vou apresentar isso agora. Escolha uma pessoa para ele.

A participante escolhe um representante para o seu cliente. Hellinger o posiciona.

HELLINGER *para a participante* Agora eu represento você. O que está ocorrendo comigo agora? Aquilo que nós falamos. Eu olho para os mortos. Agora fico à frente dele como alguém que honra os mortos.

Hellinger coloca-se à frente do cliente como representante da cliente. Depois de um tempo, Hellinger dá um passo em direção ao cliente e este

também dá um pequeno passo à frente. Então Hellinger vira-se vagarosamente e olha para o chão. O cliente dá alguns passos para trás e se vira.

Hellinger deixa que quatro representantes das vítimas se deem no chão à sua frente. Então se coloca atrás delas e olha para o cliente.

Depois de um tempo, o cliente se vira, dirige-se lentamente aos mortos e deita-se ao lado, virado para eles. Hellinger deixa a constelação.

HELLINGER *para a participante* Está claro para você?

PARTICIPANTE Sim, está claro.

HELLINGER Essa é a única possibilidade que ele tem de readquirir a sua dignidade. Você sabe o que seria melhor ainda? Ele volta e se deixa ser fuzilado. Então ele tem a sua dignidade total.

Nesse momento, o cliente deita-se de costas na constelação.

HELLINGER *quando a participante quer fazer uma objeção* Trata-se de imagens, se você conseguir encará-las. Não se trata daquilo que ele faça ou possa fazer. Está bem?

PARTICIPANTE Muito obrigada.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês. Voltem à vida novamente.

para o representante do cliente Como foi para você lá embaixo?

CLIENTE No início, não sabia quem era. Quando você foi se voltando, percebi que precisava ir embora, me virar para fora. Não devia olhar para dentro.

HELLINGER E agora, no final?

CLIENTE Bem, muito bem.

HELLINGER Eu lhe agradeço.

A salvação

PARTICIPANTE Trata-se de uma adolescente de 15 anos, que veio até mim após várias tentativas de suicídio. Os antecedentes são: ela cresceu em duas famílias de criação diferentes. Ambos os pais são doentes mentais.

HELLINGER O que significa doentes mentais?

PARTICIPANTE A mãe teve uma grave esquizofrenia e vive num asilo. Até

agora não sei nada sobre o pai, somente que está desaparecido, no momento.

HELLINGER Acho que temos todas as informações.

PARTICIPANTE Talvez ainda uma: ela vive agora num orfanato, depois que houve repetidamente transgressões em relação a ela nas famílias de criação.

HELLINGER Que tipo de transgressões?

PARTICIPANTE Houve uma história de abuso sexual com o tio do pai de criação e, na outra família, com o pai de criação.

HELLINGER *após alguns momentos de reflexão* Depois dessa informação, posso trabalhar agora, melhor ou pior?

PARTICIPANTE Pior.

HELLINGER Exato, pois agora vai ser feita uma diferenciação entre o bom e o mau.

Os dois se olham.

HELLINGER Isso acontece muito depressa. As palavras abuso e transgressão mobilizam agressão. Quem tem agora um lugar no meu coração?

PARTICIPANTE *ri* Os pais de criação?

HELLINGER Sobretudo a mãe. Isso é bem claro.

após alguns momentos de reflexão A criança pode ser salva? Assim, olhando de fora? Olhe uma vez de fora.

PARTICIPANTE *após alguns momentos de reflexão* Não sei.

HELLINGER Essa é sempre uma resposta esperta.

PARTICIPANTE Tenho receio de que ela não possa ser salva.

HELLINGER Dizer algo assim é naturalmente perigoso. Está bem claro, se observarmos superficialmente, não se pode salvá-la. Mesmo assim vou tentar algo.

Hellinger coloca a mãe esquizofrênica em frente ao participante.

HELLINGER *para o participante* Curve-se perante ela, de coração.

A mãe olha para o chão. O participante se curva, mas se ergue novamente.

HELLINGER *para o participante* Curve-se mais. Você queria se curvar mais. Ceda ao movimento total.

O participante ajoelha-se e se curva até o chão, com as mãos estendidas para a frente. Hellinger coloca a cliente também e pede ao participante para se erguer novamente.

A filha também olha para o chão. Depois de um tempo, Hellinger coloca um representante deitado no chão em frente à mãe.

A mãe começa a estender o braço. Hellinger coloca um homem à sua frente.

O homem morto estende sua mão direita para a mãe, mas como ela não reage, abaixa a mão novamente. A mãe estende o braço bem lentamente para o homem que está à sua frente. A filha olha alternadamente para a mãe e para esse homem. Este olha primeiro para o homem que está no chão e quer recuar. Entretanto, Hellinger o aproxima do morto. Enquanto isso, a mãe pega com a mão direita na mão do morto. Ela estende a mão esquerda para o outro homem. Depois de alguns instantes de hesitação, ele também pega na sua mão. A mãe puxa com toda força o homem para si, apesar de sua resistência. O homem morto senta-se e puxa a mãe com violência para baixo. Hellinger pede então ao outro homem para se ajoelhar perante o morto e colocar o braço em torno dele. A mãe e o homem ajoelham-se junto ao morto. Todos os três se abraçam. A mãe continua gritando.

A filha olha para o chão. Então se vira e dá alguns passos para frente. A mãe, o morto e o outro homem estão estreitamente abraçados.

HELLINGER *para a filha* Como você está agora?

FILHA Melhor.

HELLINGER *para os representantes* Vou interromper agora. Nós temos todas as informações importantes.

para o participante Como você está agora aí?

PARTICIPANTE Eu também estou melhor.

HELLINGER *para os representantes* Fiquem aí ainda.

para o grupo Vou esclarecer o que ocorreu.

A filha olhou imediatamente para o chão. A mãe também. Portanto, tratava-se de um morto. Em casos de esquizofrenia sei que sempre tem um assassinato na família. A pessoa esquizofrênica está identificada e representa ao mesmo tempo uma vítima e um agressor.

para a representante da mãe Quando você estava lá, estava identificada com

a vítima. Mas você recuou e olhou para uma outra pessoa. Por isso coloquei o agressor perante você. Ficou imediatamente melhor para você. O agressor queria recuar. Não permiti isso. Eu o conduzi para a vítima.

MÃE Quando puxei o agressor pela mão e ele resistiu, isso quase me dilacerou.

HELLINGER Sim, exato, ele lhe teria dilacerado. Entretanto, quando o agressor e a vítima estão juntos, a esquizofrenia para e a filha não precisa morrer.

para os representantes Está bem. Agradeço a todos vocês. Vocês se entregaram totalmente. Mas é somente assim que podemos aprender.

para o participante É claro que a pergunta é: o que você faz agora com a garota? Ela quer morrer e procura um agressor que a mate.

PARTICIPANTE Isso faz sentido para mim.

HELLINGER Agora olhe novamente para as transgressões. O que esses agressores estão fazendo? Eles foram puxados para essa comunidade de destino. Eles não são livres. Agora eles têm também um lugar em seu coração?

O participante ri e concorda com a cabeça.

para o grupo, antes de começar a trabalhar com um outro participante Deixo isso atuar um pouquinho ainda em nós. Não conseguimos sair tão depressa daí. Precisamos nos envolver, no sentido de que tomemos agora em nosso campo de visão todos que foram mencionados: os pais de criação, o orfanato, o participante, a cliente, a mãe, o pai desaparecido, todos. Permanecemos no mesmo amor perante todos eles, mas sem emoção. É o amor do respeito e do reconhecimento. Distante e, por isso mesmo, profundamente sensível.

O passo que cura

HELLINGER *para o outro participante* Ok, agora estou aberto para você.

PARTICIPANTE Nicol tem 28 anos. Ela sofre alternadamente, algumas vezes também simultaneamente, de medos, alucinações e compulsões.

HELLINGER Tomando o que acabamos de fazer, você tem uma imagem do que poderia ser e como poderia se proceder?

PARTICIPANTE Respirar fundo, é isso o que posso fazer agora.

HELLINGER Vou dizer para você o que ocorre comigo. Agora olho também para o assassinato, para a vítima e para o agressor. Muitas vezes mostro onde procurar. Na verdade pode ser que remonte a muitas gerações anteriores. É assim?

HELLINGER É assim.

HELLINGER O que você sabe?

PARTICIPANTE Sei que os irmãos, os pais e seus avós todos têm sintomas semelhantes de medo e compulsões.

HELLINGER Eles são de que país?

HELLINGER Do lado paterno da Alemanha e do materno, da Suíça.

HELLINGER De que lado estão os medos maiores?

PARTICIPANTE Da parte materna.

HELLINGER Vou colocar uma fileira de ancestrais, então vamos ver o que descobriremos. É também importante para a demonstração, para que possamos aprender como podemos lidar com isso.

Hellinger escolhe uma representante para a cliente e a posiciona. Atrás dela coloca uma representante para a mãe, mas que representa ao mesmo tempo a geração da mãe. Então escolhe outras representantes para a avó, bisavó etc., que representam também, cada uma delas, a sua geração e as coloca uma atrás da outra.

HELLINGER *para o grupo* Agora vamos ver o que acontecerá. Nós só precisamos olhar.

A mãe olha para o chão. A avó empurra a mãe por detrás. A avó se afasta um pouco e apoia em sua mãe. A sexta ancestral fica inquieta e fica girando em círculos. A filha dá um passo à frente. Dessa forma surgem espaços entre a filha e a mãe, a mãe e a avó, e entre a quinta e a sexta ancestral. Hellinger coloca representantes de mortos deitados de costas no chão entre os espaços.

A sexta ancestral deita-se ao lado do homem morto que está à sua frente. A mãe deita-se ao lado do homem morto que está à sua frente e olha para ele. A quarta ancestral caiu no chão. A mãe deita-se ao seu lado. A quinta ancestral ajoelha-se ao lado da quarta ancestral. Hellinger pede para a filha se virar e olhar para tudo isso.

A sexta ancestral levanta-se de novo e se vira.

HELLINGER *para o grupo* Quando existe um movimento de fuga, nós o interrompemos.

para a representante Vire-se de novo e olhe para os mortos.

A filha quer ir para a mulher morta. Ela deita-se a seu lado. Ambas se abraçam. Hellinger coloca a avó perante ela.

HELLINGER *para o participante* Você sabe algo da origem da família e o que se mostra aqui?

PARTICIPANTE Nós tínhamos chegado até esse ponto, até a avó.

HELLINGER Existe ainda uma grande quantidade de acontecimentos importantes atrás.

A avó se ajoelhou também. A sexta ancestral se vira novamente e olha para fora.

HELLINGER *para o participante, apontando para a filha* Isso não leva a nada agora.

Ele pede à filha para se levantar e a conduz para a sexta ancestral. A sexta ancestral vira-se e respira fortemente. Ela se deita de costas no chão ao lado do outro homem, mas afasta-se imediatamente dele.

HELLINGER *para o participante, apontando para a sexta ancestral* Ela é uma agressora, está bem claro.

A filha se movimenta lentamente em direção à sexta ancestral. Quando ela se aproxima, a sexta ancestral se afasta dela.

HELLINGER *para o participante* A filha precisa ir para a pessoa que se virou. Essa é a solução, a solução está com ela. A solução dá certo no final quase sempre com um agressor, não com uma vítima. Vê-se na fisionomia da filha a energia agressiva também. Os agressores têm o maior medo, não as vítimas. Quando alguém fica com esse tipo de medo, sabe-se que é a energia de agressor.

A filha agacha diante da sexta ancestral. Entretanto esta se levanta e recua, premendo os braços de lado. A filha está agora deitada lá, onde esta ancestral estava deitada. Nesse ínterim todos estão também deitados no chão.

HELLINGER *para o participante* Agora entre na constelação como

terapeuta e sinta onde você deve se posicionar. Siga simplesmente a sua sensação.

HELLINGER *para o participante* Agora vou experimentar algo. Não tenho certeza, mas vou experimentar algo.

Hellinger o posiciona ao lado da sexta ancestral. A sexta ancestral se vira e quer se afastar dele.

HELLINGER *para o participante* Agora siga-a.

A sexta ancestral olha ao seu redor, senta-se no chão, mas levanta-se imediatamente. Ela dá um passo à frente e olha breve para o participante. A filha senta-se e olha para ela.

HELLINGER *para a filha* Diga a ela: “Por favor.”

FILHA Por favor, por favor.

A ancestral cruza os braços em frente ao peito. O participante se afasta um pouco. A ancestral olha para a filha, vira-se novamente, olha para longe, olha para o participante, vira-se novamente e senta-se no chão. A filha deita-se novamente, nesse ínterim, mas estende o braço em direção à ancestral. A ancestral levanta-se, vira-se em círculos e se aproxima do participante.

HELLINGER *para o participante* Coloque o braço em torno dela.

Depois de um tempo, a ancestral se coloca do outro lado do participante, mas pega na mão dele. Então se dirige para as vítimas, solta a mão e olha para elas. O participante se coloca atrás dela, a uma certa distância. A sexta ancestral começa a chorar.

HELLINGER *para o grupo, que não consegue ver isso com exatidão* Agora ela está chorando.

A ancestral está inquieta, fica girando em círculos, não sabe para onde deve ir, ajoelha-se, curva-se até o chão e se deita ao lado dos mortos. Hellinger pede à filha que se levante e a afasta. Pede ao participante para ficar atrás dela como proteção e amparo.

HELLINGER *para a filha* Como está agora?

FILHA Melhor. Sinto um calor bom, atrás.

HELLINGER Exato.

para o grupo Então, onde estava a chave? No seu amor pela agressora. Os

agressores ficam suaves só depois que são amados.

HELLINGER *para o participante* Você faz um bom trabalho.

para os representantes Agradeço a vocês todos.

para o participante, após todos terem se sentado Você já estava totalmente no caminho.

PARTICIPANTE Posso dizer algo ainda? A sexta ancestral se comportou exatamente como a cliente. Essa é a chave, e isso é o próximo passo para mim. Inacreditável como tudo se encaixa.

HELLINGER Ótimo. Não precisamos saber de nada exato aqui. Vemos o movimento e o passo que cura, no final.

Vimos isso também em muitas constelações com agressores nazistas. Algumas vezes eles estão lá como Deus, com uma força inacreditável. Contudo, se alguém os ama como seres humanos, eles se transformam em seres humanos. Isso não é belo?

PARTICIPANTE Mas também muito difícil.

HELLINGER Quando se sabe disso, então é possível. Isso é ajudar para além do bom e do mau, realmente para além disso.

Medos

PARTICIPANTE DO PÚBLICO Você disse que os maiores medos estão com os agressores. Você poderia dizer algo mais sobre isso?

HELLINGER Quando alguém tem tanto medo assim, o seu maior medo é de que possa matar alguém. O medo de que algo possa acontecer encobre o outro medo. Quando se sabe disso, pode-se lidar de outra maneira. Atrás desse medo está, muitas vezes, uma grande agressividade.

“Nós olhamos para eles”

PARTICIPANTE Trata-se de uma cliente curda da Turquia. Ela tem quatro filhos. O pai dos filhos, seu marido, esteve na prisão na Alemanha, durante dez anos, por tráfico de drogas. A família mora na Suíça Oriental. O marido não pode voltar mais para a Suíça. A mulher, minha cliente, não tem energia alguma. Nos últimos anos tem estado cada vez mais sem energia e tem tido fortes dores. Seus filhos também, principalmente seus filhos maiores, não têm energia alguma.

HELLINGER Sim, claro. Você tem compaixão de quem? Nós sabemos disso,

ouvimos isso imediatamente. De quem você tem compaixão?

PARTICIPANTE Da cliente.

HELLINGER E dos filhos.

PARTICIPANTE De todos que conheço.

HELLINGER De quem tenho compaixão?

quando ela quer responder imediatamente Não tão depressa assim.

PARTICIPANTE Dos filhos.

HELLINGER Não, com os que morreram por causa de drogas. Tráfico de drogas é assassinato.

A participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Você percebe a diferença na força?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER E onde está a salvação para os filhos?

PARTICIPANTE Com as vítimas?

HELLINGER Como precisamente? Qual seria o passo?

PARTICIPANTE Que eles deem um lugar e então se virem.

HELLINGER Aqui está indo tudo muito rápido. Não é possível que seja tão mecanicamente. Eles precisam primeiro olhar para os mortos. Então dizem ao pai deles: “Nós olhamos para eles”.

Ela concorda.

HELLINGER Nem ele e nem a família toda olha para eles. Então lá está a solução. Mas não quero apresentar isso em seus detalhes. Você sabe agora o que tem que fazer?

PARTICIPANTE Sim.

A saída

HELLINGER *para uma participante* Do que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se do filho de uma cliente. Ele tem 28 anos e é esquizofrênico. Depois de tudo que vi até agora, me vem o avó paterno, que esteve na legião estrangeira.

HELLINGER Então está bem claro.

HELLINGER *após refletir por uns instantes* Eu iria sugerir algo ao jovem. O que você pensa que iria sugerir ao jovem? Vá à legião estrangeira.

Ambos olham longamente um para o outro.

HELLINGER Com ele vai ficar então, melhor ou pior?

PARTICIPANTE Provavelmente melhor.

HELLINGER É claro que vai ficar melhor. Não tenho nada contra a legião estrangeira. Eles fizeram o trabalho sujo para os outros. Deve-se agradecer a eles, de certa forma. Se ele disser: “Eu também vou para lá”...

A participante sorri.

HELLINGER *para o grupo* Só esse pensamento coloca tudo de ponta-cabeça.

para a participante Posso deixar assim?

PARTICIPANTE *ri* Sinto que está um pouco insatisfatório.

HELLINGER Você está, na verdade, numa relação terapêutica.

PARTICIPANTE *ri* Durante a manhã toda fiquei imaginando que sim.

Risadas estrondosas no grupo.

HELLINGER Parece que a maioria aqui está aprendendo muito depressa. A pergunta agora é: o que você faz para sair desta relação? Isto agora é a supervisão. Então, o que você faz quando a cliente vem novamente? Reflita: o que tem força?

para o grupo Vocês precisam aqui pensar em algo. Logo que existe uma transferência e uma contratransferência, uma relação mãe e filho, quem assume o controle? Sempre o cliente. O terapeuta dança conforme a música do cliente.

para a participante Algumas vezes lindas danças, danças interessantes. E como é que você fica novamente com o controle da situação? Quando você o tiver novamente em suas mãos, a relação terapêutica cessa. Eu posso fazer-lhe uma sugestão, mas vou esperar até que você mesma procure: qual seria aqui a possibilidade?

PARTICIPANTE *depois de refletir muito* Sinto que tenho um *blackout*.

HELLINGER Ok, eu vou lhe dizer. Você diz à cliente que gostaria de ver o filho sozinho. Não diga nada mais, somente esta frase.

Os dois olham longamente um para o outro.

HELLINGER Agora ela precisa dançar e você deu o compasso. Não importa o que resultar daí. Você assumiu o controle. E a relação terapêutica cessa.

Os dois sorriem um para o outro.

A confissão

PARTICIPANTE Preparei um caso com um estudante de 24 anos. Mas ontem recebi um telefonema de uma mulher que fez anteriormente uma constelação comigo. Ela relatou sobre a sua irmã que teve uma criança pequena e que já precisou ir duas vezes para o hospital. Isso não me deixa em paz.

HELLINGER *ri* Ah, sim.

O grupo todo ri junto.

HELLINGER *para a participante* Com quem vou trabalhar agora?

PARTICIPANTE Talvez comigo?

HELLINGER Com o estudante. Você sabe que já fui padre e escutei também confissões.

PARTICIPANTE Oh Deus!

HELLINGER Isso fazia parte da profissão. Mais tarde descobri algo importante sobre a confissão. Para o padre, isso não é difícil. Ele trabalha, por assim dizer, em nome de Deus, e nada fica com ele depois. Mas um terapeuta, a quem se confessa...

HELLINGER *ri* Bem, sim.

HELLINGER Você deu ouvidos a ela. O que você deve fazer aí? Então, o que você vai dizer a essa mulher? Ela deve visitar a sua irmã e apoiá-la. Está bem?

PARTICIPANTE Sim, obrigada.

HELLINGER Pois aqueles que confessam, querem que os outros façam algo. Mas eles mesmos não fazem nada. Logo que alguém os leva a fazer algo, eles próprios, a coisa fica em ordem para os envolvidos. Resolvemos este caso?

PARTICIPANTE Sim, obrigada. *Ela ri.*

A careta

HELLINGER *para a mesma participante* Agora o outro.

PARTICIPANTE Esse estudante de 24 anos sempre vê uma careta. A constelação familiar foi há um ano e meio atrás. Ele vê uma careta, quando quer dormir.

HELLINGER Ok, isso já basta para mim. Esse é o fato. Vamos trabalhar com isso.

Hellinger escolhe um representante para o estudante e o posiciona.

HELLINGER *para a participante* A careta é masculina ou feminina?

PARTICIPANTE Segundo a minha sensação, feminina.

Hellinger escolhe uma representante para a careta e a posiciona também.

HELLINGER *para a representante da careta* Agora entre no papel com empatia e respeito.

para a participante É claro que sei quem é a careta. Devo dizer?

Ela ri.

HELLINGER Vou cochichar ao homem que está ao meu lado. Ele dirá a você mais tarde.

Hellinger cochicha para o homem.

A careta olha para o chão. Hellinger pede para uma mulher se deitar de costas no chão, na frente dela.

HELLINGER *para a participante* Você sabe o que cochichei para ele, quem era a careta? Uma pessoa morta, que não foi reconhecida. Já se vê isso.

HELLINGER *para a representante do cliente* Vou tirar você do alvo. O acontecimento está se desenvolvendo lá.

Hellinger coloca-o de lado.

A careta olha ininterruptamente para a pessoa morta e se afasta um pouco.

HELLINGER *para a participante* Na verdade, a careta é uma assassina, que quer finalmente que a verdade venha à luz.

HELLINGER *para a representante da careta* Diga à morta: “Fui eu.”

CARETA *baixinho* Fui eu.

Ela respira com dificuldade.

HELLINGER Diga alto.

CARETA Fui eu.

HELLINGER E eu assumo isso.

A careta se abaixa, segura o rosto com as mãos e quer se aproximar da morta. Mas esta se afasta dela.

HELLINGER *para a participante* No movimento de afastamento da morta vê-se que foi um assassinato.

Depois de um tempo, a careta se deita, mas de uma forma que está virada para a morta. Quando ela olha para a morta, ela se afasta mais ainda. Hellinger coloca então o cliente em frente à morta e à careta.

HELLINGER *para o cliente* Diga à careta: “Eu vejo você.”

CLIENTE Eu vejo você.

HELLINGER “E eu olho para ela.”

CLIENTE Eu olho para ela.

HELLINGER “Comigo ela não fica esquecida.”

CLIENTE Comigo ela não fica esquecida.

A morta vira a cabeça para ele.

HELLINGER *para o cliente* Olhe para ela.

A morta se aproxima dele. Ele se ajoelha e pega a mão dela. Ambos olham longamente um para o outro.

HELLINGER *para o cliente* Agora levante-se, vá até a careta e acaricie a cabeça dela.

O cliente se ajoelha junto à careta, acaricia com cuidado a sua cabeça e olha para a morta. Esta também virou a cabeça para ele e para a careta.

HELLINGER *para a participante* Não quero levar isso ao fim. Está bem claro qual será o movimento que cura. Está claro para você também?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER As duas vão se unir depois de algum tempo. A morta vai se aproximar da careta e a careta irá para ela. O passo definitivo foi: a careta ficou suave, quando foi reconhecida e amada pelo cliente.

Hellinger coloca agora o cliente de uma forma que ele possa olhar para as duas.

A careta estende a mão para o cliente.

HELLINGER *para o cliente* Siga o seu movimento. Ele é bom. Siga exatamente o seu movimento.

O cliente se ajoelha entre as duas. Ele pega primeiro a mão da morta e então a mão da careta. Ele olha alternadamente para a morta e para a careta.

HELLINGER *para a participante* Agora a vítima fecha os olhos. Vê-se que ela quer fechar os olhos. Agora chega a paz para ela.

depois de um tempo, para o grupo A careta ainda está de olhos abertos.

Mas está bem assim.

depois de um tempo, para o cliente Agora levante-se e vá para frente.

O cliente se levanta e vai para frente.

HELLINGER *para o cliente* Como você está agora?

CLIENTE Melhor. Bem.

HELLINGER É claro que você ficou grande e cresceu aqui. Você se envolveu com algo grande.

para a participante Ele fez isso.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

para a participante O que tem a fazer, você já sabe. Não preciso dizer-lhe nada.

para o grupo Aqui fica de novo claro: o agressor precisa de carinho. O destino de um agressor é o destino mais pesado. Ele precisa da maior empatia.

Morrer substitutivamente

PARTICIPANTE Trata-se de uma jovem de 19 anos, que é a filha de uma cliente. Essa jovem quer morrer.

HELLINGER Quem é a cliente que veio até você?

PARTICIPANTE A mãe.

HELLINGER Ok. — Então quem quer morrer?

PARTICIPANTE A filha da cliente.

HELLINGER Quem quer realmente morrer?

PARTICIPANTE A mãe.

HELLINGER A mãe, é claro. Não precisamos ficar fazendo rodeios.

para o grupo Quando alguém vem com um problema de uma outra pessoa, sempre se sabe que o problema é exatamente da pessoa que vem até nós.

para a participante Não precisamos perder tempo aqui.

PARTICIPANTE *sacudindo a cabeça* Não tenho muita certeza.

HELLINGER Ok, vamos ver isso.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona. A participante quer persuadir Hellinger, mas ele não quer ouvir.

HELLINGER *para a participante* Você está percebendo que não está em sintonia com ela, quando faz essas observações? Se você não estiver em sintonia, não vai conseguir mesmo ajudar.

A mãe olha para longe, então se ajoelha. Depois de um tempo, desliza de joelhos para frente e olha para o chão.

Hellinger coloca um homem à sua frente.

O homem vira-se. A mãe olha longamente para ele, fica de cócoras e se levanta novamente.

HELLINGER *para a mãe* Diga a ele: “Se você não olha, eu olho.”

MÃE Se você não olha, eu olho.

O homem não se move. Hellinger pede ao homem que se deite de costas perante a mãe. O homem não se movimenta.

HELLINGER *para o grupo* É claro que aqui nós interferimos, como ajudante. Uma coisa assim, não podemos deixar passar.

Hellinger vira o outro homem. Ambos, o homem e a mãe, olham para o morto. O homem se movimenta lentamente em direção ao morto. Quando a mãe também quer se aproximar, Hellinger a vira. O morto se vira para o homem e olha para ele.

HELLINGER *para a mãe* Como é agora?

MÃE Um pouco melhor.

Hellinger a afasta mais. O homem se aproxima do morto.

HELLINGER E agora?

MÃE Mais leve.

Hellinger coloca a filha em frente a ela.

HELLINGER *para a mãe* Diga a ela: “Agora eu fico.”

MÃE *sorrindo* Agora eu fico.

A mãe e a filha vão ao encontro uma da outra.

HELLINGER *para a participante* Está claro o suficiente para você?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para os representantes* É o suficiente. Agradeço a vocês todos. *para o grupo* Quero explicar os passos e o que aconteceu aqui. *para a participante* Primeiro a mãe olhou para alguém e depois olhou para o chão. Ela olhou no lugar de alguém para o chão. Por isso coloquei um homem em frente a ela. Logo que ela foi até o morto, ela pôde virar-se. É tudo tão fácil, quando se confia nos movimentos da alma. Ok?

Ela concorda com a cabeça.

O ajudante como guerreiro

HELLINGER *para o grupo* Gostaria de dizer algo geral sobre a ajuda.

O ajudante é um guerreiro. Tem a energia de um guerreiro, um guerreiro espera até que a coisa fique realmente séria.

Uma vez li um livro de Groddeck. Ele disse algo sobre emaranhamentos psicossomáticos sob o ponto de vista psicanalítico. É um livro muito bom. Ele observou as gralhas e as distinguiu. A gralha líder — a alfa — é sempre bem calma. Apenas as outras é que são espalhafatosas.

Assim é também com a ajuda. Os que começam a ajudar imediatamente não têm força. Portanto, o que fazemos é observar e ir a uma guerra, na qual se trata do último, isto é, de vida e morte. Na terapia decisiva, na ajuda decisiva trata-se sempre de vida e morte. Então procuramos: quando esse conflito será superado e ganho? Primeiro, olhando-se para a morte do cliente — sem medo.

Em uma guerra existem vítimas. Alguns ficam para trás. O ajudante os inclui também em seu campo de visão. Ele sabe que alguns ficam para trás. Se formos nos ocupar com eles, perderemos a guerra. Passamos por cima disso até que o decisivo apareça, seja visto e superado.

O guerreiro não é corajoso, é esperto e trabalha estrategicamente. Estratégia significa: como enfraqueço o inimigo? Como tiro a força dele? Talvez também a coragem? Ele enfraquece quanto mais eu espero. Então, no

momento decisivo, cai a palavra significativa, a pessoa significativa é introduzida e o passo decisivo é feito.

Quando se ganhou a batalha, não se vê mais o ajudante. Ele já se encontra na próxima guerra. Ele perde a festa da vitória. Ele não precisa disso. Porque quem ganhou foram as forças com as quais estava de acordo.

A ordem

Gostaria de dizer algo sobre a ordem. A ordem é equilibrada. Quando algo está equilibrado de tal forma que se complementa, se sustenta mutuamente, se apoia e está direcionado a uma meta, de modo que a ordem sirva a esta meta, então temos uma boa ordem. Algumas vezes as metas e as circunstâncias mudam e então a ordem muda também. Ela precisa entrar em um novo equilíbrio.

E a ajuda ocorre segundo uma ordem. Mas qual é a ordem na ajuda? O que deve estar em equilíbrio aqui, de maneira que possa servir à meta de uma forma completa?

Quando um ajudante encontra um cliente, como é que os dois podem ter uma ordem para si? O que acontece se os dois começam uma relação terapêutica? O que entra talvez em desordem com isso, em um sistema maior? Por isso, quando se ajuda, deve-se considerar o todo maior em que tanto o ajudante quanto o cliente estão inseridos.

Primeiro, faz parte desse todo maior os pais do cliente, sua família, sua origem e seu destino especial, que resulta do sistema a que ele pertence. E quando trabalho com o cliente, poderei reconhecer se aquilo para o qual ele se direciona é benéfico para todo este sistema e serve à ordem nesse sistema? E vou reconhecer onde está a desordem e o desequilíbrio nesse sistema? Quando reconheço, coloco isso em ordem, mas servindo, por assim dizer, a partir de uma posição inferior. Na verdade, esta é a posição correta do ajudante. No sistema todo ele tem a posição inferior. Só assim o que faz está em ordem, pode estar em ordem, pode fomentar a ordem para um sistema maior. Depois que isso aconteceu, ele não é mais importante para esse sistema. Então ele se recolhe.

É nisso que devemos pensar, quando ajudamos.

Cartas de “amor”

PARTICIPANTE Trata-se de duas meninas que tem oito anos de idade e

moram num orfanato. Elas expressam o desejo de ir para uma família de criação, mudar de região.

HELLINGER O que há com os pais?

PARTICIPANTE A menina mais velha foi dada pela mãe logo após o parto. Segundo a mãe de criação, a mãe queria matar a criança, então eles a pegaram. A mãe de criação tinha perdido sua própria criança antes, quando tinha cerca de cinco ou seis meses. Estava novamente grávida, quando a criança veio para ela e teve depois uma menina. As duas meninas cresceram com a mãe de criação e respectivamente, com a mãe biológica...

HELLINGER Isso é demais para mim. Senão vou ficar desnorteado. Tenho uma imagem clara e vou trabalhar primeiro com uma das meninas. Vou constelar três pessoas: a mãe biológica, a criança e a pessoa que está faltando.

PARTICIPANTE *ri* O pai.

HELLINGER Você esqueceu-se dele também. Qual é a mudança de região que a criança procura?

PARTICIPANTE Ela quer ir morar num sítio.

Hellinger ri.

PARTICIPANTE Para o pai? Não sei se isso agora...

HELLINGER *continua rindo* É assim com as terapeutas maternais. O que está mais próximo foge de sua visão.

PARTICIPANTE O pai de uma das meninas...

HELLINGER Vamos constelar isso.

Hellinger coloca o pai e a mãe um em frente ao outro. Ele coloca a filha à mesma distância dos pais.

A filha olha primeiro para a mãe e depois para o pai. A mãe vira-se e olha para o chão. Hellinger deixa uma mulher deitar-se em frente a ela.

A filha dá um passo para o lado e vira-se para o seu pai. Ele vai em sua direção. Ambos se abraçam intimamente.

A mãe aproxima-se da mulher morta. Esta rola no chão e afasta-se da mãe, que quer aproximar-se.

HELLINGER *para o participante* Essa é a criança assassinada. Não

precisamos continuar mais.

para os representantes Agradeço a todos vocês. Já chegamos ao final.

para o participante Está claro para você?

PARTICIPANTE Não.

Os dois se olham por um longo tempo.

HELLINGER Portanto, seu amor por essa menina é bem incompleto. E como ele fica completo? Se você olhar para ela e nela respeitar e amar o pai dela. Faça isso. Feche os olhos. Sinta a força que você adquire com isso. E sinta o amor da menina por você. Faça isso apenas internamente. Então você estará em ordem e terá força a partir daí.

O participante concorda com a cabeça.

HELLINGER Agora vou fazer ainda um exercício com você. Feche novamente os olhos. Imagine que você encontre o pai. Mas você não faz nada, a não ser escrever toda semana uma carta a ele e simplesmente conte sobre isso para a menina. Toda semana uma carta. O que muda em você, na menina e no pai? Simplesmente porque você escreve essas cartas?

O participante abre os olhos e olha para Hellinger.

HELLINGER A menina vai pular no seu pescoço, morrendo de amor por você.

Os dois riem alto.

HELLINGER Agora está claro para você?

PARTICIPANTE Sim, está bom.

HELLINGER Vamos deixar assim, apenas com uma dessas meninas. Acho que você percebeu algo essencial e nós aprendemos algo essencial. Eu também imaginei isso vivamente e fiquei feliz com isso. Ok?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* Se formos seguir rigidamente a ordem que imaginamos e exigirmos que o pai assuma a responsabilidade, no que isso ajudaria?

para o participante É melhor entrar suavemente em sua alma, fazer um pouco de cócegas nela, e algo se desenvolverá lentamente em amor.

Este não é absolutamente um trabalho difícil, e ele causa prazer. Você será

criativo em tudo aquilo que escrever a ele. Não é necessário ser uma longa carta, mas sempre algo. Como já estou vendo você será irresistível.

Ambos riem.

A retirada

PARTICIPANTE A cliente é divorciada e tem três filhos. O mais velho tem problemas com drogas, a do meio se fere e tem grandes problemas na escola e a mais nova adora tudo que é militar. O pai da cliente tinha uma posição de liderança no distrito de Posen, na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial.

HELLINGER Vamos nos centrar da maneira que fizemos antes.

Feche os olhos. Vou conduzi-lo nesta meditação. A primeira coisa é que você curve-se perante o pai dela e suas vítimas — foram talvez um milhão de vítimas — e perante o seu líder e o destino poderoso atrás de todos. — O destino é o véu que está na frente de algo grande que está atrás, oculto, e revela simultaneamente o divino, para além do bom e do mau. — O pai pega agora seus filhos pela mão. A mãe está à direita e as crianças estão no meio. Todos se seguram pelas mãos e curvam-se perante esse destino, deitam-se de bruços no chão, estendem os braços para frente e choram. Você se recolhe. Você os deixa lá, seja lá o que for que aconteça com eles.

Depois de um certo tempo, Hellinger coloca a sua mão sobre a mão do participante. Ele abre os olhos e olha para Hellinger. Os dois concordam com a cabeça.

HELLINGER Isso é a única coisa adequada.

A concordância

PARTICIPANTE Trata-se de um homem de 23 anos de idade que nasceu com uma deficiência. Ele tem paralisia, costas abertas e também uma paralisção da bexiga⁹. Tem surtos psicóticos e está, no momento, em uma clínica. De tempos em tempos, fica agressivo.

HELLINGER Quem veio até você?

⁹ Meningomielocele: má formação congênita caracterizada pelo defeito de fechamento posterior das vértebras sacrais e lombares, levando à exposição da medula espinal e como consequência, paralisia dos membros inferiores e comprometimento grave da função da bexiga. (NT)

PARTICIPANTE A mãe.

HELLINGER *após refletir por uns instantes* O que esse jovem quer de coração?

PARTICIPANTE Eu acho que ele quer ir para a sua mãe.

HELLINGER Ele quer morrer.

A participante concorda com a cabeça, comovida.

HELLINGER É isso que ele quer. E devemos permitir. Está claro para você?

PARTICIPANTE Está claro para mim.

HELLINGER A questão é: como você vai lidar com a mãe? Ela é a sua cliente. O que você deve fazer quando ela vier para você? Nós podemos falar sobre isso agora.

PARTICIPANTE Posso dizer algo ainda? Tenho um determinado papel. Sou a representante da instituição de tutela. E ela veio para mim porque ocupo essa função.

HELLINGER Bom, acho que isso não faz diferença. Aqui se trata de algo de ser humano para ser humano, não de papel para papel.

Nós dois vamos fazer, agora, algo juntos. Você é a mãe e eu sou você. Ok? Você me diz algo agora.

PARTICIPANTE Não consigo mais cuidar dele. Por favor, faça isso.

Meditação: “Eu estou aqui”

HELLINGER Feche os olhos. Agora olhe a criança depois de seu nascimento, depois para o pai da criança e diga a ele: “É nosso filho”.

PARTICIPANTE É nosso filho.

HELLINGER Então olhem juntos para a criança e digam-lhe: “Você é nosso filho.”

PARTICIPANTE Você é nosso filho.

HELLINGER “Nós tomamos você como nosso filho.”

PARTICIPANTE Nós tomamos você como nosso filho.

HELLINGER “E nós tomamos conta de você como nosso filho.”

PARTICIPANTE E nós tomamos conta de você como nosso filho.

HELLINGER “Até quando nos for permitido.”

PARTICIPANTE Até quando nos for permitido.

A participante está muito comovida.

HELLINGER E agora olhe para o destino atrás desta criança, o destino dela. E olhe para o seu próprio destino. Ele está ao lado do destino da criança. Curve-se perante eles.

Ela curva-se bem profundamente.

HELLINGER E agora coloque essa criança nos braços do destino dela. Você fica perante o destino, que está com a criança em seu colo. E diz: “Eu estou aqui”.

PARTICIPANTE Eu estou aqui.

HELLINGER “E eu fico aqui.”

PARTICIPANTE E eu fico aqui.

HELLINGER *depois de um certo tempo, quando ela abre os olhos* Eu também fico aqui.

A participante está muito comovida.

PARTICIPANTE É bom assim.

HELLINGER Ok. Bom

Perspectiva

HELLINGER *para o grupo* O que vivenciamos aqui mostra o quanto este trabalho se desenvolveu. A grandeza que se mostra aqui é que o essencial começa onde a diferenciação entre o bom e o mau cessa e onde o destino atua. Tudo no fundo é bem fácil com esta postura, porque o maior toma de repente as rédeas em suas mãos.

Quão mínima é toda a teoria, todo esse querer ter razão sobre aquilo que é certo e errado. Quão pequeno? Isso é como quando as crianças querem construir o mundo numa caixa de areia. O mundo continua no seu ritmo, deixando de lado a caixa de areia.

Vou contar ainda uma pequena história, que resume esse desenvolvimento. É uma antiga história minha. Se entrarmos nesse movimento, permanecemos no fluxo.

O caminho

Um filho procurou o velho pai e pediu:

“Pai, abençoa-me antes de partir!”

O pai falou: “Que a minha bênção seja
acompanhar-te por um trecho,
no início do caminho do saber”.

Na manhã seguinte saíram ao ar livre,
e partindo da estreiteza de seu vale
subiram uma montanha, para um curso de treinamento.

Quando chegaram ao cume, a tarde caía,
mas a paisagem, em todas as direções,
até a linha do horizonte, estava banhada de luz.

O sol se pôs, — e com ele o seu radioso brilho.

Caiu a noite.

Mas quando escureceu,

luziram

as estrelas.

Apêndice

AS CONSTELAÇÕES FAMILIARES COMO FILOSOFIA APLICADA

Palestra proferida no Congresso regional em Garmisch-Partenkirchen - fevereiro de 2004

As Constelações Familiares como Psicoterapia

Gostaria de dizer como as Constelações Familiares se desenvolveram e como continuam a se desenvolver, segundo a minha experiência. No início, as Constelações Familiares eram, no fundo, uma forma de Psicoterapia. Portanto, nós as oferecíamos no contexto da Psicoterapia e para pessoas que procuravam Psicoterapia. Frequentemente eram pessoas que estavam doentes de corpo e alma. As Constelações Familiares as ajudaram. A postura que tínhamos era a do treinamento psicoterápico, na qual tínhamos sido treinados e para o qual estávamos direcionados. No início, isso marcou muito as Constelações Familiares.

Qual era a postura? Era a ideia de que aqui está um cliente, um necessitado e ali um terapeuta que foi treinado em determinados métodos e agora conhece as Constelações Familiares e as utiliza no sentido da Psicoterapia. E, na verdade, não era terapia individual, porque aqueles que se utilizavam das constelações já tinham ultrapassado esse momento. As Constelações Familiares se desenvolveram no contexto da Terapia Familiar. Como terapeutas, *fizemos* algo seguindo aquilo para o qual tínhamos sido treinados. E estávamos treinados a *fazer algo*. Constelávamos as famílias dessa forma também. Nós deixávamos que os clientes escolhessem representantes e deixávamos que eles os constelassem; então interferíamos segundo as nossas ideias e também o que tínhamos aprendido sobre as ordens de relacionamentos e procurávamos uma solução. Primeiro olhávamos para o problema e então procurávamos a solução. Isso trouxe muita bênção.

Ir com a alma

Então ficou óbvio que os representantes são muito mais importantes do que imaginamos, no início. Revelou-se que eles estavam em contato direto com um campo maior e trouxeram algo à luz, simplesmente porque se deixaram levar pelos movimentos que os impulsionavam, por aquilo que ia além daquilo que no início descobrimos sobre as ordens do amor. De repente fomos confrontados com situações totalmente diferentes e com outros movimentos. Portanto, deixamo-nos conduzir cada vez mais por esses

movimentos, que contradisseram muitas vezes as nossas ideias.

Então alguns tentaram interrompê-los e, ao invés de esperar por aquilo que se mostrava, interferiam. Foi necessário um certo tempo até que vi — agora falo de mim — que se eu suporto que é necessário esperar e se me exponho ao que se mostra, chegamos a uma profundidade que vai muito além da Psicoterapia. Aqui somos levados de repente a entrar em contato com poderes fatais, perante os quais falhamos.

De repente vemos, por exemplo, que alguém se sente atraído inexoravelmente para a morte. Ou alguém sente que precisa morrer. Com quais métodos que aprendemos na psicoterapia podemos, então, fazer algo aqui? Podemos realmente fazer algo? Ou aqui a ajuda chega a um limite onde o soltar se torna importante? E onde a ajuda real começa, quando deixamos de agir? Uma outra força assumiu aqui a liderança. Eu me deixo levar por essa força e, de repente, sei se devo fazer algo e o que devo fazer, mesmo se no início, algumas vezes, pareça ser absurdo. Mas eu vou com esse movimento e então resulta algo que nunca poderia ter previsto antes.

Portanto, isso vai além do contexto da terapia familiar e, por fim, da Psicoterapia. Portanto o que começou com as Constelações Familiares tornou-se um ir com a alma. Qual alma? Não a própria, não a do cliente, não a do representante, mas uma alma que atua em todos da mesma maneira.

Se entrarmos em sintonia com essa alma, ficamos seguros. Nós permanecemos parados perante algo impalpável, e o impalpável fica de repente palpável no resultado.

Ir com o espírito

Como tudo na vida, nada fica parado. Eu já havia pensado que, com o ir com a alma, o desenvolvimento teria atingido o seu final, talvez. Mas não é assim. De repente percebi que as experiências que tivemos com as Constelações Familiares e com os Movimentos da Alma conduziram a conhecimentos bem mais abrangentes do que havíamos imaginado até então, e que esses conhecimentos necessitam de uma ação que também vai além daquilo que eu havia imaginado sobre o que seria o bom e o certo. O que é agora? Vou agora com o espírito, para além das Constelações Familiares e do ir com a alma. De repente esse trabalho se torna Filosofia Aplicada. Ao invés de olharmos para sentimentos, aquilo que percebemos através do sentimento, agora o espírito tem a sua vez e exige outras maneiras de ação totalmente diferentes

aos do ir com a alma.

Vou esclarecer com um exemplo. Um cliente reclama de seus pais ou reclama do que ele ou ela vivenciou de ruim na sua infância. Originalmente tínhamos pena desse cliente e pensávamos: "Vamos ajudá-lo." Mas se penso filosoficamente, através do espírito, não existe nada de ruim. Isso não pode existir. Se atrás de tudo atua uma força criativa, não existe nada que possa contradizer isso. Portanto, agora olho filosoficamente para essa situação e exijo do cliente que ele também veja a sua situação filosoficamente e que diga: "Não importa o que tenha sido: obrigado. Tomo isso como uma força. Eu tomo esses pais como pais especiais, que me dão forças especiais e essenciais para a minha vida." De repente, tudo o que aconteceu se transfigura. Fica precioso.

Como o terapeuta se comporta então? Ele já não é mais um terapeuta, é agora, na verdade, um filósofo. Ele não tem nenhum pesar. Pelo contrário, concorda também com aquilo que é ou que foi. Com isso são liberadas forças que ultrapassam a Psicoterapia.

Vamos tomar os pais como exemplo. Observando filosoficamente, todos os pais são perfeitos. A simples observação já mostra que aquilo que fez com que os pais se tornassem pais o fez perfeitamente, sem qualquer redução. Portanto eles merecem o respeito mais profundo, porque dessa forma serviram à vida. Portanto, filosoficamente, como filósofo, tomo esses pais como Deus — não importando o que isso signifique — sem diferenciação em meu coração. De repente estou num nível totalmente diferente e, aí, não chego a nenhum final.

Quando mostrar aqui, então, o meu trabalho, irei sobretudo com o espírito. É uma oportunidade para vocês receberem esse tipo de procedimento e experimentarem o quanto estão capacitados e prontos para ir com ele.

Contudo, não existe nada perfeito. Tudo nesse caminho, as Constelações Familiares como eram e os Movimentos da alma são preciosos da mesma forma, pertencem todos a esse mesmo movimento. Quem se deixou conduzir por eles e abre o seu coração para isso sabe e sente que deve crescer. Através desse trabalho somos obrigados a crescer internamente. Com isso fica evidente que aqui não se trata mais apenas de uma cura ou solução de problemas. No final, trata-se da vida em sua multiplicidade. O que fazemos serve à vida, como ela quer se desenvolver por si mesma.

As ordens do espírito

Quando fazemos as constelações familiares nos deixamos dirigir por aquilo que é vivenciável. Partindo de nossa experiência, reconhecemos também determinados padrões de relacionamentos. As Constelações Familiares têm a ver com relacionamentos. Com elas, fica evidente que os relacionamentos seguem determinadas ordens, assim como o corpo segue determinadas ordens para que continue saudável. Nós concordamos com essas ordens e nos comportamos de maneira correspondente.

Entretanto, de onde vêm essas ordens? Do corpo? Não. Da alma? Também não. Pois a ordem segue, também, determinadas ordens. Portanto, deve existir algo que vem antes das ordens e que as determina.

Então existe o espírito, o espírito humano. Entretanto ele também segue ordens. Immanuel Kant, cujo dia da morte está se aproximando, descreveu as ordens do pensamento. Nós só podemos pensar dentro de determinadas ordens. Kant as denomina categorias. As categorias de espaço e tempo ou de causa e efeito nos são preestabelecidas. Só podemos pensar dentro dessas categorias. A lógica também segue regularidades que nos são preestabelecidas. Portanto, também o nosso espírito, embora sobrepuje e ultrapasse a alma, segue determinadas ordens.

Contudo, deve existir ainda algo que determina essas ordens. Se eu observo o mundo filosoficamente, então tudo está em movimento, nada está parado. Existe então atrás de todos os movimentos, por assim dizer, um movimento original que determina e mantém os movimentos em andamento. Um movimento original que talvez — agora estou sendo ousado — também movimenta. É uma força original criativa. Criativo significa que algo está em movimento. Algo estático não pode ser criativo, somente algo em movimento. É essa a força original que determina as ordens.

Agora é estranho que, quando olhamos para os movimentos da alma, vemos que neles, de repente, algo que não está em ordem se mostra. Não está em ordem, não no sentido daquilo que sabemos sobre as ordens. Neles, algo criativo tem a sua vez e cria de repente uma nova ordem.

Se acompanhamos esse movimento da alma, chegamos a uma conexão com o espírito e vamos com o movimento do espírito. Isso seria aqui o importante.

A Filosofia

A Filosofia aqui não é certamente aquela filosofia que assombra a cabeça de muitos, como se fosse um fantasma. Eu olho para a filosofia em seu sentido original. O que os filósofos fizeram originariamente? Eles olharam independentes para o mundo como ele aparece, contra as ideias de sua época, contra os métodos de sua época, contra os mitos de sua época, contra as crenças de sua época. Sem preconceitos e principalmente sem medo. E com isso chegaram a novos conhecimentos. Por isso esses conhecimentos se confirmaram na ação e no efeito. Um conhecimento que não conduz à ação e não se confirma na ação, é vazio. A filosofia originária é completa, está totalmente a serviço da vida.

Tomemos agora Heráclides, certamente um dos bem grandes. Ele diz frases simples e de efeito abrangente, se nós as percebemos, realmente. Por exemplo, a frase: "Tudo flui." O que isso pode significar, expliquei um pouco com o exemplo do desenvolvimento das Constelações Familiares. Ou a frase: "Ninguém entra duas vezes no mesmo rio." Por exemplo, ninguém faz a mesma constelação duas vezes. Isso não existe. Isso significa também que não importa o que uma pessoa aprendeu das Constelações Familiares, no caso concreto isso vai ajudá-la pouco, porque o rio que ela observou antes e percebeu continua fluindo. Portanto, dessa frase simples e desse conhecimento simples decorrem consequências abrangentes. Aqui também faz parte a frase que para muitos é chocante: "A guerra é o pai de todas as coisas. Sem guerra não há progresso." Isso destrói, por exemplo, determinadas ideias sobre Deus. Também destrói as metas sublimes de muitos que querem salvar o mundo. Quando percebemos, de repente, que estas frases também são instruções para a ação, nos comportamos de um modo totalmente diferente. Por exemplo, também em face a críticas.

No início trabalhamos com as Constelações Familiares e as novas descobertas sem pensar muito sobre elas. Mas, as experiências que coletamos com as Constelações Familiares nos mostraram que o mundo é diferente daquilo que pensávamos. Por exemplo, veio à tona, através das Constelações Familiares, que um sistema tem uma instância condutora comum, não importa como denominemos isso. Por exemplo, como uma consciência comum ou como uma alma comum ou como um campo mórfico. Logo que tenhamos visto isso, precisamos pensar de maneira diferente. Por exemplo, precisamos pensar de maneira diferente sobre a consciência e agir também de maneira correspondente.

O que isso significa, agora, para nossa ação presente? Se penso filosoficamente e vejo realmente que tudo é dirigido por uma outra força, perante essa força não existem nem bons ou maus. Essa diferenciação fica suprimida. Portanto, a ajuda tem êxito aqui se eu deixo o julgamento. Eu o deixo devido à compreensão filosófica.

Quando, por exemplo, uma cliente conta: “Fui estuprada” ou “Sou vítima de abuso”, imediatamente somos tentados a tomar partido e ficar de um lado e ir contra o outro. Então não poderemos mais ajudar. Mas se eu vou com o espírito, então vejo os assim denominados agressores no mesmo nível das assim denominadas vítimas. Eu os vejo como seres humanos do mesmo tipo. De origens diferentes, emaranhamentos diferentes, mas com o mesmo direito. Se, então, no momento em que escuto isso me recolho e dou a cada um dos atingidos um lugar em meu coração, de modo igual, estou conectado com o espírito e recebo compreensões e força que levam adiante.

Acontece que, atualmente, as Constelações Familiares e aquilo que se desenvolveu dela é atacado. Atacado por aqueles que diferenciam entre agressores e vítimas, que querem, por exemplo, que se persigam os agressores, tornando-se em suas almas, eles mesmos, assassinos. Não é tão fácil suportar tais investidas. Contudo se eu utilizo essa compreensão também em relação a eles, eu também os tomo em meu coração. Também eles estão no espírito. O que eu faço, agindo, é ir com o espírito. Aqui está o futuro. Aqui está aquilo que reconcilia e aquilo que leva a vida adiante.

A reconciliação no espírito

Vou fazer uma pequena meditação. Vocês podem fechar os olhos. Primeiro, centrem-se. Quando a alma sofre, onde é que a sentimos no corpo? Nós nos deixaremos conduzir pelo sofrimento da alma para o lugar do corpo, que sofre também. Então vamos com a alma para dentro desse lugar, tornamos uma unidade com ela e tentamos verificar e sentir em que direção ela olha, talvez também para que pessoas ela olha. Talvez uma pessoa para com a qual sentimos culpa ou uma pessoa que foi expulsa ou, ainda, uma pessoa com a qual estamos zangados. Então olhamos em nosso espírito para essa pessoa com amor. Nós esperamos a dádiva que nos é presenteada por essa pessoa ou por essa situação. E tomamos isso em nosso corpo e em nossa alma.

FILOSOFIA APLICADA / RELAÇÕES DE AJUDA

Ordens da ajuda Bert Hellinger

A nova obra fundamental de Bert Hellinger.

Apoiar e ajudar-se mutuamente é um elemento sustentador das relações humanas. É um aspecto central no âmbito do trabalho psicossocial.

Bert Hellinger salienta neste livro as ordens básicas da ajuda. Elas dizem respeito não somente ao dar e o tomar entre pais e filhos, mas também à ajuda profissional na psicoterapia ou no trabalho de assistência social. A ajuda pode ter êxito mais facilmente quando essas ordens são respeitadas.

Neste livro de treinamento, Hellinger esclarece as condições básicas da ajuda, confronta as ordens da ajuda com as “desordens” correspondentes e mostra, através de inúmeros exemplos, as consequências resultantes para os ajudantes e para os que procuram ajuda. Assim fica evidente que as Constelações Familiares e o trabalho com os Movimentos da Alma, se diferenciam das outras formas de psicoterapia e de aconselhamento, sobretudo na postura do ajudante.

Ordens da ajuda é um livro revolucionário com todas as suas consequências e mostra as Constelações Familiares e seu desenvolvimento atual.

ISBN 85-98540-05-6



9 788598 1540054

EDITORA ATMAN

editora@atmaneditora.com.brwww.atmaneditora.com.br